

O BREXIT : SERÁ O FIM DA UNIÃO EUROPEIA?

**Coletânea – P.Timm org. – Uso em sala
de aula – 24,junho-2016**



Índice

Apresentação

**O CUSTO INTANGÍVEL DO FRACASSO EUROPEU - J.LUÍS
FIORI**

O Sonho Acabou? Paulo Timm

A (Desunião Europeia)

O "Brexit" e os seus admiradores – Rui Tavares

Britânicos viram as costas à União Europeia e entram em território desconhecido – A.Fonseca Pereira

**Os cenários possíveis em caso de saída –
Teresa de Souza**

E a União Europeia é um projecto falhado – F.Louçã

**O Reino Unido sai da UE e Cameron de Downing Street
– Pedro Cordeiro**

**Referendo britânico forçará UE a fazer mudanças seja qual
for o resultado – Claudi Perez**

Britain and the EU - A tragic split

Global banks hammered by U.K. vote - Sophia Yan

**The referendum campaigns have revealed a fractured
country - Anne Perkins**

Referendum day: rain, floods – but at least the shouting was over - John Grace

A União Europeia está morta. Longa vida à União Europeia! Por François Huteau*

Um olhar a partir de Londres: um país dividido e uma “City” atordoadada

The Brexit Vote — Paul Craig Roberts

Apresentação

O CUSTO INTANGÍVEL DO FRACASSO EUROPEU

JOSÉ LUÍS FIORI 0-2011

“Se fosse possível hierarquizar sonhos, a criação da União Européia estaria entre os mais importantes do século XX. Depois de um milênio de guerras contínuas, os estados europeus decidiram abrir mão de suas soberanias nacionais, para criar uma comunidade econômica e política, inclusiva, pacífica, harmoniosa, sem fronteiras, sem discriminações e sem hegemonias. Um verdadeiro milagre, para um continente que se transformou no centro do mundo, graças à sua capacidade de se expandir e dominar os outros povos, de forma quase sempre violenta, e muitas vezes predatória.”

Os sinais de desagregação são cada vez maiores e freqüentes, e já não cabe dúvida que o processo de “unificação européia” entrou num beco sem saída. É quase certo o calote da dívida grega, e é cada vez mais provável a ruptura da zona do Euro, que teria um efeito em cadeia, de grandes proporções, dentro e fora do Velho Continente. Ao mesmo tempo, a vitória da França e da Inglaterra, na Líbia, aumentou a divisão e aprofundou o cisma alemão dentro da OTAN. Por outro lado, os governos conservadores europeus estão em queda livre, e sua alternativa social-democrata não tem mais nenhuma identidade ideológica. Os intelectuais batem cabeça e a juventude busca novos caminhos um pouco sem rumo. O próprio ideal da unificação européia tem cada vez menos força, entre as elites, e dentro de sociedades em que se dissemina a violência e a xenofobia. Parece iminente o fracasso europeu.

Em tudo isto, chama a atenção que o avanço da catástrofe anunciada venha sendo acompanhado por uma consciência cada vez mais nítida e consensual a respeito das causas últimas, econômicas e políticas, da própria impotência européia.. Do lado econômico, todos reconhecem a falta de um Tesouro europeu com capacidade unificada de tributar e emitir dívidas, junto com um BC capaz de atuar como emprestador de última instância, em todos os mercados, garantindo a liquidez dos atuais títulos soberanos nacionais que deveriam ser extintos e substituídos por um único título público unificado, para toda a zona do euro. E quase todos já reconhecem a impossibilidade de uma moeda soberana e de um BC eficaz, sem um estado que lhes dê credibilidade e poder real de ação, em particular nas situações de crise. Uma posição que só poderia ser cumprida, neste momento, pela Alemanha, que não quer ou não pode fazê-lo, ou por um estado central que ninguém aceita..

Do mesmo forma, pelo lado político, o aumento da fragilidade e da fragmentação da Europa, vem sendo atribuído pelos analistas, de forma quase consensual, ao fim da Guerra Fria e à unificação da Alemanha, junto com o aumento descontrolado da UE e da OTAN, que passaram da condição de projetos defensivos, para a condição de instrumentos de conquista territorial e expansão da influencia militar e econômica do ocidente, dentro da Europa do Leste, e já

agora, também, na Ásia Central e no Norte da África. O alargamento em todas as direções, da UE e da OTAN, aumentou suas desigualdades sociais e nacionais, e reduziu o grau de homogeneidade, identidade e solidariedade que existia no início do processo de integração, quando ele era tutelado pelos EUA, e tinha um inimigo comum, a URSS..

Agora bem, quando os analistas da crise europeia se dedicam a traçar cenários futuros, quase todos calculam o tamanho da desgraça em termos estritamente econômicos, em bilhões e trilhões de euros. E pouco se fala dos custos intangíveis do fracasso europeu no campo das idéias, dos valores e dos grandes sonhos e símbolos que movem a humanidade. Um verdadeiro impacto atômico sobre duas pilastras fundamentais do pensamento moderno: a crença na viabilidade contratual de um governo ou governança mundial; e a aposta na possibilidade cosmopolita, de uma federação ou confederação de repúblicas, pacíficas, harmoniosas, e sem fronteiras ou egoísmos nacionais. Duas idéias europeias que foram concebidas num continente extremamente belicoso e competitivo, mas que foi o grande responsável pela criação e universalização do sistema de estados nacionais modernos e do próprio capitalismo. Agora os europeus estão experimentando na pele a impossibilidade real de suas utopias, ao tentarem construir um governo cosmopolita e contratual a partir de estados nacionais extremamente desiguais, ponto de vista do poder e da riqueza.

O problema grave e insanável é que a falência do “contratualismo” e do “cosmopolitismo”, deixa os europeus sem mais nenhum sonho ou utopia coletiva. Em poucas décadas, no final do século XX, eles enterraram o seu socialismo, e agora, no início do Século XXI, estão jogando na lata do lixo, o seu “cosmopolitismo liberal”. E estão deixando o resto do sistema mundial, sem a bússola do seu criador, porque o sistema seguirá em frente, mas o seu “software” europeu está perdendo energia e está se apagando.

Setembro de 2011.

Paulo Timm – 24 junho 2016

CONSUMOU-SE A SAÍDA DA G.BRETANHA DA UNIÃO EUROPEIA

BREXIT: Será o fim da União Europeia?

CONSUMOU-SE A SAÍDA DA GRÃ BRETANHA DA UNIÃO EUROPEIA

Paulo Timm – Economista, 72 , Pós Graduado CEPAL/ESCOLATINA – Prof. (ap) UnB . Fundador do PDT, Lisboa 1979. Candidato aos Governos de GO e DF por este Partido.

Coletânea BREXIT:

<http://www.paulotimm.com.br/site/downloads/lib/pastaup/Obras%20do%20Timm/160624054804UNIAO EUROPEIA BREXIT.pdf>

A Europa amanheceu triste - eu, aqui em Portugal, onde me encontro, inconsolável - e chocada com a vitória do BREXIT , na Grã Bretanha, isto é , a decisão de seus eleitores de se afastarem da União Europeia. Maioria estreita: 52% x 48%. . Os ingleses aderiram, sempre, com ressalvas, ao projeto de unificação da Europa. Jamais se subordinaram à zona do EURO, mantendo o que consideram o substrato básico de sua soberania, a libra esterlina. O Euro, não obstante, fortaleceu-se como moeda comum da União Europeia, controlada pelo Banco Central Europeu com sede em Frankfurt, este, o pivot do que aqui se denomina TROIKA, a odiada trinca da Austeridade Fiscal.

Muitas perguntas a todo este processo de saída da Inglaterra: Por que os ingleses saíram? Como ocorrerá esta saída? Que consequências internas e para o conjunto da Europa acarretarão?

O plebiscito, em primeiro lugar, além de apertado resultado, foi uma decisão tipo SIM x NÃO. Diante disso, não há como garantir direitos da minoria perdedora. Muitos britânicos consultados nesta manhã, declararam-se simplesmente devastados com o resultado. Difícil teste à democracia. Votaram a favor da saída do euro-projeto os condados do interior, o país de Gales, os mais velhos os menos instruídos e de menor renda, vale dizer, grande parte dos trabalhadores. Votaram contra a saída Londres, Escócia, Irlanda do Norte, os mais jovens e instruídos, os detentores de maior renda, certamente os trabalhadores da City. O assunto, por vez primeira, extrapolou os parâmetros da velha divisão entre esquerda e direita. Em princípio, esteve tudo misturado.

Sinteticamente, apesar do apoio de sindicatos e alguns setores de esquerda a vitória do EXIT é uma vitória da DIREITA

DEMAGÓGICA que se fortalecerá no continente Marine Le Pen, Geert Wilders e o partido extremista alemão AfD, além de Donald Trump nos Estados Unidos, que são os portadores, nos seus países, dos mesmos temas:

Aversão à imigração;

o nacionalismo;

e o que um autor denomina "supremacia do parlamento e os argumentos sobre a falta de democracia na União Europeia".

Não obstante, foi a INGLATERRA , sempre, o mais forte porta voz do neoliberalismo no Parlamento Europeu. Logo, o BREXIT quer mais autonomia para maior NEOLIBERALISMO INTERNO na GB, em nome de uma maior suposta soberania para a promoção do desenvolvimento nacional.

A saída da GB não será automática. Levará anos. Há Acordos e Tratados a serem seguidos. Tudo indica, contudo, que a GB tentará negociar uma posição privilegiada para seus produtos que têm grande peso no mercado europeu. Talvez tente uma condição de "meio-integrante" da UE, resguardando-se apenas os bônus desta participação., à semelhança do que a Noruega, que jamais participou do bloco , já detém.

A principal consequência do BREXIT, além da queda imediata do Primeiro Ministro conservador que defendeu (mal) a permanência do seu país no bloco , é o fortalecimento do nacionalismo e da direita na Europa, com o corolário de referendos semelhantes em vários outros países. A palavra de ordem da direita populista será substituir UNIÃO EUROPEIA por uma EUROPA UNIDA POR NAÇÕES SOBERANAS. Voltamos aos anos 30 do século passado.

A UNIÃO EUROPEIA é uma alternativa ruim, mas não há saída fora dela. Pelo menos, é um caminho de pavimentação da paz do continente e aprofundamento da tolerância e da democracia. . Isso não é pouco. A esquerda mais consequente tem rejeitado o excesso de rigor fiscalista da TROIKA, que já açoitou Grécia, Portugal, Irlanda e Itália. Em vários países, a esquerda já defende o abandono do projeto da UNIÃO EUROPEIA, considerando-o falido.

O mundo inteiro, porém, está, , na verdade, diante de um dilema: Se ficar o bicho pega , se correr o bicho come.

Ou seja, o NEOLIBERALISMO não é, por certo, o único nem melhor caminho, sobretudo para as economias menos desenvolvidas, mas **não há clareza de algum Projeto Alternativo e das forças capazes de sustentá-lo democraticamente**. Quando a esquerda avança, acaba isolando-se e perdendo a capacidade hegemônica e eleitoral. E mesmo quando a alcança, como foi o caso da Grécia, vê-se na contingência de dar alguns passos atrás para não perder a Governabilidade e o apoio da opinião pública.

Antigamente, nos bons tempos do marxismo-leninismo, diante destas situações, de crise do capitalismo e emergência de situações revolucionárias, a esquerda tinha, pelo menos, uma Teoria Crítica associada à ação revolucionária: Proclamava a necessidade da “Revolução”, através de um Partido de Classe, do Assalto ao Poder e da Edificação do Socialismo coma base numa economia centralmente planejada. Fiat lux! Estávamos, senão salvos, seguros. Hoje, isso está fora de cogitação. Não há clareza sobre QUE FAZER? . Nestes casos, o pior a fazer é aderir aos clamores xenófobos e segregacionistas da extrema direita, abandonando as alianças que podem, pelo menos, salvar a democracia, dando tempo à reflexão sobre como construir alternativas viáveis. O grande problema do nosso tempo, enfim, não é o da crise do capitalismo, mas de saber para onde e como iremos, pois, como não se cansa de afirmar S. Zizek, não é certo que o mundo caminhe inexoravelmente para o socialismo. Não para o que nos acostumamos a entender nos manuais estalinistas como tal.

O SONHO ACABOU!

Paulo Timm – junho 23 Especial para A FOLHA, Torres RS

“

CULTURA NÃO QUER DIZER ECONOMIA

"Desde a juventude que sou um apoiante da União Europeia. Acredito na unidade fundamental da cultura europeia, aquém das diferenças linguísticas. Percebemos que somos europeus quando estamos na América ou na China, vamos tomar um copo com os colegas e

inconscientemente preferimos falar com o sueco do que com o norte-americano. Somos similares. Cultura não quer dizer economia e só vamos sobreviver se desenvolvermos a ideia de uma unidade cultural."

Umberto Eco – Entrevista EXPRESSO

<http://www.elfikurten.com.br/2015/09/umberto-eco-migracao-e-refugiados.html>



VOTE TO END ATTACKS ON WORKERS' RIGHTS

It's a myth that the EU is in favour of workers. In fact the EU is attacking trade union rights, collective bargaining, job protections and wages. This is already being enforced onto member states which have received EU "bailouts". There are 21.2 million unemployed workers in the EU.
(Source: Eurostat, the EU's information agency, June 2016)



VOTE TO END AUSTERITY

If you join a union you expect members of the union to protect each other in times of trouble. The European Union has done the opposite. It has used the economic crisis to impose austerity and privatisation on member states. The EU assisted in the desindustrialisation of Britain and prevents state aid for manufacturing rescue and renewal.



VOTE TO STOP THE ATTACK ON OUR NHS

The Transatlantic Trade and Investment Partnership (TTIP) trade agreement being negotiated between the EU and the United States will promote big business at the expense of government protections and public service organisations including our NHS!



VOTE TO SUPPORT DEMOCRACY

None of the decision makers in the EU are elected. They are all very rich bureaucrats and bankers. They make most of the laws and take the decisions which affect our lives. We have no democratic say over these Laws.



"The real case for (the EU) has never been spelled out, which is that there should be a fully federal Europe in which we become a province. It hasn't been spelled out because people would never accept it."
Tony Benn



TUA EU
Trade Unionists Against the EU

www.tuae.co.uk

**VOTE TO
LEAVE
THE
EU**

THE PEOPLES' BREXIT!

Escrevo de Portugal, onde me reencontro, de tempos em tempos, com minha amada e com minhas profundas raízes no Velho Continente. Sempre me considerei um europeu transplantado, sem desdouro aos bons ares americanos, aos quais me aquerenciei, sobretudo no Rio Grande do Sul. Nosso Estado, a propósito, foi o último a ser colonizado e quando da Independência do Brasil, cuja sociedade já estava formada, embora com pouca gente, não passávamos de um conjunto de estâncias autônomas, pouco vinculadas a modesta capital, Porto Alegre. Sobre esse pano de fundo sobrevieram as migrações, a cultura da pequena propriedade, a valorização do trabalho livre, o empreendedorismo e as calorosas

disputas político-ideológicas que desembocaram em guerra civil. Tudo muito diferente do Brasil. Parecido com a Europa....

Cá estou, pois. E a ausência de sobressaltos na política nacional me abre espaço para sair , literalmente, do tema que ultimamente me concentra e consome: A crise no Brasil... A prisão de Paulo Bernardo, ex-ministro de Lula preso no dia 23, a Polícia Federal postada na sede do PT em SP , na madrugada do mesmo dia, um vídeo mostrando o Senador Sérgio Guerra , então presidente do PSDB, negociando para frear CPI da Petrobras em 2009. (globo.com) e o foragido de operação sobre avião que caiu com Eduardo Campos encontrado morto (Folha) já nem comovem, nem abalam a República. Parece que banalizamos o mal...

Como anda, pois, a Europa – e aqui me refiro à Europa Ocidental, hoje aglutinada em torno da União Europeia?

Diria que, como quase todos os lugares do Planeta, tensa: crescimento medíocre, altas taxas de desemprego, ameaças terroristas, trinques na ideologia da unificação. A era de placidez das belas comédias românticas de Holywood, que faziam o contraponto ocidental e das fábulas do Paraíso Socialista ruíu ao final da década de 60. John Lennon, aliás, pontificou, no início de 1970: “ O sonho acabou”.

Tive a graça de ter vivido os Anos Dourados não só do Brasil, mas do mundo. Morro de saudades. Ainda vivi Paris nos anos 1977 e 78. Era uma cidade tranquila. Hoje vive sobressaltada pelos problemas do multiculturalismo, dos ghettos não incorporados e do terrorismo jihadista. Mas já naquele tempo vivia-se uma transição, rumo às grandes crises que abalariam os dois polos da Guerra Fria: O muro de Berlim caiu em 1989, antecipando o fim da URSS em 1991. Os Estados Unidos desmoronava mais na imagem externa, ao ter que se retirar, derrotado do Vietname em 1973, episódio que apenas ilustrava a perda da capacidade deste país para manter a Pax Americana conquistada na II Guerra, mas que já também apontava para a fragilidade de sua moeda, desvinculada dois anos antes de sua equivalência com o ouro.

O mundo, enfim, começava a se reorganizar no final do século. Breve desembocaria na hipermodernidade da internet e redes sociais, do império da acumulação financeira sem controles, da globalização desenfreada com seus novos paradigmas de produção transnacional, das sociedades internas líquidas deslumbradas com seus novos templos de consumo e estetização do capitalismo, do culto do corpo e das celebridades, do ocaso do Governo e da vida pública, tudo sob a égide de uma filosofia retocada do liberalismo como única alternativa correta de governar. Alguém proclamou: “É o fim da história” nele cabendo até uma China Comunista reconvertida ao mercado galopando sobre os mercados mundiais como um exército turco.

A Europa acompanhou o baile. E até reconverteu empedernidos comunistas, deixados à deriva pelo fim da URSS, aos encantos do neoliberalismo, mesmo sob protesto das corporações tradicionais mais aferradas à luta pela sobrevivência do que à ideologias.

Destruída por inúmeros conflitos internos, ela se concerta em 1993 em torno da União Europeia. Trata-se de uma união econômica e política de 28 Estados-membros soberanos e independentes, abrangendo uma área de 4.325.000 km², com uma população em janeiro de 2013, de 505,7 milhões de habitantes - <http://exame.abril.com.br/mundo/noticias/populacao-da-uniao-europeia-atinge-507-4-milhoes-de-pessoas>. Foi fundada por França, Bélgica, Luxemburgo, Itália, Países Baixos, Alemanha, que constituem seu epicentro, com sede em Bruxelas, onde funciona o Parlamento Europeu. No ano de 1998 a UE adotou o regime de moeda comum, rejeitado pela Inglaterra, criando o Banco Central Europeu, com sede em Frankfurt, Alemanha, como banco central responsável pelo euro com a principal missão é preservar seu poder de compra, assegurando assim a estabilidade financeira região. É o polo forte da austeridade fiscal ao lado da EU e do FMI.

A ideia da criação da União Europeia foi a concretização de um velho sonho de paz para o continente, mas foi também uma tentativa de criar um Bloco Econômico capaz de se situar estrategicamente na nova geopolítica do mundo. O grande problema da União Europeia, porém foi o momento em que foi instituída, justo numa era de dominância absoluta da ideologia neoliberal, sem espaço às correntes heterodoxas para participarem

das decisões estratégicas de governança. Elas têm assento no Parlamento Europeu, mas não dispõem de força junto aos Acordos decisivos relativos à Política Económica e Fiscal do bloco. Com isso, cria-se uma tensão interna insolúvel que leva a que muitos líderes hoje defendam a saída de seus países da União Europeia.

Outro problema, associado claro, ao anterior, é a disparidade económica interna do bloco. A eterna oposição entre mais ricos e mais pobres, os quais ficam sem o domínio de uma moeda própria para enfrentar os dilemas de sua Política Económica interna. Alemanha e França acabam dando as cartas para o conjunto do bloco, daí resultando o arrepio da Grã Bretanha que justamente neste dia que escrevo, 23 de junho, realiza um plebiscito para decidir o que a campanha pela saída denomina BREXIT. Um país como Portugal, de outra parte, acaba situado como um Estado do Nordeste no contexto da federação brasileira, mas sem as garantias de transferência de rendas dos Estados mais ricos. Tem acesso à créditos e até os usou no aparelhamento da infraestrutura, mas à custa de um endividamento que acaba onerando o déficit público e submetendo-o aos rigores da responsabilidade fiscal da União Europeia. Agora mesmo, está na iminência, de novo, de sofrer sanções. O mesmo, aliás, ocorreu com a Grécia.

Em compensação, a União Europeia aboliu as fronteiras e isto criou não só uma grande mobilidade de mão de obra no seu interior, como acesso a mercados externos sob regime de moeda única, fatos inusitados na região e que levam as populações mais jovens, mais atingidas pelo desemprego, a se apegarem ao modelo existente. Hoje, em Portugal, calcula-se que entre 50 a 100 mil jovens deixam o país a cada ano, cifra que poderá perfazer um décimo da população dentre de um decênio, com prejuízos ao tamanho da população que está se reduzindo a olhos vistos. No final do século estará reduzida a pouco mais da metade . Mas se fizermos uma pesquisa com estes mesmos jovens se eles desejam que Portugal se retire da União Europeia, com vistas à formulação de um Plano de Desenvolvimento que poderia, no futuro, levá-lo a níveis maiores de desenvolvimento tecnológico e maior soberania nacional, eles provavelmente declinarão. O mesmo aconteceu na

Grécia. Quando, na iminência de romper com a União Europeia, sob a égide de um governo de esquerda, a opinião pública recuou e está engolindo goela abaixo as doses amargas impostas pelo que chamam de Troika, as autoridades monetárias do bloco.

Nem todas estas questões são claras e evidentes à ilustrada cidadania europeia. Mesmo no caso do plebiscito na Grã Bretanha, as pessoas demonstram hesitação e dúvida, até porque o tema está desalinhado de suas opções tradicionais entre esquerda trabalhista versus conservadores. A favor do BREXIT, saída da Grã Bretanha da União Europeia, há líderes de esquerda e direita, estes, talvez mais, o mesmo ocorrendo com os que defendem sua permanência, um pouco mais palatável à esquerda. Ou seja, o mundo contemporânea, sobretudo no tocante ao seu enfrentamento á questão da globalização, não sabe muito bem que lado tomar.

No Brasil, estamos ainda um pouco longe de decidir eleitoralmente por um ou outro desses caminhos, mas a questão está inscrita nas disputas internas há bastante tempo. Mais dia, menos dia, eclodirá exigindo posições. E me pergunta se estamos realmente maduros para uma resposta?

A (DES)UNIÃO EUROPEIA

www.resistir.infor

A câmara alta do Parlamento suíço acaba de [cancelar o pedido de adesão do país à União Europeia](#) , que fora apresentado em 1992.

Vinte e sete senadores votaram pelo cancelamento, 13 foram contra e

dois se abstiveram.

E no referendo do próximo dia 23 a Grã-Bretanha irá votar o Brexit, o abandono da UE. Enquanto isso em França, centro da UE, todo o povo está em revolta aberta contra os seus ditames relativos às leis do trabalho e o servilismo do governo Hollande. Qual dos 28 será o próximo a por em causa a pertença à UE?

Na verdade, Portugal tem muito mais razões que a Grã-Bretanha para romper com a UE – esta pelo menos manteve a sua soberania monetária e um certo grau de autonomia em relação a Bruxelas. Aqui, nem isso. Portugal está submetido e sufocado pela UE. O seu presidente e os seus governantes, de modo humilhante, peregrinam pelas capitais europeias a pedirem pelo amor dos deuses para não serem submetidos às sanções de Bruxelas. Eles, e os media corporativos que os servem, instilam falsos medos quanto à ruptura porque não têm dignidade para propô-la

Comentário ALPA – Brasil - alpa@bndes.gov.br 24 junho

Os analistas não falaram de um fato importante, talvez o mais importante que seja a explicação para o BREXIT e talvez a saída de outros países da Comunidade Económica Europeia.

Não se pode analisar isto sem levar a consideração do fortalecimento e quase controle das políticas da Comunidade Económica Europeia, esqueça de questões menores que esses analistas colocam na frente de tudo, o que está por trás destes movimentos é o enfraquecimento da Alemanha e da sua Primeira Ministra que desde que assumiu praticamente se tornou a mandatária europeia.

A questão da falência grega e o modo como a Alemanha tratou da questão (muitas vezes passando por cima dos seus parceiros), demonstrou isso, logo o interesse maior do Império (como dizia nosso saudoso Adriano Benayon) é enfraquecer a Alemanha e este BREXIT serve como primeiro passo neste sentido.

OPINIÃO

O "Brexit" e os seus admiradores

RUI TAVARES

24/06/2016 - <https://www.publico.pt/opiniao/noticia/o-brexit-e-os-seus-admiradores-1736182>

Para qualquer observador, mesmo que distraído, este referendo foi ganho com temas de direita e nenhuma promessa acionável de políticas sociais

Vamos clarificar uma coisa. Este resultado no referendo britânico está relacionado com três coisas: em primeiríssimo lugar, a **imigração**; em segundo lugar, o **nacionalismo**; e, apenas em terceiro lugar, a preocupação com a **supremacia do parlamento e os argumentos sobre a falta de democracia na União Europeia**.

Podemos pensar o que quisermos sobre cada um destes temas. A imigração foi mais do que um tema instrumental para a campanha do "Brexit". Ele foi "o" **tema determinante** desta campanha. Até à

concentração quase exclusiva neste tema, os adeptos do "Brexit" perderam nos argumentos económicos, e foi só a partir do momento em que conseguiram tornar a campanha numa campanha sobre imigração que começaram a subir nas sondagens. O nacionalismo pode ter leituras mais ou menos benignas, mas o certo é que a ideia de "tomar o nosso país de volta" foi a segunda mais importante do debate do "Brexit". Em terceiro lugar apenas — mais compreensível e justificadamente — veio a questão do défice democrático na UE, embora nunca muito explorada uma vez que o próprio Reino Unido é uma monarquia hereditária com uma câmara parlamentar composta por 750 lordes não-eleitos.

Sobre o que não foi esta campanha? Não foi sobre o euro, não foi sobre a austeridade e não foi sobre o Tratado Orçamental ou a dívida soberana. O Reino Unido não pertence ao euro, não assinou o Tratado Orçamental, emite a sua moeda e gere a sua dívida com políticas monetárias mais próximas das dos EUA do que da própria UE. A austeridade levada a cabo no Reino Unido foi inteiramente da responsabilidade do Governo de Sua Majestade. A campanha pouco tocou nesses temas, como pouco se falou de desemprego (a não ser como forma de falar de imigração): a taxa de desemprego no Reino Unido anda à volta de 5%. A insegurança laboral e a perda de direitos dos trabalhadores tem sido uma bandeira do governo britânico dentro da própria UE. Ninguém acreditou que os líderes da campanha do Brexit defendessem o Serviço Nacional de Saúde no país: na verdade, vários deles defendiam a sua privatização até uns meses antes do referendo para depois alegarem que a União Europeia o queria privatizar — o que era mentira.

Isto é importante, porque nos próximos dias — e já hoje — muita gente se querará apropriar da vitória do "Brexit", ou porque torceram por ela, ou porque gostariam que o "Brexit" pudesse fazer avançar os seus argumentos preferidos (alguns deles são também os meus) em cada um dos seus países. É uma tentação compreensível, mas é importante que os admiradores do "Brexit" noutros países não estiquem as suas interpretações até ao ponto em que elas deixem de ser reconhecíveis por quem quer que tenha seguido esta campanha.

Para qualquer observador, mesmo que distraído, este referendo foi ganho com temas de direita e nenhuma promessa acionável de políticas sociais. E os principais beneficiários deste "Brexit" serão

gente como Marine Le Pen, Geert Wilders e o partido extremista alemão AfD — que são os portadores nos seus países dos mesmos temas. A desintegração da UE beneficia-os e quem desejar que o "Brexit" a acelere acabará a ver que essa desintegração levará ao poder as políticas e os partidos da direita mais extrema e nenhuma das políticas sociais favorecidas pela esquerda. Para esta, a melhor hipótese continua a ser a de salvar o projeto europeu e até de intervir nos espaços vazios deixados pela saída do país que mais defendeu o neoliberalismo no Conselho Europeu. Apostar no colapso da União Europeia, ou proclamá-lo preventivamente para melhor o apressar, não poderá resultar noutra coisa que não na destruição da vida de milhões de trabalhadores e cidadãos que não são ricos nem poderosos — e a uma escala que faria os anos parecerem-se com uma borrasca ou um tempestade, mas não com o tsunami que viria com o fim da UE.

Britânicos viram as costas à União Europeia e entram em território desconhecido

EM ACTUALIZAÇÃO:

ANA FONSECA PEREIRA (em Londres)

24/06/2016 - 06:13

(actualizado às 08:06)

"Brexit" vence referendo com 52% dos votos, segundo resultados provisórios. Libra cai para valores mínimo em 31 anos.



Partidários da saída

festejam a vitória REUTERS

MAIS

- E a União Europeia é um projecto falhado
- Ao minuto: Reino Unido escolhe sair da União Europeia
 - Os cenários possíveis em caso de saída
- Guia para o referendo que pode mudar a Europa
- O como e o porquê de uma decisão histórica

Desafiando os avisos económicos e as previsões, os eleitores britânicos decidiram que o Reino Unido deve sair da União Europeia, dando um passo que nunca foi dado por nenhum outro país em meio século de história da instituição. Mais de 17 milhões de britânicos (52%) votaram a favor do “Brexit”, segundo os resultados oficiais anunciados ao início da manhã desta sexta-feira. A ruptura com Bruxelas demorará anos a concretizar-se, mas a decisão bastou para fazer cair a libra para mínimos em décadas.

Ao abrigo do artigo 50.º do Tratado de Lisboa, cabe ao Governo britânico notificar oficialmente o Conselho Europeu da decisão de abandonar a comunidade – um passo que não se sabe ainda quando será dado – e estipula um prazo de dois anos para a conclusão das negociações. Se não houver acordo por essa data, a saída pode concretizar-se sem acordo, a menos que a totalidade dos restantes Estados decida prolongar as discussões. As atenções

nas próximas horas vão estar, por isso, centradas na reacção dos principais líderes europeus a uma decisão com consequências para a estabilidade de toda a União Europeia.

Na primeira reacção ao veredicto dos britânicos, o presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, admitiu que este é um “momento político grave, até mesmo dramático”, de consequências ainda imprevisíveis, mas garantiu que a UE “está preparada para reagir a este cenário negativo”. “Em nome dos 27 e sete líderes quero dizer que estamos determinados em manter a nossa unidade a Vinte e Sete. Para nós, a união é o garante do nosso futuro em comum”.

Horas antes da abertura oficial dos mercados europeus, a libra caiu já para valores mínimos desde 1985, naquela que é a maior queda da cotação da moeda britânica de que há registo, maior ainda do que no auge da crise financeira, em 2008. Quedas idênticas são esperadas nesta sexta-feira não só na bolsa londrina, como nas praças europeias.

Siga o "Brexit" ao minuto

O primeiro-ministro britânico, David Cameron, fará uma declaração ao país às 8h, estando previsto logo em seguida um anúncio do Banco de Inglaterra. Sem esperar, Nigel Farage, o líder do partido anti-europeu UKIP, declarou este “o dia da independência do Reino Unido” e disse acreditar que outros países vão seguir o mesmo caminho: “A UE está a falhar, a UE está a morrer”.

Cameron garantiu, por várias vezes, que não se demitiria em caso de derrota, mas a sua autoridade – sobre o Partido Conservador e o Governo, ambos dividido neste referendo – está agora em questão. Quinta-feira à noite, mal as urnas encerraram, 80 deputados conservadores que fizeram campanha pela saída divulgaram uma carta afirmando que Cameron “tem o dever e tem mandato” para continuar à frente do executivo, mas não é certo até que ponto o primeiro-ministro terá condições políticas para, como afirma, liderar as negociações com a UE.

O líder do Partido Trabalhista, Jeremy Corbyn, terá também de enfrentar questões internas, depois de ter sido acusado por vários responsáveis do seu partido de pouco empenho na campanha a favor da permanência. Questões mais difíceis de responder quanto foi nos bastiões do Labour no Norte de Inglaterra – uma região onde

há muito o UKIP tem vindo a fazer ganhos – que se verificaram algumas das maiores votações a favor da saída.

Recusando comentar estas divisões, Corbyn defendeu que a prioridade do Governo deve ser iniciar o quanto antes as negociações para garantir a defesa “dos trabalhos e dos direitos dos trabalhadores britânicos”. Reconhecendo que o descontentamento com a imigração alimentou o voto eurocéptico, Corbyn pediu também a criação de um “fundo de compensação” para as regiões economicamente mais deprimidas do país que receberam nos últimos anos um número elevado de trabalhadores vindos de outros países.

Os resultados contrariam as últimas sondagens, incluindo a que foi divulgada pela Sky News após o fecho das urnas. Mas cedo na noite eleitoral se começou a perceber que os resultados poderiam ser diferentes – passava pouco da meia-noite quando os resultados oficiais de Sunderland, no Norte de Inglaterra, atribuíram uma vitória folgada à saída, com 61% dos votos. Com todos os votos contados, verifica-se que só a **Escócia, a Irlanda do Norte e Londres votaram maioritariamente a favor da permanência**, mas os seus votos não foram suficientes para contrariar a maior mobilização dos eleitores do “Brexit” nas restantes regiões de Inglaterra e no País de Gales.

Os cenários possíveis em caso de saída

TERESA DE SOUSA

23/06/2016 - <https://www.publico.pt/mundo/noticia/os-cenarios-possiveis-em-caso-de-saida-1736030>

Noruega, Canadá, “membro por metade”, “país terceiro”.



AFP/LEON NEAL

David Cameron disse aos britânicos que, se perdesse o referendo, accionaria imediatamente o artigo 50º do Tratado de Lisboa, no qual está prevista a possibilidade de um Estado membro sair por sua livre vontade. O primeiro-ministro britânico esclareceu, igualmente, que quer ser ele a tratar do período de negociações, pelo que não tenciona abandonar Downing Street. O seu irmão-inimigo, Boris Johnson, cabeça de cartaz do "Brexit", diz o contrário: que não há pressa nenhuma. Porventura porque as soluções possíveis não são nada agradáveis. Boris chegou a falar de uma “meia permanência” na União Europeia. Os juristas de Bruxelas falam de várias possibilidades. Em qualquer caso, diz Jean-Claude Piris (durante anos o chefe do gabinete jurídico da União) à AFP, o Reino Unido “enfrentaria barreiras tarifárias mais altas entre a sua economia e o seu principal mercado”. Piris publicou no Centre of European Reform um texto com os cenários possíveis à luz dos tratados. O processo será sempre muito complicado, dada a forte integração das economias europeias, que não se desfaz de um dia para o outro, arriscando um longo período de instabilidade.

1.Solução norueguesa. Erna Solberg, primeira-ministra conservadora da Noruega, foi a Londres contar a sua experiência. A Noruega tem acesso ao Mercado Único através do Espaço Económico Europeu (EEE), que partilha com a Islândia e o Liechtenstein, incluindo a livre circulação de pessoas. Em contrapartida, tem de adoptar toda a legislação europeia que rege o Mercado Único e pagar a sua quota-parte para os cofres de

Bruxelas. O EEE não inclui a agricultura, pesca e Justiça e Assuntos Internos, mas a Noruega é parte de Schengen. Oslo tenta manter a sua influência em Bruxelas através de um *lobby* permanente. Outro pormenor interessante: os polacos são a sua maior minoria. “A Noruega é o único país onde o canalizador polaco não é uma palavra negativa”, diz ela.

2. A solução canadiana. Boris Johnson referiu por diversas vezes esta opção, mas o Canadá levou sete anos a negociar um acordo de livre comércio da última geração (mais harmonização de normas e padrões do que tarifas), que facilita o acesso mútuo aos mercados, ainda que com algumas restrições, por exemplo, a dificuldade de participar nos concursos públicos, e não envolve o sistema financeiro. Os peritos dizem que o tamanho da economia britânica e o que ela representa para as economias dos seus parceiros europeus permitiria uma boa negociação. Próxima, aliás, da negociação do TTIP com os Estados Unidos.

3. Um membro “pela metade” da União Europeia. Boris Johnson também já defendeu esta solução na campanha, mas ela não tem qualquer viabilidade. O Reino Unido usufruiria de um “estatuto especial” que lhe permitiria continuar no Mercado Interno e participar nas decisões respectivas, obtendo o direito de *opt-out* na maioria dos outros domínios. Seria a solução “perfeita” que provavelmente nenhum dos seus parceiros estaria disposto a conceder-lhe, além de abrir um precedente inesgotável. O problema é que isso só seria possível com a alteração dos tratados, que ninguém está disposto a fazer.

4. A solução de país-terceiro. Na impossibilidade de um acordo de outra natureza, a relação do Reino Unido com o Mercado Único europeu seria idêntica à de qualquer outro país membro da Organização Mundial do Comércio, que se limita a estabelecer limites tarifários nos mercados de bens e produtos. Jean-Claude Piris esclarece que o Reino Unido teria o estatuto de “país terceiro”. O problema é que isso implicaria uma fronteira com a Irlanda, complicando drasticamente a situação na Irlanda do Norte e o próprio acordo de paz.

E a União Europeia é um projecto falhado

FRANCISCO LOUÇÃ

24/06/2016 - <https://www.publico.pt/mundo/noticia/e-a-uniao-europeia-e-um-projecto-falhado-1736179>

Enganei-me na previsão sobre o resultado do referendo, pois admiti que a morte de Jo Cox tinha invertido as emoções que concluiriam uma campanha povoada de demagogia contra os imigrantes (dos dois lados, dos chefes do "Brexit" sugerindo a xenofobia e dos chefes do "Remain" negociando com Bruxelas a restrição dos direitos dos cidadãos europeus imigrados no Reino Unido).

Agora, contados os votos, só se pode concluir que, no argumento e na preparação para o futuro, o Reino Unido não sabe para onde vai – mas rejeita continuar numa União que não vai para lado nenhum. Falhou a aventura de Cameron, que foi apoiada a contragosto pelas autoridades europeias, mas a Escócia pode a partir de hoje escolher ser independente e a Irlanda pode escolher unificar-se, pelo menos duas consequências merecidas. Na Europa, tudo mau: falharam os subterfúgios, falhou a interpretação dos tratados *a la carte*, falhou o medo dos grandes mas cresce o medo dos pequenos.

A UE não tinha mais nada para oferecer se não esse medo, foi a esse ponto que caiu. E os seus líderes sempre pensaram que bastaria. Não perceberam – será desta? – que perderam todos os referendos importantes até agora: sobre a Constituição Europeia, sobre tratados, agora sobre a própria pertença e logo na segunda maior economia da União. Quando aceitam consultar os povos, momento raro, *et pour cause*, arriscam-se a perder e isso diz tudo sobre o que tem vindo a ser a “construção europeia”.

O choque chegou hoje. Agora, liquidez para os mercados financeiros, negociação relâmpago com o Reino Unido sobre as

condições de saída, quais regras de tratados (que implicariam um processo até dois anos, com votos do parlamento europeu e acordo dos outros governos) e o discurso de sempre para quem está: aguenta, aguenta.

Acompanhe o "Brexit" ao minuto

Terão os líderes europeus a tentação de correr em frente, nomear um ministro das finanças, esquartejar os orçamentos nacionais, fazer do euro o santo e a senha da concentração de poderes, normalizar as políticas neoliberais no mercado de trabalho e na segurança social? Hollande, um político da craveira de Cameron, acha que Paris vale bem a missa de uma proibição do direito de manifestação para impor essa visão sobre o emprego. E, se isto é Hollande, então Merkel decidirá o que quer pois quem manda, manda. E assim vai a liderança europeia na sua diversidade uniforme.

Lembra-se de quando os socialistas defendiam o pleno emprego? Esqueça. Os socialistas franceses agora defendem o fim dos contratos de emprego, à FMI. Um socialista holandês dirige a fronda das sanções contra Portugal e Espanha, à Schauble. Um socialista alemão é o ajudante de Merkel, à Gabriel. E isso esclarece o que podemos vir a ter pela frente: depois da desorientação, a corrida para garantir mais poder aqueles cujo poder está a destruir a Europa.

Para Portugal, mais um susto nas exportações, mas muito mais um susto político. Se e quando vierem as sanções, se a tanto atrevimento chegar a violência das instituições europeias agora imbuídas de um novo espírito de missão desesperada, só poderemos então concluir que a absoluta discricionariedade tomou conta da política europeia, que a falta de soberania se paga com a vulnerabilidade da democracia.

O sonho acabou. A União Europeia é um projecto falhado.

O Reino Unido sai da UE e Cameron de Downing Street

24.06.2016 às 8h21

• 6



STEFAN WERMUTH

O primeiro-ministro não se considera apto a liderar o país no processo de abandono da União Europeia. Novo líder será escolhido pelo Partido Conservador até outubro



PEDRO CORDEIRO

Enviado a Londres

Ao contrário do que anunciou ao longo da campanha para o referendo sobre a União Europeia, David Cameron demitiu-se após ter sido derrotado nessa consulta popular. O primeiro-ministro afirmou que deixará a liderança do Governo e do Partido Conservador até outubro, pois não se considera apto a ser o "capitão que pilotará o barco no novo rumo" decidido nas urnas.

Só depois da mudança de primeiro-ministro é que as negociações do Brexit serão encetadas, isto é, o Governo do Reino Unido não vai invocar de imediato o artigo 50 do Tratado de Lisboa, que rege a saída da UE. Cameron assegura que esse processo terá de contar com a participação dos governos escocês, norte-irlandês e galês. Note-se que, se o País de Gales votou pela saída, como a Inglaterra (menos Londres), a Irlanda do Norte e a Escócia preferiam ficar na UE e em ambos estes territórios já houve reações separatistas ao resultado do referendo.

Cameron explica que ficará três meses no cargo para garantir alguma estabilidade e teve palavras de tranquilização para os mercados e também para os britânicos que vivem noutros países da União Europeia e nos cidadãos comunitários que estão no Reino Unido. "Nada muda, para já, na vossa situação". O governador do Banco de Inglaterra anunciará hoje medidas para proteger a economia.

Recordando que sempre defendeu que o país ficava "mais forte, mais seguro e melhor" na UE do que fora, Cameron elogiou o povo por ter participado num "exercício democrático gigante, talvez o maior da nossa história". E garantiu que "a vontade do povo britânico terá de ser respeitada".

BORIS JOHNSON NA POLE POSITION

O anúncio do primeiro-ministro desencadeará, imediatamente, uma corrida à liderança dos conservadores. Perfilam-se como candidatos, segundo a imprensa britânica, Boris Johnson, que foi presidente da Câmara de Londres até maio último e apoiou o Brexit, e os ministros europeístas George Osborne (Finanças) e Theresa May (Interior). Johnson parte em vantagem, dado o seu papel na campanha pelo Brexit.

Não tardarão a surgir declarações formais de candidatura a suceder ao primeiro-ministro demissionário. O processo de escolha passa primeiro pelos deputados conservadores, que reduzem o leque de aspirantes a dois, e depois pelos militantes, que elegem um deles.

O próximo chefe do Executivo será escolhido, assim, por cerca de 150 mil pessoas, os militantes, entre duas figuras designadas por 330 parlamentares.

No sistema político britânico é banal e incontroversa a substituição do primeiro-ministro sem eleições. A última vez que tal sucedeu foi em 2007, quando o trabalhista Tony Blair deixou o poder ao fim de dez anos, passando o testemunho a Gordon Brown. Ainda assim, o novo primeiro-ministro pode sentir-se na necessidade de convocar eleições legislativas antecipadas, para se legitimar.

Brown foi criticado, dentro do Partido trabalhista, por não o ter feito. Não carecia de legitimação (era sucessor anunciado de Blair desde sempre) mas estava em boa posição de vencer as eleições em 2007. Preferiu esperar pelo calendário normal e perdeu-as em 2010.

No caso do próximo primeiro-ministro, a complexidade das negociações que se anunciam e a divisão que o resultado desta noite mostra existir no país, o Reino Unido precisa de liderança forte. Isso pode passar (pese embora o risco de instabilidade) por um refrescar da representação política nas urnas.

Referendo britânico forçará UE a fazer mudanças seja qual for o resultado

http://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/23/internacional/1466680715_329551.html

Bruxelas acredita que bloco terá de mudar tanto se o Reino Unido sair quanto se ficar na Europa

CLAUDI PÉREZ

Bruxelas 24 JUN 2016 - 06:51 CEST



presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker, na quarta-feira. FRANCOIS LENOIR REUTERS

MAIS INFORMAÇÕES

- Britânicos escolhem seu lugar no mundo em referendo histórico
- 10 razões para que os britânicos permaneçam na União Europeia

A ironia não consiste em dizer “nem isto nem aquilo”, e sim “isto e aquilo” ao mesmo tempo, dizia um europeu ilustre, [Thomas Mann](#). O referendo sobre o Reino Unido e a União Europeia (UE) é extremamente irônico: se os britânicos optarem por sair do bloco europeu, provocarão um choque nos mercados, mas, sobretudo, irão abalar as bases políticas da [União Europeia](#). Mesmo se optarem por ficar, nada será igual na Europa. Isto e aquilo ao mesmo tempo: “A Europa não está em boa forma”, disse esta semana o ministro alemão Wolfgang Schäuble, o que sugere que a UE deve mudar, seja qual for o resultado do voto britânico. “A saída do Reino Unido é uma ameaça adicional em um contexto nada simples, com o populismo em ascensão, várias crises em jogo e lideranças questionadas nos grandes países”, afirmou ao EL PAÍS uma qualificada fonte europeia. “É preciso administrar o divórcio, se vier, e esperemos que, neste caso, seja tudo para melhor, não para

pior; mas, mesmo se não vier, a mudança na Europa é inevitável”, acrescentou a mesma fonte.

Esta mudança, no entanto, dependerá da intensidade do terremoto. Se o Reino Unido sair do bloco, os bancos centrais estão preparados para injetar liquidez, mas vai ser difícil apaziguar a onda de referendos nos países onde o euroceticismo mais populista tem se destacado. Se não sair, analistas acreditam que uma votação apertada pode ser interpretada como uma espécie de saída suave, que exigiria uma resposta firme de Bruxelas. O problema é que o contexto não favorece nem um pouco esse tipo de resposta. As grandes diplomacias estão esperando para ver no que vai dar. França, Alemanha e Holanda têm eleições em 2017, com a extrema-direita em alta, sem incentivos para empurrar em direção a uma maior união política. Na Itália, existe um referendo programado para o fim do ano que pode afetar muito o [primeiro-ministro Matteo Renzi](#). A Espanha está há seis meses sem Governo. E os países do leste europeu também estão mais hostis em relação a Bruxelas, especialmente Polônia, Hungria e Eslováquia.

Não há apetite para um salto semelhante ao da crise do euro. O chefe do Eurogrupo (que reúne os 19 ministros de Finanças e outras autoridades da zona do euro), Jeroen Dijsselbloem, disse na semana passada, em Luxemburgo, que os ministros de Finanças têm uma resposta preparada, mas descartou “medidas espetaculares”: tudo envolve completar a união bancária e ir dando pequenos passos em direção a uma federalização no lado econômico, com a percepção de que não há consenso para abranger esses avanços com laços mais estreitos no lado político, até mesmo devido à questão fiscal. O [presidente da Comissão Europeia, Jean-Claude Juncker](#), irá delinear a resposta mais no longo prazo, no discurso sobre o Estado da União. O relatório dos cinco presidentes — Juncker, Dijsselbloem, o polonês Donald Tusk

(Conselho), o alemão Martin Schulz (Eurocâmara) e o italiano Mario Draghi (Banco Central Europeu, BCE) — aponta vários passos à frente, mas no longo prazo: um Tesouro europeu, eurobônus, um orçamento da zona do euro, coisas desse tipo. Mas, principalmente, traça um esboço de uma nova UE que contemplaria uma estrutura de duas velocidades claramente distintas: um núcleo mais integrado com os países que querem uma UE mais federal, e uma periferia cada vez menos integrada com os países que colocam travas nas rodas cada vez que a UE quer avançar. O FMI afirmou, na semana passada, que um orçamento para a zona do euro é algo essencial, assim como os eurobônus para se proteger contra futuras crises. Draghi destacou o mesmo esta semana no Parlamento Europeu. “O pecado original da zona do euro é que requer um nível mais elevado de integração política do que os Estados membros podem *vender* aos seus respectivos eleitorados”, critica Simon Tilford, do Centro Europeu para a Reforma, um *think tank* de Londres.

O salto adiante, no contexto atual marcado pelas necessidades da [chanceler Angela Merkel](#) e do presidente francês, François Hollande, diante de suas eleições legislativas, é praticamente política-ficção: “Se o Reino Unido sair, mesmo com uma votação muito apertada, a resposta inicial da UE será mais simbólica do que qualquer outra coisa. As iniciativas de integração seriam mais relacionadas a assuntos de segurança e defesa, como as sugeridas pela França, do que à política econômica ou fiscal”, disse Mujtaba Rahman, da consultoria Eurasia Group. A grande maioria das consultorias — Euroasia, mas também a Eurointelligence, por exemplo — acredita que é mais provável um *sim* à Europa. Especialistas também apontam que, no caso do Reino Unido sair da UE, a Europa irá penalizar o país para evitar um contágio da onda de referendos, e para que Berlim e Paris mostrem rapidamente como o bloco funcionaria sem os britânicos. Aconteça o que

acontecer, vem aí um segundo semestre perigoso, com a ameaça de recessão nos Estados Unidos, o impacto da [crise dos refugiados](#) e o legado da Grande Crise, que provocou enormes lacunas entre Norte e Sul, Leste e Oeste e, agora, pode aprofundar a divisão entre os dois lados do Canal da Mancha.

O Reino Unido fez da exceção sua marca na UE. Não quer aderir ao euro, participa das políticas de interior e de justiça de acordo com sua vontade, se protegeu contra os resgates financeiros... Mas, na corrida para o referendo, Londres tocou o coração do projeto europeu. Ao conseguir abrir um parêntese em relação à igualdade de direitos para trabalhadores europeus em solo britânico, o parceiro londrino abalou um dos pilares do projeto comunitário: a liberdade de seus cidadãos para se estabelecer em qualquer país da UE. Bruxelas deve discutir nos próximos meses propostas de outros países, que querem privilégios semelhantes. Inclusive com algum outro referendo parecido: Beppe Grillo, na Itália, e Geert Wilders, na Holanda, já ameaçaram seguir o exemplo britânico, e [Marine Le Pen](#) poderia tentar algo semelhante.

Se o Reino Unido sair da UE, o abalo será enorme. Mas Bruxelas terá trabalho mesmo se o país decidir ficar, para avaliar o acordo de fevereiro, especialmente na questão da imigração. A Comissão apresentará prontamente duas normas para limitar o direito de residência de duas maneiras. A primeira irá privar os novos europeus que pisem em solo britânico de certos benefícios a que os trabalhadores de lá têm direito (apenas quando o país sofrer uma “forte pressão sobre os seus sistemas públicos”, uma situação a ser definida na lei). A segunda adaptará os benefícios por filho ao país onde a criança reside (por exemplo, o empregado romeno cujo descendente vive na Romênia irá receber um benefício menor).

As normas são vistas como um mal menor, acertadas pelos outros parceiros europeus em fevereiro, para evitar a saída dos britânicos.

Mas, se a vitória desta permanência for muito apertada, não está descartado que o [primeiro-ministro britânico, David Cameron](#), bata à porta de Bruxelas pedindo novas restrições à liberdade de movimento, o verdadeiro campo de batalha onde se fortaleceu durante a campanha para a saída do Reino Unido do bloco. A UE não parece disposta a aceitar. “Não vejo vontade de ir além [do que foi acordado em fevereiro]. O que demos já é muito”, avaliou Ivan Korcok, secretário de Estado eslovaco no Ministério de Assuntos Europeus, em uma reunião com um grupo de jornalistas europeus. A Eslováquia vai assumir a presidência rotativa da UE em 1º de julho e será responsável por coordenar o pós-referendo britânico.

Britain and the EU

A tragic split

<http://www.economist.com/news/leaders/21701265-how-minimise-damage-britains-senseless-self-inflicted-blow-tragic-split?force=scn/tw/te/pe/ed/atragicsplit>

How to minimise the damage of Britain's senseless, self-inflicted blow

Jun 24th 2016 | From the print edition



-
-
-



HOW quickly the unthinkable became the irreversible. A year ago few people imagined that the legions of Britons who love to whinge about the European Union—silly regulations, bloated budgets and pompous bureaucrats—would actually vote to leave the club of countries that buy nearly half of Britain’s exports. Yet, by the early hours of June 24th, it was clear that voters had ignored the warnings of economists, allies and their own government and, after more than four decades in the EU, were about to step boldly into the unknown. The tumbling of the pound to 30-year lows offered a taste of what is to come. As confidence plunges, Britain may well dip into recession. A permanently less vibrant economy means fewer jobs, lower tax receipts and, eventually, extra austerity. The result will also shake a fragile world economy. Scots, most of whom voted to Remain, may now be keener to break free of the United Kingdom, as they nearly did in 2014. Across the Channel, Eurosceptics such as the French National Front will see Britain’s flounce-out as encouragement. The EU, an institution that has helped keep the peace in Europe for half a century, has suffered a grievous blow.

Managing the aftermath, which saw the country split by age, class and geography, will need political dexterity in the short run; in the long run it may require a redrawing of traditional political battle-lines and even subnational boundaries. There will be a long period of harmful uncertainty. Nobody knows when Britain will leave the EU or on what terms. But amid Brexiteers’ jubilation and Remain’s recriminations, two questions stand out: what does the vote mean for Britain and Europe? And what comes next?

Brexit: the small print

The vote to Leave amounts to an outpouring of fury against the “establishment”. Everyone from Barack Obama to the heads of NATO and the IMF urged Britons to embrace the EU. Their entreaties were spurned by voters who rejected not just their arguments but the value of “experts” in general. Large chunks of the British electorate that have borne the brunt of public-spending cuts and have failed to share in Britain’s prosperity are now in thrall to an angry populism.

Britons offered many reasons for rejecting the EU, from the democratic deficit in Brussels to the weakness of the euro-zone economies. But the deal-breaking feature of EU membership for Britain seemed to be the free movement of people. As the number of new arrivals has grown, immigration has risen up the list of voters’ concerns.

Accordingly, the Leave side promised supporters both a thriving economy and control over immigration. But Britons cannot have that outcome just by voting for it. If they want access to the EU’s single market and to enjoy the wealth it brings, they will have to accept free movement of people. If Britain rejects free movement, it will have to pay the price of being excluded from the single market. The country must pick between curbing migration and maximising wealth.

David Cameron is not the man to make that choice. Having recklessly called the referendum and led a failed campaign, he has shown catastrophic misjudgment and cannot credibly negotiate Britain’s departure. That should now fall to a new prime minister.

We believe that he or she should opt for a Norwegian-style deal that gives full access to the world’s biggest single market, but maintains the principle of the free movement of people. The reason is that this would maximise prosperity. And the supposed cost—migration—is actually beneficial, as Leave campaigners themselves have said. European migrants are net contributors to public finances, so they more than pay their way for their use of health and education services. Without migrants from the EU, schools, hospitals and industries such as farming and the building trade would be short of labour.

Preventing Frexit

The hard task will be telling Britons who voted to Leave that the free having and eating of cake is not an option. The new prime minister will face accusations of selling out—for the simple reason that he or she will indeed have to break a promise, whether over migration or the economy. That is why voters must confirm any deal, preferably in a general election rather than another referendum. This may be easier to win than seems possible today. While a deal is being done, the economy will suffer and immigration will fall of its own accord.

Brexit is also a grave blow for the EU. The high-priesthood in Brussels has lost touch with ordinary citizens—and not just in Britain. A recent survey for Pew Research found that in France, a founder member and long a strong supporter, only 38% of people still hold a favourable view of the EU, six points lower than in Britain. In none of the countries the survey looked at was there much support for transferring powers to Brussels.

Each country feels resentment in its own way. In Italy and Greece, where the economies are weak, they fume over German-imposed austerity. In France the EU is accused of being “ultra-liberal” (even as Britons condemn it for tying them up in red tape). In eastern Europe traditional nationalists blame the EU for imposing cosmopolitan values like gay marriage.

Although the EU needs to deal with popular anger, the remedy lies in boosting growth. Completing the single market in, say, digital services and capital markets would create jobs and prosperity. The euro zone needs stronger underpinnings, starting with a proper banking union. Acting on age-old talk of returning powers, including labour-market regulation, to national governments would show that the EU is not bent on acquiring power no matter what.

This newspaper sees much to lament in this vote—and a danger that Britain will become more closed, more isolated and less dynamic. It would be bad for everyone if Great Britain shrivelled into Little England and be worse still if this led to Little Europe. The leaders of Leave counter with the promise to unleash a vibrant, outward-looking 21st-century economy. We doubt that Brexit will achieve this, but nothing would make us happier than to be proved wrong.

From the print edition: Leaders

Global banks hammered by U.K. vote

by Sophia Yan [@sophia_yan](#) June 24, 2016: 3:44 AM ET

<http://money.cnn.com/2016/06/24/investing/brexit-bank-impact/index.html?sr=fbCNN062416brexit-bank-impact0654AMVODtopLink&linkId=25869024>

U.K. voters' decision to leave the European Union is throwing extreme uncertainty over the global banking industry.

Banking shares across Europe are being crushed. Barclays has plummeted 30% in early London trading, RBS has tumbled 34%, and Lloyds Bank has nosedived 28%. Germany's Deutsche Bank has dropped 16%.

Earlier in Asia, shares of the U.K.'s biggest bank, HSBC ([HSBC](#)), crashed 9%, while Standard Chartered ([SCBFF](#)), a British bank that focuses on Asia, lost 11% in Hong Kong trading.

World markets are in crisis mode as investors scramble to deal with the fallout.

Finance is hugely important to the U.K. The financial services sector accounts for around 8% of the U.K.'s economy, and nearly 4% of all jobs in Britain -- roughly 1.2 million.

[Related: What you need to know on the Brexit shock vote](#)

"I'm afraid that this is not such a good day for Europe," said Deutsche Bank ([DB](#)) CEO John Cryan. "At this stage, we cannot fully foresee the consequences, but there's no doubt that they will be negative on all sides."

Leading up to the referendum, global banks were vocal in calling for the U.K. to remain within the European Union, warning of doomsday scenarios that could see the country's economy fall into recession.

Still, Cryan stressed that Deutsche Bank is "well prepared" to handle whatever comes next, as it's headquartered in Germany.

HSBC will be "working tirelessly in the coming weeks and months to help our customers adjust to and prepare for the new environment," said CEO Douglas Flint.

Powered by SmartAsset
SAVINGS RATES BYsmartasset™

Big banks use the U.K. as a springboard for their business through Europe -- disengaging from the union disrupts that link. Insurers, for instance, have access to millions of customers through the EU.

[Related: Markets around the world freaking out over Brexit](#)

Much of the regulations that govern the financial services industry and allow for cross-border transactions -- everything from deposit taking to payment services -- are at the EU level. Britain's exit will mean regulatory changes will be negotiated, altering the current financial infrastructure.

Last year, Deutsche Bank ([DB](#)) and HSBC considered moving their business away from Britain. HSBC [decided to stay](#), but Deutsche's working group has yet to [announce a decision](#).

Still, HSBC had before hinted at the possibility of moving various jobs and operations to Paris, if voters did indeed choose to exit. Others, including JPMorgan (JPMORGAN CHASE) and Citibank ([C](#)), had also warned about serious job losses in the U.K.

The move to leave the EU is a "significant decision," said Barclays CEO Jes Staley.

He also said a strategy the company announced earlier this year "was not conditional on the U.K. remaining in the EU." Barclays has been struggling in recent years, cutting thousands of jobs and scaling back operations in Africa.

--With reporting by Chris Liakos

CNNMoney (Hong Kong)First published June 24, 2016: 1:19 AM ET

The referendum campaigns have revealed a fractured country



Anne Perkins

With more and more Britons seeing themselves as underdogs, unheard by politicians, both parties will have to work hard to reach out to them

- [European Union referendum results – live coverage](#)
- [EU referendum results – live tracker](#)



A sign displayed near Tata steelworks in Wales on the day of the EU referendum. Photograph: Rebecca Naden/Reuters

Thursday 23 June 2016 22.00 BST
Last modified on Friday 24 June 2016 06.07 BST

It was a day of sudden, torrential downpours that felt as if nature was echoing politics. We waded through floods and queued at

polling stations and argued on Twitter about whether to use a pen and risk invalidating our vote, or pencil and risk, it was rumoured, [MI5 changing it](#). Britain has survived the deluge, and cast its vote. We the people, as David Cameron promised more than three years ago in his [Bloomberg speech](#), got our say.

Live Brexit live: David Cameron to step down over EU referendum result

Rolling coverage of David Cameron's resignation and Britain's decision to leave the European Union, with results, analysis and market reaction

[Read more](#)

It is the end of a campaign that has lasted seven weeks – since the elections in May – or five months, which was when the prime minister completed [his negotiations with Brussels](#). Or, for a group of hardcore Tory leavers, 24 years – since June 1992 when Denmark voted against the Maastricht treaty and inspired a handful of MPs to launch their Eurosceptic revolt on the right.

In the same way that an unusually low tide occasionally reveals an ancient henge, the referendum campaign has exposed a chasm in British politics. Now the politicians who did so much to exacerbate the divide have to heal it. They have to find the language and the policies to rebuild the sense of solidarity that the past weeks have done so much to fracture.

It is not all the fault of Europolitics. The rise of a populist, anti-elitist movement has been plain enough in the polling statistics since the 2008 crash and before. It was unmistakeable in the rise of Ukip at the last election. There are insurgent parties and politicians in almost every democracy. But a referendum campaign thrives by entrenching difference. It legitimises new alliances and it erodes the tribal loyalties that might otherwise shore up the vote for traditional parties.

Now the geography of the vote reveals it in unflinching detail. There is an English pessimism which grows stronger the further from London and the south-east you travel. Islands of metropolitan optimism are matched in Scotland, parts of Wales and Northern Ireland where countries with developing independent identities see their relationship with Brussels as integral to their future.

The new politics is divided by geography and also by class. [YouGov tracks remain support at 70%](#) for graduates and leave support at 68% among those whose education stopped at GCSE. It is shaped by the kind of work that you do and the kind of neighbours that you have – or fear that you might have. It is about immigration, but it's about a sense of control that has been lost, at least as much as it is about xenophobia or racism. It's overstretched public services and 10 neighbours living in a flat for four and it's private wealth and public squalor.

In the same way that Labour had lost Scotland long before it jointly campaigned with the Tories on the independence vote two years ago, these distinctions have been emerging for a decade or more. [What the referendum has done](#) is to throw them into relief. It has driven the motor of democratic politics off the road and it will be a hard, slow business getting it back on track.

Now the campaign is over, what mattered during it gets clearer. For both sides, it was a contest cut adrift from normal political discourse. It became a lurid battle of post-truth politics. Like an argument between an unhappy couple, we stood at the national kitchen sink with our voices raised, our language coarsened, misrepresentation and acrimony each fuelling the other.

Referendum day: rain, floods – but at least the shouting was over

http://www.theguardian.com/politics/2016/jun/23/the-referendum-campaigns-have-revealed-a-fractured-country?CMP=share_btn_fb

John Crace



[Read more](#)

The country has split into rival camps and difference has hardened into grievance. Yet often, we could not even decide what we were arguing about. Those of us who were sure we wanted to stay made our case in terms of the economy, security and prosperity. Those who were convinced the right answer was to leave responded by talking about taking back control, policing borders, repatriating our democracy. There was a reluctance to engage with the arguments of the other side that left people in the middle dazed and confused, crying out for facts that would seal the argument one way or the other.

Facts became weapons, but so were non-facts. Truth was treated as a malleable concept. It got harder and harder to distinguish between evidence-backed argument and mere prejudice. But if remain sometimes exaggerated, leave was shameless, driving round the country in a battle bus with a £350m lie plastered along its sides.

Advertisement

Inevitably in a British argument about Europe, there was a walk-on part for Hitler. The cerebral Michael Gove ridiculed the validity of expert opinion and cited Nazi attempts to recruit fellow mathematicians to undermine the Jewish Albert Einstein. There was a skirmish about which side Churchill would have backed. Boris Johnson tried to equate the project of ever closer union with Nazi ambition to command all of Europe.

But talk to the leavers and they see a different picture. They went into the campaign with an underdog's grudge. They complained

from the start about an asymmetry of authority and they were duly outgunned by George Osborne wielding economic predictions based on the Treasury model supported by external economists. At the grassroots level, where politics is more raw, there is a burning sense of injury, a conviction that it is not them but the remain campaign that distorted the evidence. This wound will not be swift to heal.

There are facts, and then there was immigration. As Nigel Farage observed on the last day of campaigning, the day the net migration figures were published at the end of May, showing a [near record high of 330,000](#), was the day the out camp got momentum. That was the moment when a debate at least superficially about Britain in Europe began to morph into a referendum on immigration.

It was not only the fact of the net migration figures that swung the polls against remain. It was the way they exposed Cameron's unwise, unachievable commitment to cutting migration to the tens of thousands. And on its foundations came the one big lie, the most wretched propaganda strike in a campaign where the truth so often felt expendable: the claim that Turkish accession to the EU [was just around the corner](#). The suggestion of 75 million Turkish migrants became a lethal proxy for all migration from Europe. It fed into an unspoken xenophobia and legitimised an undertone of racism.



Jo Cox: thousands pay tribute on what should have been MP's birthday

[Read more](#)

The alarming claims of both sides fuelled the sense that ordinary voters were being asked to take a decision that belonged to politicians. It was as if party goers at the eve-of-Waterloo ball were asked for a battle plan. Even worse was the sense that we voters had become unwilling participants in a novel version of the Eton wall game, retailored for old people. We were embroiled in a vote on the future of the Tory party. When Johnson declared for leave, he did not just give them a figurehead, he sounded the firing gun for a leadership campaign. But then, it was Cameron who made a referendum an instrument of party management.

Two political moves and a tragedy changed the mood. The Ukip Breaking Point poster of queueing migrants might have been enough on its own to provoke [a revolt from thinking leavers](#). Osborne's [punishment budget](#) worked at least on the level of a dead cat strategy – bringing attention back to focus on the economy.

But most of all the awful death of the Labour MP Jo Cox chilled the atmosphere. Like a country unexpectedly drenched in icy water, the whole nation shook its head in bewilderment and came to its senses. As the results are digested, it is her commitment to finding what unites people rather than what divides them that should be basis for recovery.

**Resultado britânico gera onda de pedidos por plebiscitos na
EU**

http://www.bbc.com/portuguese/internacional-36617117?ocid=socialflow_facebook



Image copyright AFP Image caption Marine Le Pen afirmou que os franceses deveriam ter a oportunidade de votar sobre permanência na UE

A decisão dos eleitores britânicos a favor da saída do país da União Europeia provocou uma onda de pedidos por plebiscitos semelhantes por parte de partidos de extrema-direita de outros países membros do bloco.

Numa votação apertada, 51,9% dos eleitores britânicos aprovaram o chamado "Brexit" (contração que significa saída britânica), contra 48,1% dos eleitores que apoiaram a permanência na UE. O resultado fez com que o primeiro-ministro britânico, David Cameron, anunciasse que pretende deixar o cargo.

- **Premiê britânico anuncia renúncia após Reino Unido votar por saída da União Europeia**
- **'Sem Reino Unido na UE, Brasil perde 'fiador' de acordo de livre comércio entre bloco e Mercosul**

Analistas afirmam que a saída do Reino Unido pode causar um efeito dominó que pode ameaçar todo o bloco. Após o anúncio do resultado, nesta sexta-feira, bolsas internacionais abriram em queda e a libra esterlina atingiu seu menor valor em décadas.

A editora da BBC para a Europa, Katya Adler, afirma que há décadas não se via tanto ceticismo em relação à União Europeia.

Nigel Farage, líder do partido de extrema-direita britânico Ukip e um dos maiores entusiastas da saída do Reino Unido do bloco, disse

esperar que o exemplo britânico seja o início de um processo maior de desintegração da UE.

"A União Europeia está enfraquecida, a União Europeia está morrendo", disse Farage em um discurso em Londres.

"Um pesquisa na Holanda mostrou que a maioria lá agora que sair (da UE), então talvez estejamos próximos de um Nexit (contração em inglês em referência à saída da Holanda)"

"De modo similar, na Dinamarca, a maioria é a favor da saída... E eu soube que o mesmo se aplica à Suécia, talvez Áustria e talvez até à Itália", disse o político britânico".



Image copyrightGETTY IMAGESImage captionNigel Farage, do Ukip, afirmou que a União Europeia 'está morrendo'

Reações

Logo após o anúncio do resultado britânico, políticos de partidos de extrema-direita na Holanda, França e Itália pediram pela realização de consultas pela saída da UE em seus respectivos países.

Marine Le Pen, líder do partido francês Frente Nacional, afirmou que os cidadãos de seu país deveriam ter o direito de opinar a respeito da permanência no bloco.

"Vitória da liberdade. Como tenho dito há anos, nós agora devemos ter o mesmo referendo na França e em outros países na UE", escreveu no Twitter Le Pen - que está entre as favoritas para as eleições presidenciais na França do ano que vem.

Na Holanda, o líder anti-imigração Geert Wilders disse por meio de um comunicado que os holandeses "querem estar no comando de seu país, de seu dinheiro, de suas fronteiras e de suas políticas de imigração".



Image copyright [REUTERS](#) Image caption O políticos anti-imigração

Wilders afirmou que os holandeses "querem estar no comando de seu país".

"Tão rápido quanto possível, os holandeses devem ter a oportunidade de se pronunciar a respeito da permanência na União Europeia", disse Wilders.

A Holanda terá eleições gerais em março e algumas pesquisas de opinião colocam Wilders como líder na disputa. Uma pesquisa recente sugere que 54% dos holandeses querem um referendo sobre a permanência na UE.

'Reações históricas'

Já Matteo Salvini, líder do partido italiano Liga Norte tuitou: "Viva a coragem dos cidadãos livres! Coração, cérebro e orgulho derrotaram as mentiras, ameaças e chantagens. Obrigado, agora é nossa vez".

Na Dinamarca, o Partido Popular, que quer renegociações com UE, saudou a decisão "corajosa" dos britânicos, mas afirmou que todos "devem manter a cabeça no lugar".

Já o presidente do Conselho Europeu (que reúne os chefes de Estado dos países membros para definir a agenda política da UE), Donald Tusk, disse que não é hora de "reações históricas".

Em uma primeira declaração após conhecer o resultado do plebiscito britânico, Tusk afirmou que os outros membros do bloco estão "determinados a manter a unidade" e veem a UE como "o marco de um futuro comum".

'Preço alto'

Os governantes do bloco se reunirão sem o Reino Unido às margens da cúpula do Conselho Europeu que será realizada em Bruxelas na semana que vem.

"Vou propor que iniciemos uma reflexão mais ampla sobre o futuro de nossa União", antecipou Tusk.

A ideia é responder aos motivos que fizeram a rejeição à UE chegar ao máximo histórico de 47% no início de junho e que alimentam os argumentos dos partidos populistas-nacionalistas.

Mas, por trás das aparências, a mobilização para evitar um 'efeito dominó' é grande e contempla retaliações ao sócio dissidente.

Segundo um diplomata, os ministros de Relações Exteriores dos seis países fundadores da UE - França, Alemanha, Holanda, Bélgica, Itália e Luxemburgo - se reunirão no sábado, em Berlim, para analisar as consequências políticas da saída britânica.

O presidente do Parlamento Europeu (PE), o socialista alemão Martin Schulz, defende que o Reino Unido pague um "preço alto" por sua decisão, como maneira de desencorajar consultas similares em outros países.

** Com reportagem de Márcia Bizzotto, de Bruxelas para a BBC Brasil*

A União Europeia está morta. Longa vida à União Europeia!

Foi um voto profundamente reacionário e emocional, uma procura infantil pela segurança ilusória de um Reino Unido imperial e protegido por ser novamente uma ilha; é vitória da população velha e branca, contra a vontade da parte jovem e multicultural do povo britânico

Por François Huteau* 24/06/2016 11:48, atualizada às 24/06/2016 12:40

3

<http://brasileiros.com.br/2016/06/uniao-europeia-esta-morta-longa-vida-uniao-europeia/>



Decisão de brancos e velhos? – Imagem: Alma de Viajante.com/Divulgação

Os eleitores britânicos decidiram que o Reino Unido deve sair da União Europeia, dando um passo que nunca foi dado por nenhum outro país em meio século de história da instituição. Mais de 17 milhões de britânicos (52%) votaram a favor do “Brexit”, segundo os resultados oficiais anunciados hoje. A ruptura com o bloco europeu demorará de dois a três anos para se concretizar.

Trata-se de uma clara e significativa vitória do “vox populi” contra a opinião majoritária das elites políticas, econômicas e sociais do país, direita e esquerda confundidas, que militavam pela permanência do Reino Unido na União Europeia. Foi um voto profundamente reacionário e emocional, uma procura infantil pela segurança ilusória de um Reino Unido imperial e protegido por ser novamente uma ilha. Agora o Reino Unido vai ter de enfrentar três enormes desafios.

A economia mundial é cada vez mais globalizada. Sair do mercado europeu de 500 milhões de consumidores para tentar encontrar a prosperidade sozinho é, obviamente, um risco absurdo. O presidente norte-americano, Barack Obama, alertou que a Grã-Bretanha ficará “no fim da fila” para todos os acordos comerciais futuros. Dias sombrios em termos de situação econômica e desemprego no Reino Unido se aproximam.

A unidade e a identidade do Reino Unido vão ser profundamente questionadas. Mais de 62% dos eleitores da Escócia e da Irlanda do Norte votaram contra a saída da U.E. Os independentistas escoceses, muito representativos, já anunciaram que pediram a independência para poder manter uma Escócia livre dentro da União Europeia.

A unificação de Irlanda do Norte com Irlanda, membro ativo e determinado da União Europeia, voltará a ser tema de atualidade. Esse plebiscito pode deixar Inglaterra fora de duas uniões, a europeia e a britânica.

A vitória do Brexit é a vitória da população velha e branca, contra a vontade da parte jovem e multicultural do povo britânico. A análise do resultado da votação mostra uma fratura geracional marcada. Nunca é saudável ver os velhos, de idade e de pensamentos, definir o futuro de um país. Até agora, no aspecto internacional, só Donald Trump e os líderes dos partidos de extrema-direita francês e holandês mostraram entusiasmo com o resultado da votação.

A União Europeia, com Alemanha e França em primeira linha, vai ser implacável nas negociações de saída do Reino Unido. Seria ilusório esperar um divórcio amigável, o castigo deve ser exemplar para desanimar qualquer futuro desejo de ruptura, em qualquer outro país membro da União.

Mas essa votação é também uma terrível derrota do projeto europeu. A União Europeia e as suas instituições fracassaram na hora de convencer as opiniões públicas da pertinência de suas respostas às crises econômicas, sociais e migratórias que vive o espaço europeu.

O projeto europeu se perdeu no meio de uma gestão exclusivamente tecnocrática e estreita dos desafios que aterrorizam os povos do velho continente. A Europa não tem mais alma, não tem projetos para sonhar e desafiar, só tem normas, leis e funcionários. O último verdadeiro projeto, um imenso sucesso, foi a moeda comum. Desde a criação do euro, em 2002, nenhum outro avanço nos fez crescer juntos.

Na história da construção da União Europeia, cada crise foi uma oportunidade de resolver as dificuldades e desbloquear os avanços necessários que os egoísmos nacionais impossibilitavam.

O Reino Unido faz parte, intimamente e definitivamente, da história da Europa. Dentro ou fora da União Europeia vamos todos torcer para que o povo britânico saia dessa imprevisível situação da melhor maneira possível.

Que esse voto abra a porta a um novo dinamismo do projeto europeu. A União Europeia está morta. Longa vida à União Europeia!

**François Huteau é cientista político e economista, doutor pelo Institut Etudes Politiques de Paris (Sciences-Po)*

Link curto: <http://brasileiros.com.br/srLJe>

Žižek: Precisamos entender a esquerda que apoiou o Brexit

Não vamos competir com os populistas de direita. Não vamos permitir que eles definam os termos da luta.

Posted on 24/06/2016 // 1 Comment

<https://blogdaboitempo.com.br/2016/06/24/zizek-precisamos-entender-a-esquerda-que-apoiou-o-brexit/>



Por Slavoj Žižek.

Quando perguntaram ao camarada Stalin no final dos anos 1920 o que ele achava pior, a direita ou a esquerda, ele imediatamente rebateu: “Os dois são piores!” E essa é minha primeira reação ao Brexit. A Europa está presa agora em um círculo vicioso, oscilando entre dois falsos opostos: de um lado, a rendição ao capitalismo global, e de outro, a sujeição a populismo anti-imigração. É preciso colocar a pergunta: qual é o tipo de política capaz de nos tirar desse impasse?

O capitalismo global tem se caracterizado cada vez mais por acordos comerciais negociados a portas fechadas como o TISA ou o TTIP (Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento). Discuti a dimensão e o significado do TISA aqui, e também não há dúvida sobre o impacto social do TTIP: ele representa nada menos do que um ataque brutal à democracia. Talvez o exemplo mais explícito seja o caso dos ISDSs (Mecanismos de Resolução de Litígios entre Investidores e o Estado), que basicamente permitem que empresas processem governos se suas políticas ferirem sua margem de lucro. Para resumir, isso significa que corporações transnacionais (que não foram eleitas) podem simplesmente ditar as políticas de governos democraticamente eleitos.

Então como avaliar o Brexit nesse contexto? É preciso entender em primeiro lugar que de uma certa perspectiva de esquerda há até justificativas para ter apoiado o referendo: afinal, um forte Estado-

nação, livre do controle dos tecnocratas de Bruxelas pode estar numa situação melhor para proteger o Estado de bem-estar social e reverter políticas de austeridade. No entanto, o que é perturbador é o pano de fundo ideológico e político dessa posição. Da Grécia à França, uma nova tendência está surgindo a partir do que sobrou da “esquerda radical”: a redescoberta do nacionalismo. De uma hora para outra, deixou-se de falar em universalismo – ideia que passou a ser descartada como uma simples contraparte política e cultural (“superestrutural”, se quiser) do capital global “desenraizado”.

A razão que explica esse movimento dessa esquerda parece evidente: o fenômeno da ascensão do populismo nacionalista de direita na Europa Ocidental. Por incrível que pareça, é o populismo nacionalista de direita que aparece agora como a mais expressiva força política a reivindicar a proteção dos interesses da classe trabalhadora, e ao mesmo tempo, a mais forte força política capaz de mobilizar verdadeiras paixões políticas. Então, a lógica é a seguinte: por que a esquerda deve deixar esse campo de paixões nacionalistas à direita radical? Por que ela não poderia disputar com o Front National de Le Pen a reivindicação da “pátria amada” [*la patrie*]?

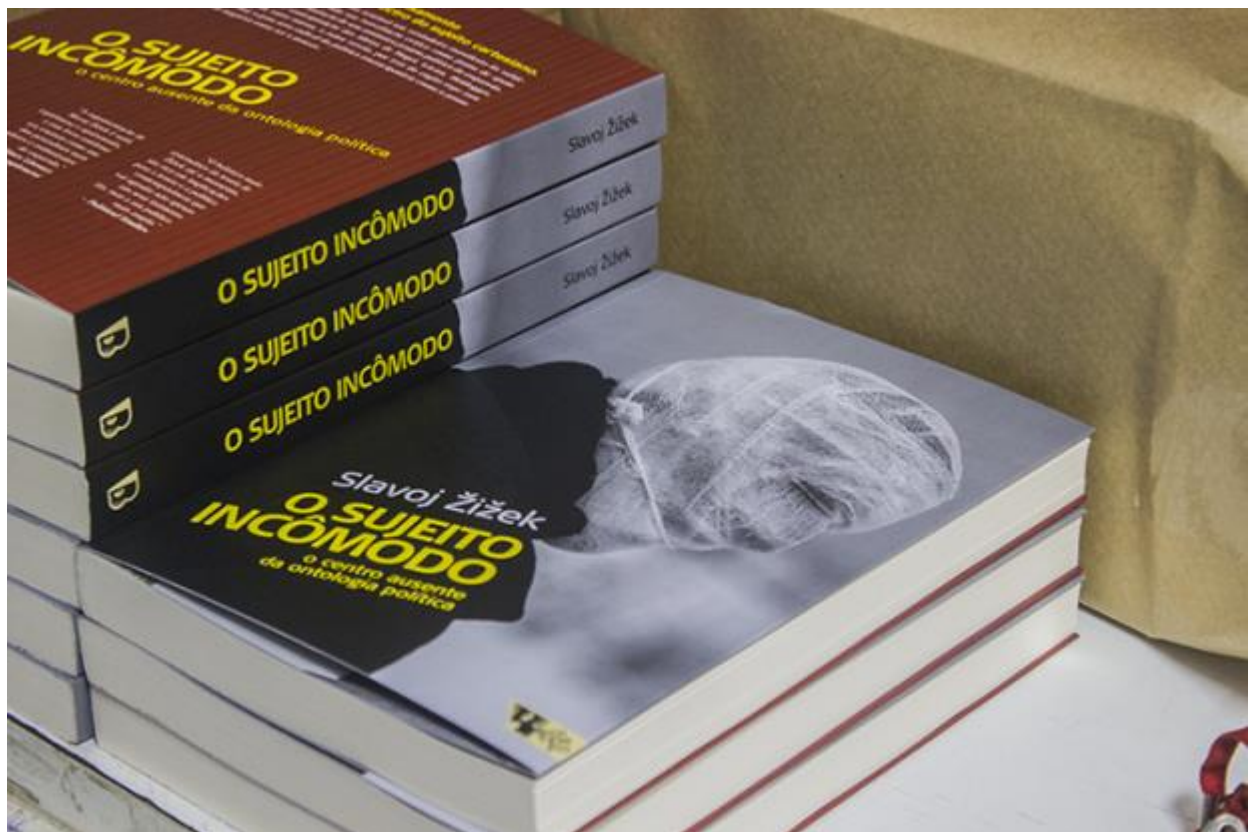
Nessa vertente de populismo de esquerda, a lógica do “Nós” contra “Eles” permanece, mas aqui o “Eles” não aparece na forma de pobres refugiados ou imigrantes, mas na figura do capital financeiro e da burocracia tecnocrática do estado. Esse populismo também vai além do velho anticapitalismo da classe trabalhadora; ele visa reunir uma multiplicidade de lutas, da ecologia ao feminismo, do direito ao emprego à saúde e à educação gratuitas.

A tragédia recorrente da esquerda contemporânea é a velha história do líder ou partido que é eleito com entusiasmo universal junto à promessa de um “novo mundo” (o caso de Mandela e de Lula são emblemáticos aqui), mas que uma hora ou outra (geralmente depois de alguns dois anos), se vê diante do dilema fundamental: será que me atrevo a mexer com os mecanismos capitalistas, ou opto por “jogar de acordo com as regras do jogo”? E, claro, quando ousa-se perturbar os mecanismos do capital, logo vem o rebote das perturbações do mercado, o caos econômico e por aí vai... Então como pensar uma verdadeira radicalização passado o primeiro estágio de promessa e entusiasmo?

Estou convicto de que nossa única esperança é agir em nível transnacional – só assim teremos a chance de fazer frente ao capitalismo global. O Estado-nação não é o verdadeiro instrumento para confrontar a crise dos refugiados, o aquecimento global e outras questões urgentes que se colocam. Então ao invés de se opor aos eurocratas em nome de interesses nacionais, por que não começar tentando formar uma esquerda europeia? Não vamos competir com os populistas de direita. Não vamos permitir que eles definam os termos da luta. O nacionalismo socialista não é a forma certa de combater o nacional socialismo.

** A tradução é de Artur Renzo, para o Blog da Boitempo.*

Chegou novo livro do Žižek!



Acabamos de desempacotar a primeira edição brasileira do aguardado ***O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política***, um dos livros mais importantes de Slavoj Žižek!

Nele, o filósofo esloveno apresenta um verdadeiro manifesto político da subjetividade cartesiana, defendendo sua reavaliação crítica como ponto de apoio indispensável para a reformulação de um autêntico projeto político de esquerda. Por meio da análise e contraposição das ideias de Hegel, Lacan, Heidegger, Kant, Butler e Freud, entre outros, o autor revela, por trás do cogito ergo sum [penso, logo existo], o grau zero radical da política emancipatória como o ponto da intersecção negativa entre ser e pensar.

Para aprofundar a reflexão...

A nova edição da revista da Boitempo, a **Margem Esquerda**, tem um dossiê temático dedicado a introduzir e aprofundar o contemporâneo sobre xenofobia, imigração e terrorismo, com ensaios de fôlego assinados por Osvaldo Coggiola, Ana Luisa Zago e Roberto Massari. A edição conta ainda com uma entrevista exclusiva de **Paul Singer** conduzida por Paulo Barsotti e Luiz Bernardo Pericás; artigos de **Celso Frederico**, **Michael Löwy** e **Carlos Eduardo Martins**, além de um texto clássico de **Leon Trotsky** sobre terrorismo. O artista convidado deste número é o paraense radicado na Alemanha, **Francisco Klinger**. Confira o sumário completo da edição [aqui](#).

Para comemorar o novo projeto gráfico da revista que esta edição inaugura, estamos realizando uma **promoção especial de assinatura**. Só até a semana que vem, quem fizer sua assinatura pode ganhar até 2 edições anteriores da revista de brinde, além de 15% de desconto e frete grátis. **Clique [aqui](#) para participar.**

Um olhar a partir de Londres: um país dividido e uma “City” atordoada

24 Junho 2016

Manchete do dia do tablóide "London Evening Standard" : "WE'RE OUT" (Estamos fora !)

"Glorioso" para uns, "triste" para outros. Para todos, este foi um dia diferente em Londres, depois do "choque" que foi a vitória do "Sair" no referendo à União Europeia. Leia a nossa reportagem.

Reportagem em Londres

A parede já secou do dilúvio da véspera. Já não está quase preta — está só castanha escura. É uma esquina da fachada de Mansion House e, do lado de cá, falamos com Duncan, que está à espera da namorada. Espreitando pela esquina, vê-se a Bolsa, o Banco de Inglaterra e os escritórios dos bancos da *City*. O rebuliço é visível, mas há menos gente do que o habitual. A namorada de Duncan, que trabalha no setor financeiro, ainda não conseguiu sair para almoço. Só por isso — porque Emma ainda não está presente — é que o jovem nos diz: “Bem, se nos afastarmos um pouco, faz sentido. É um ciclo: as pessoas aproximam-se e durante algum tempo corre bem. Depois deixa de correr tão bem e, então, afastam-se. É quase sempre assim”.

Poucas horas antes, o resultado tinha sido confirmado oficialmente. Michael Gove, um dos arquitetos do *Brexit*, antecipou um processo tranquilo de “divergência gradual” com os “vizinhos” europeus. Boris Johnson, na mesma conferência de imprensa, disse não querer “pressa” e garantiu que o Reino Unido não deixa de ser europeu — apenas deixará de pertencer à União Europeia. O primeiro-ministro David Cameron tinha pedido a demissão mas, como ironizou um jornalista do *Financial Times*, essa era só a terceira notícia mais importante deste dia: o dia em que o Reino Unido votou pela separação

“As pessoas estão, ainda, em choque. Não largam os telemóveis apesar de ser proibido utilizar telemóveis no *floor* da Bolsa”. Era este o ambiente no interior da Bolsa de Valores, segundo o relato feito ao Observador por um analista alemão a trabalhar para um dos *gigantes* alemães da *City*. Um banco que, como nos conta este financeiro durante o almoço, “certamente deixará, em breve, de ter grandes razões para me ter aqui”.

“No worries, a casa é arrendada e o carro... Bem, ao carro tenho de ver se consigo trocar o volante de lado”, diz.

Entre 50 mil a 70 mil empregos no setor financeiro de Londres deverão ser eliminados ou deslocados nos próximos 12 meses. “As dispensas vão começar já na próxima semana”, avisou um consultor da City ao portal eFinancialCareers.com. Serão, segundo alguns cálculos, cerca de 2,5 mil milhões de libras em impostos, por ano, que deixam de entrar no Tesouro britânico.

O Observador não chegou a conhecer Emma, lamentavelmente, e para o final da conversa Duncan já não estava tão tranquilo, talvez influenciado pelo movimento crescente de engravatados com cara de poucos amigos que dobraram a esquina da Mansion House, vindas dos bancos. Menos capaz de “se afastar um pouco” e olhar para a *big picture* da natureza das sociedades, o engenheiro lamenta: “Isto é terrível. Daqui a 20 anos, o que vai ser disto? Vamos ser uma ilhota no meio do mar?”.

O Reino Unido não é só Londres. E Londres não é só a City. A sensação da reportagem do Observador na semana decisiva é que quanto mais se caminhava para o centro icónico de Londres, mais era difícil encontrar votantes no *Leave* (Sair). Mas uma curta viagem para os bairros a norte, mais pobres, levava à constatação de que havia muito mais apoiantes do *Leave* e, sobretudo, indecisos.

No dia do voto, pelas 17h, à entrada da estação de Kentish Town, um pouco a norte da conhecida zona de Camden Town, o Observador cruzou-se com um quarentão que iniciava a sua viagem diária para os subúrbios. Um pouco desconfiado de jornalistas e dos seus “*smartphones* matreiros” — que o podiam estar a gravar às escondidas — o homem garantia que iria votar, mas não sabia ainda se seria em *Leave* ou em *Remain*.

Na semana anterior ao referendo, e talvez prevendo o resultado que se viria a confirmar, o ex-primeiro-ministro Tony Blair dizia que quem estivesse indeciso a esta altura do campeonato, se calhar não deveria votar. Mas o quarentão desconfiado garantia que ia votar, e a conversa posterior faz com que seja provável que tenha votado *Out*. Uma vitória demasiado larga do *Remain* não seria boa para ninguém, dizia o homem, que debaixo do braço levava uma

cópia do vespertino *Evening Standard* que trazia na capa a sondagem que dava vantagem ao *Ficar* nas sondagens.

Uma reviravolta inesperada à medida que os resultados foram contados e, aí está: mais uma vez, as sondagens chutaram ao poste e poderão ter induzido alguma complacência nos eleitores. Mas, contas feitas e primeiros-ministros demitidos, a conversa numa esplanada na *City*, depois de almoço, já era outra. Na mesa ao lado, fala-se de David Cameron como um “primeiro-ministro que fica na História como tendo dado um enorme tiro no pé”.

Essa não é, contudo, a opinião consensual. Um outro dos três financeiros que tiraram uns minutos para relaxar depois de almoço, o único que não está a fumar, tem uma visão mais contida. Era inevitável, diz o homem: “Mais tarde ou mais cedo, este referendo teria de acontecer”. Talvez seja a “tendência natural das coisas” de que falava o enamorado Duncan, antes de almoço.

Para este homem, o mais velho entre os que estão na esplanada, quem merece críticas é Jeremy Corbyn e os trabalhistas que o colocaram na liderança do partido numa altura em que já se sabia que ia haver um referendo à União Europeia e o histórico do Parlamento inglês poderia não ter muita autoridade, pelas posições que assumiu no passado, para defender a permanência na União Europeia. Foi um dos pontos fracos da campanha do *Remain* — Jeremy Corbyn — e foi no eleitorado trabalhista que se perdeu o referendo, defende.

Quanto à alta finança, o homem está tranquilo. “Não será nada súbito e, no que diz respeito à regulação, penso que não irá mudar muita coisa — afinal de contas, vamos continuar a aceder ao G20”, sublinha. Aliviando a discussão com humor, um dos convivas interrompe: “Bem, ao menos isto significa que estes meses a fazer planos de contingência não vão para o lixo”.

A alta finança preparou-se, na medida do possível, para o *Brexit*. Mas quem não estará bem preparada para o que aí vem é a classe média que ajudou a tirar o Reino Unido da União Europeia. “Foi um choque enorme, mas depois do choque financeiro e económico virá o choque social — e esse vai levar muito tempo a sanar”, afirma David Hayward, outro financeiro que também trabalha na *milha quadrada*, como é conhecido o centro financeiro de Londres.

O que também preocupa David Hayward é o “clima de divisão” que parece estar a emergir no país. “Isso nunca é bom, quando acontece, esteja onde estiver”. E as divisões aparecem, desde logo, entre as diferentes faixas etárias:

David Hayward diz que “toda a gente tem o direito de votar, não podemos queixar-nos disso”. “Mas vai ser muito duro para os mais jovens, que votaram para *Ficar*, em comparação com a geração mais velha, que gozaram dos benefícios do mercado único e da pertença à União Europeia e, agora, privaram esta nova geração de beneficiar do mesmo”.

O medo da imigração e do terrorismo e, por outro lado, o funcionamento pouco democrático da União Europeia foram suficientes para combater a inércia do eleitorado, até mesmo com a morte da deputada Jo Cox a fazer parecer, a certa altura, que os nacionalismos tinham passado para segundo plano.

“Penso que não estaria ao nosso alcance promover as mudanças que são necessárias na União Europeia. Portanto, mesmo não sendo eu alguém que queria sair da União Europeia, penso que só mesmo com uma medida drástica como esta se poderia fazer uma mudança”, disse ao Observador um transeunte, perto de Westminster, que votou pelo *Leave*.

“Vai haver um impacto negativo a curto prazo, mas a longo prazo sairemos mais fortes”, atira.

MARGEM ESQUERDA

A REVISTA DA
BOITEMPO
ESTÁ DE
CARA NOVA!

PROMOÇÃO DE ASSINATURA

ANUAL
(2 EDIÇÕES)

=

DESCONTO DE 10%
E FRETE GRÁTIS!

+

BRINDE: 1 EXEMPLAR
ANTERIOR DA MARGE

BIANUAL
(4 EDIÇÕES)

=

DESCONTO DE 15%
E FRETE GRÁTIS!

+

BRINDE: 2 EXEMPLAR
ANTERIORES DA MAR

* Os exemplares enviados são aleatórios. Não é possível escolher o número da edição.

Slavoj Žižek nasceu na cidade de Liubliana, Eslovênia, em 1949. É filósofo, psicanalista e um dos principais teóricos contemporâneos. Transita por diversas áreas do conhecimento e, sob influência principalmente de Karl Marx e Jacques Lacan, efetua uma inovadora crítica cultural e política da pós-modernidade. Professor da European Graduate School e do Instituto de Sociologia da Universidade de Liubliana, Žižek preside a Society for Theoretical Psychoanalysis, de Liubliana, e é um dos diretores do centro de humanidades da University of London. Dele, a Boitempo publicou *Bem-vindo ao deserto do Real!* (2003), *Às portas da revolução (escritos de Lenin de 1917)* (2005), *A visão em paralaxe* (2008), *Lacrimae rerum* (2009), *Em defesa das causas perdidas*, *Primeiro como tragédia, depois como farsa* (ambos de

2011), *Vivendo no fim dos tempos* (2012), *O ano em que sonhamos perigosamente* (2012), *Menos que nada* (2013), *Violência* (2014) e o mais recente *O absoluto frágil* (2015). Colabora com o **Blog da Boitempo** esporadicamente.

The Brexit Vote — Paul Craig Roberts

June 24, 2016 | Categories: Articles & Columns | Tags: |  Print This Article

The Brexit Vote

Paul Craig Roberts

What does it mean?

Hopefully, a breakup of the EU and NATO and, thereby, the avoidance of World War III.

The EU and NATO are evil institutions. These two institutions are mechanisms created by Washington in order to destroy the sovereignty of European peoples. These two institutions give Washington control over the Western world and serve both as cover and enabler of Washington's aggression. Without the EU and NATO, Washington could not force Europe and the UK into conflict with Russia, and Washington could not have destroyed seven Muslim countries in 15 years without being isolated as a hated war criminal government, no member of whom could have travelled abroad without being arrested and put on trial.

Clearly, the presstitute media lied about the polls in order to discourage the leave vote. But it did not work. The British people have always been the font of liberty. It was the the historic achievements of the British that transformed law into a shield of the people from a weapon in the hands of the state and gave accountable government to the world. The British, or a majority of

them, understood that the EU is a dictatorial governing mechanism in which power is in the hands of unaccountable people and in which law can easily be used as a weapon in the hands of unaccountable government.

Washington, in an effort to save its power over Europe, launched a campaign, willingly joined by prostitutes and the brainwashed left-wing, who flocked to the One Percent's banner, that presented the effort to preserve British liberty and sovereignty as racism. This dishonest campaign shows beyond all doubt that Washington and its media whores have no regard whatsoever for liberty and the sovereignty of peoples. Washington regards every assertion of democratic rule as a barrier to its hegemony and demonizes every democratic impulse. Reformist leaders in Latin America are constantly overthrown by Washington, and Washington asserts that only Washington and its terrorist allies have the right to choose the government of Syria, just as Washington chose the government of Ukraine.

The British people, or a majority of them, gave Washington the bird. But the fight is not over. Perhaps it hasn't really yet begun. Here is what the British can likely expect: The Federal Reserve, European Central Bank, Bank of Japan, and George Soros will conspire to attack the British pound, driving it down and terrorizing the British economy. We will see who is the strongest: the will of the British people or the will of the CIA, the One Percent, and the EU and neocon nazis.

The coming attack on the British economy is the reason that leave supporters such as Boris Johnson are mistaken in their belief that there is "no need for haste" in exiting the EU. The longer it takes for the British to escape from the authoritarian EU, the longer Washington and the EU can inflict punishment on the British people for voting to leave and the more time the prostitutes will have to convince the British people that their vote was a mistake. As the

vote is nonbinding, a cowardly and cowed Parliament could reject the vote.

Cameron should step down immediately, not months from now in October. The new British government should tell the EU that the British people's decision is implemented now, not in two years and that all political and legal relationships terminated as of the vote. Otherwise, in two years the British will be so beat down by punishments and propaganda that their vote will be overturned.

The British government should immediately announce the termination of its participation in Washington's sanctions on Russia and hook its economy to the rising nations of Russia, China, India, and Iran. With this support, the British can survive the Washington led attack on their economy.



Dr. Paul Craig Roberts was Assistant Secretary of the Treasury for Economic Policy and associate editor of the Wall Street Journal. He was columnist for Business Week, Scripps Howard News Service, and Creators Syndicate. He has had many university appointments. His internet columns have attracted a worldwide following. Roberts' latest books are [The Failure of Laissez Faire Capitalism and Economic Dissolution of the West](#), [How America Was Lost](#), and [The Neoconservative Threat to World Order](#).

Tariq Ali: “A União Europeia precisa de um choque para mudar”

O escritor e realizador é uma das referências da esquerda britânica que vai votar pelo “Brexit” esta quinta-feira. Em janeiro deu uma entrevista a um diário francês a explicar a sua posição no referendo britânico.

22 de Junho, 2016 - 16:25h

Foto Eduardo Barreira Barroso/Stop the War Coalition/Flickr

Anunciou que votará contra a permanência do Reino Unido na União Europeia. Porquê?

Não tinha pensado em participar neste referendo porque o debate me parece inútil. Mas, após ter visto a Grécia, a Irlanda e Portugal estrangulados pela austeridade, decidi votar contra a União. É uma instituição antidemocrática – o Parlamento tem poderes muito limitados e todas as decisões são tomadas pelo conselho de ministros – e uma máquina burocrática ao serviço do neoliberalismo. Ela alimenta a distância dos cidadãos em relação às elites políticas e o crescimento da extrema direita na Europa. A União precisa de um choque para mudar. O “Brexit” seria um choque. Preferiria que a esquerda se envolvesse numa campanha pela Europa, mas contra a União Europeia, para mostrar que somos críticos da UE por razões que não têm a ver com o chauvinismo da direita e da extrema-direita inglesa antieuropeia. Se Jeremy Corbyn tivesse apoiado o “Brexit”, isso daria lugar a uma imensa campanha à esquerda, pois seríamos muitos a partilhar dessa opinião.

Porque é que Corbyn decidiu opor-se ao “Brexit”?

Jeremy nunca foi um grande apoiante da UE, que considera uma máquina capitalista. Ele disse que estava muito insatisfeito com o seu funcionamento atual e que deveríamos lutar no seu interior. Mas preferiu essa opção para manter unido o Partido Trabalhista. É perigoso. Arriscamo-nos a ver na Grã Bretanha uma situação parecida à da França: o UKIP, a extrema-direita inglesa, a impor-se como o único partido representante da raiva dos cidadãos contra a elite política e as instituições europeias. É uma situação estranha: o euroceticismo é assumido sobretudo pelo Ukip, mas a esquerda também está muito nervosa. Entretanto, a maioria da população

não mostra interesse pela União Europeia.
De onde vem essa falta de interesse?

O Reino Unido portou-se sempre como um país atlantista, mais do que europeu. Será que é por estar separado geograficamente do continente? Será porque o Império britânico manteve a ilusão de que não precisa da Europa para ser uma grande potência? No início, tanto a esquerda como a direita estavam contra a ideia de fazer parte da Europa. É o partido Conservador, liderado por Edward Heath, que fez entrar o Reino Unido no mercado comum em 1973. Ele esperava dessa forma evitar cair por completo sob a influência americana. Isso nunca funcionou como deve ser. Depois, nos anos Thatcher, são os sindicatos que ganharam interesse pela Europa: era a altura em que Jacques Delors falava da Europa Social. Mas esse estado de espírito desapareceu. As elites políticas longínquas da UE, o desemprego, os migrantes europeus, que o Ukip acusa de roubarem trabalho aos britânicos... tudo isso cria um sentimento antieuropeu.

Este referendo é efetivamente sobre a Europa?

A maioria dos britânicos não quer saber da forma como a UE funciona. Este é sobretudo um debate sobre a economia e em parte sobre identidade. A identidade britânica está fraturada após a quase saída da Escócia, é a questão da identidade inglesa que se coloca. Mas como defini-la num país com milhões de migrantes? Este referendo é revelador da crise que atravessa o Estado britânico na sua própria estrutura.

O que seria a UE sem o Reino Unido?

O “Brexit” significaria o princípio do fim para a União tal como hoje existe. A Alemanha ficava a ganhar com essa saída, para a reconstruir à sua imagem. A Europa foi sempre uma construção franco-alemã, mas Berlim já não olha para Paris como um aliado sério. No entanto, o poder francês assenta no facto de que a Alemanha a reconheça como seu par.

E o que seria do Reino Unido sem a UE?

Em caso de “Brexit”, julgo que é o modelo norueguês que se irá impor. No plano comercial, não mudará grande coisa: o Reino Unido continuaria a trabalhar com a UE, assinaria com ela acordos específicos que o obrigariam a aceitar uma boa parte dos seus

regulamentos. A City de Londres continuaria no centro da finança europeia. Continuaríamos na NATO, tal como a Noruega. Em contrapartida, isso iria pôr cobro à imigração europeia, pois passaria a precisar de um visto de trabalho. E a Escócia, próeuropeia, votaria para se separar do Reino Unido e continuar na Europa. Na verdade, a elite britânica tem medo de sair da União Europeia. Eu creio que ela irá lançar uma campanha de medo, com argumentos falaciosos: vão insistir que será terrível para a economia. Mas não acho que o “Brexit” tornasse o Reino Unido melhor. Conduziria apenas o país a olhar-se tal como é: uma pequena ilha no norte da Europa que só consegue brincar no recreio dos grandes por estar ligada aos Estados Unidos. Mas se ficarmos na União Europeia, nada irá mudar.

Entrevista publicada pelo Nouvel Observateur a 21 de janeiro.

Artigos relacionados:

- [Razões de esquerda para o Brexit \(um dia destes\)](#)
- [Brexit \(2\): os argumentos, à esquerda](#)
- [Brexit: os protagonistas, à direita \(1\)](#)



Clique aqui para [Responder](#) ou [Encaminhar](#)

Razões de esquerda para o Brexit (um dia destes)

<http://www.esquerda.net/artigo/razoes-de-esquerda-para-o-brexit-um-dia-destes/43293>

Mesmo para aqueles que defendem as razões de esquerda para o Brexit, é sensato dizer: agora não. A altura para confrontar a Europa com uma agenda de esquerda é quando tivermos um governo do Labour e a Europa estiver a resistir contra ele. Artigo de Paul Mason, no Guardian.

18 de Junho, 2016 - 13:00h



Foto Abi Begum/Flickr

O argumentário da esquerda pelo Brexit é estratégico e claro. A UE não é – e não se poderá tornar – uma democracia. Em vez disso, fornece o ecossistema mais hospitaleiro no mundo desenvolvido para os monopólios empresariais rentistas, as elites que fogem ao fisco e o crime organizado. Tem um executivo tão poderoso que pôde esmagar o governo de esquerda na Grécia; um poder legislativo tão fraco que não consegue determinar leis nem controlar a sua própria administração. Um poder judicial que, nos julgamentos Laval e Viking, subordinaram o direito dos trabalhadores à greve ao direito do empregador a conduzir o seu negócio com liberdade.

O seu banco central está empenhado, através dos tratados, a favorecer a deflação e a estagnação em vez do crescimento. A ajuda de estado a indústrias afetadas é proibida. A austeridade que na Grã-Bretanha ridicularizamos como uma escolha política está, de facto, escrita no tratado da UE como uma obrigatoriedade não negociável. Tal como os princípios económicos da era Thatcher. Um governo trabalhista liderado por Corbyn teria de aplicar o seu programa desafiando a lei da UE.

E a situação está a ficar pior. Os líderes da Europa ainda não sabem se vão deixar a Grécia ir à bancarrota em junho; ainda não têm um plano que funcione para distribuir os refugiados que a Alemanha acolheu no verão passado, e tendo assinado um acordo moralmente falido com a Turquia para devolver os refugiados,

estamos perante a perspectiva de o ver colapsar. Isso significa, caso seja cumprida a alegada exigência de um ministro anónimo da Bélgica de “afastar ou afundar” os barcos com migrantes no Egeu, que as mãos de cada cidadão da UE estarão metaforicamente ao leme do navio que o fizer. Podem argumentar que a Grã-Bretanha trata os migrantes da mesma maneira. A diferença é que na Grã-Bretanha eu posso substituir o governo, enquanto na Europa não consigo.

Estes são os princípios do argumentário da esquerda pelo Brexit

Agora vejam as razões práticas para a ignorar. Em duas palavras: Boris Johnson. A direita conservadora podia ter conduzido a campanha pela saída com os temas da democracia, o Estado de direito e a soberania da Grã-Bretanha, deixando a economia para uma futura eleição. Em vez disso, Johnson e a direita dos Conservadores querem alcançar um mandato através do referendo para regressar ao thatcherismo em pleno: menos regulação no emprego, salários mais baixos, menos obstáculos aos negócios. Se a Grã-Bretanha votar Brexit, Johnson e Gove estão prontos para tomar o controlo do Partido Conservador e transformar a Grã-Bretanha numa ilha de fantasia neoliberal.

Eles terão dois anos para moldar a economia pós-Brexit. Pior ainda, os Tories ficam livres para usar o desaparecimento súbito dos nossos direitos enquanto cidadãos da UE para alterar a constituição de facto do país. O homem que destruiu o controlo público da educação e o homem que colocou acres de terra desocupada nas mãos dos promotores imobiliários de Londres irão determinar a nova relação de forças entre o cidadão e o estado. Por isso, mesmo para aqueles que defendem as razões de esquerda para o Brexit, é sensato dizer: agora não. A altura para confrontar a Europa com uma agenda de esquerda é quando tivermos um governo do Labour e a Europa estiver a resistir contra ele.

É por isto que recusei fazer campanha pelo Brexit, e talvez me abstenha no dia do referendo. Também quero ver a oferta final. Tal como no referendo escocês, espero que se as sondagens derem menos de 7% de avanço à permanência haja uma corrida politicamente orquestrada à libra; uma série de CEOs em parada na BBC a prometerem deixar a Grã-Bretanha; e depois uma “oferta final” surpreendente, vinda de Jean Claude Juncker ou de um grupo de chefes de governo influentes. Se esta oferta incluir a suspensão do capítulo social, ou mais opt-outs que favoreçam os ricos em vez

dos pobres na Grã-Bretanha, então não faria grande sentido permanecer por razões táticas.

Já neste momento, graças ao acordo de David Cameron em Bruxelas, a escolha é entre saída e meia-saída. Não creio que as cedências alcançadas por Cameron em março sejam coisa pouca. Embora o travão de emergência nas prestações sociais dos migrantes tenha sido um exibicionismo reacionário, o opt-out da “união ainda mais estreita” que conseguiu foi a sério. Significa que provavelmente não voltará a haver outro tratado com 28 membros.

Já neste momento, graças ao acordo de David Cameron em Bruxelas, a escolha é entre saída e meia-saída. Não creio que as cedências alcançadas por Cameron em março sejam coisa pouca. Embora o travão de emergência nas prestações sociais dos migrantes tenha sido um exibicionismo reacionário, o opt-out da “união ainda mais estreita” que conseguiu foi a sério. Significa que provavelmente não voltará a haver outro tratado com 28 membros.

À medida que a zona euro se consolida em torno da união bancária e transferências inter-fronteiriças, o Tratado de Lisboa será suplantado por novos acordos entre os países do núcleo central. Se isso acontecer, é provável que o Reino Unido possa retirar-se oficialmente de alguns compromissos de Lisboa. Então, mesmo que não haja uma desintegração catastrófica, é provável que a relação do Reino Unido tanto com a zona euro como em relação à lei europeia continuem a ser negociáveis.

Tudo isto sugere que os que queremos o Brexit para voltar a impor a democracia, promover a justiça social e submeter as empresas ao Estado de direito, temos de esperar a nossa hora. Mas aqui está o preço que iremos pagar. A Hungria está a um desastre eleitoral de se tornar fascista; a elite conservadora francesa está a um passo em falso de distância de entregar a presidência à Frente Nacional; na Áustria, a extrema-direita do FPÖ ganhou a primeira volta das presidenciais. O islamofóbico virulento PVV de Geert Wilders vai à frente nas sondagens.

O fracasso económico da UE está a alimentar o racismo e a ultradireita. A comparação feita por Boris Johnson da UE com o Terceiro Reich foi simplista. A comparação mais exata seria com a República de Weimar: uma democracia defeituosa cujas falhas estimularam a ascensão do fascismo. E esta viragem para a extrema direita coloca um dilema: será que eu quero mesmo fazer

parte do mesmo eleitorado de milhões de Nazis no armário no continente europeu?

A UE, politicamente, começa a parecer-se cada vez mais um estado manipulado, onde os eleitorados politicamente imaturos da Europa de Leste podem ser usados – como Napoleão usou o campesinato francês – como um obstáculo permanente ao liberalismo e à justiça social. Se assim for – mesmo que as condições políticas para um Brexit de esquerda estejam hoje ausentes – eu vou querer sair em breve.

Paul Mason é jornalista do Channel Four britânico. Artigo publicado a 16 de maio de 2016 no Guardian. Traduzido por Luís Branco para o esquerda.net.

Artigos relacionados:

Brexit (2): os argumentos, à esquerda

<http://www.esquerda.net/opiniaao/brexit-2-os-argumentos-esquerda/43329>

Viro-me agora para a esquerda britânica que, perante o condicionamento do referendo pela luta interna das direitas, se vê aprisionada num processo que não desejou, não controla e escassamente influencia.

20 de Junho, 2016 - 21:56h

[Francisco Louçã](#)

Num [post anterior](#), comentei os protagonistas que, à direita, dominam a agenda do referendo britânico. Não tinha ainda lido o [discurso tremendista do ministro das finanças](#), Osborne, que demonstrou a mais brilhante forma de fazer campanha pela União Europeia: ameaçar o país com um aumento de impostos e novos cortes nos serviços sociais. Só faltava mesmo esta ameaça para que o elegante painel de protagonistas demonstrasse todo o seu valor. Não acho que seja de espantar que, com tal diligência de Cameron e de Osborne, o seu ministro, a saída esteja a subir nas sondagens.

Viro-me agora para a esquerda britânica que, perante o condicionamento do referendo pela luta interna das direitas, se vê aprisionada num processo que não desejou, não controla e escassamente influencia. Dividida também, a esquerda – deixando de lado os partidos e concentrando-me nos analistas e ideólogos – apresenta razões para o “sim” à saída como para o “não”.

Do lado da saída, Richard Tuck, professor em Harvard, politólogo, [argumenta a irreversibilidade dos danos provocados pela UE](#) contra a democracia. Na tradução do blog [Ladrões de Bicicletas](#), escreve ele:

“A esquerda britânica corre o risco de prescindir da única instituição que historicamente foi capaz de usar com eficácia – o Estado democrático – a favor de uma ordem constitucional feita à medida dos interesses do capitalismo global e da política gestonária. O desenvolvimento da jurisprudência da UE minou consistentemente opções de política associadas com a esquerda, como a política industrial e as nacionalizações. Estruturas constitucionais que estão em grande medida fora do alcance dos cidadãos tenderam a bloquear o tipo de políticas radicais em que a esquerda tradicionalmente acreditou. (...) Mesmo que os partidos de esquerda europeus fossem bem sucedidos na elaboração de um programa comum, a UE não é o tipo de entidade política que possa ser alterada pela política popular. A UE foi construída para obstruir a política popular.”

Mas a surpresa vem do lado dos que à esquerda argumentam que o Reino Unido não deve sair. Dois dos casos mais respeitáveis e relevantes, dado o impacto das suas opiniões, são os de Monbiot e de Mason.

[George Monbiot](#), académico e uma das figuras de referência do pensamento ambientalista no Reino Unido, denuncia o argumento soberanista porque, escreve ele, o seu país se tornou um paraíso de uma mafia financeira que agora pretende trocar a abdicação de soberania para a União Europeia pela abdicação para os Estados Unidos. O seu exemplo é o tratado da Parceria Transatlântica, que está a ser negociado entre a Comissão Europeia e Washington, e conclui que a opção de sair é caminhar para uma solução ainda pior, pois o seu país ficaria refém desse neoliberalismo radical. O problema com este argumento é que a Parceria está a ser negociada precisamente pela UE, o que torna difícil que Monbiot reivindique a pertença como condição para recusar o acordo com

os Estados Unidos, sobretudo porque esse acordo tem os seus melhores aliados em Bruxelas.

Paul Mason, jornalista e editor do Channel Four, defende a saída, mas não agora, argumentando que a UE é um projecto fracassado e perigoso: não é uma democracia e diminui as democracias, proíbe a política industrial, prejudica a criação de emprego, degrada as relações sociais, promove um acordo vergonhoso com a Turquia... mas o Reino Unido deve ficar, por uma única razão, para não ceder a Boris Johnson. Ou seja, por cálculo da relação de forças política, o que certamente tem que ser sempre tomado em consideração. Mas será razão que determine o eleitorado?

Pergunto-lhe então, caro leitor ou leitora: acha que é mobilizador o argumento que diz aos britânicos que deviam sair, mas que devem ficar, porque os que propõem a saída são inapresentáveis?

Assim, a direita conduziu o Reino Unido a uma aventura que não sabe calcular e a esquerda derrota-se a si própria porque parece saber o que quereria se o mundo fosse melhor, mas não pode porque o mundo é pior.

Artigo publicado em blogues.publico.pt a 16 de junho de 2016

Sobre o/a autor(a)



Francisco Louçã

Professor universitário. Ativista do Bloco de Esquerda.

Brexit: os protagonistas, à direita (1)

<http://www.esquerda.net/opiniao/brexit-os-protagonistas-direita-1/43282>

O referendo britânico da próxima semana começa a tornar-se um susto para a União Europeia e deixou de ser visto condescendentemente como um mero jogo de Cameron, para passar a ser sentido como uma ameaça real.

19 de Junho, 2016 - 10:33h

Francisco Louçã

E, com as sondagens a indicarem uma vitória do Brexit (mas, atenção, sem saberem o que se passará com a grande margem de indecisos e com o medo dos últimos dias), percebeu-se que as instituições europeias não estão preparadas, não sabem o que fazer e, pior, nunca levaram a sério a probabilidade de se dar aqui um passo para a desagregação da União Europeia.

De facto, nem as autoridades britânicas parecem saber o que estão a fazer. Para analisar este paradoxo, vou tratar nesta nota somente um dos aspetos desta questão, que é o retrato de alguns dos protagonistas principais de um confronto que nasceu de um ajuste de contas dentro da direita britânica.

O primeiro referendo não foi assim. Em 1975, Harold Wilson, primeiro ministro trabalhista, desencadeou um referendo para a participação no Mercado Comum, que ganhou com 67% contra 33% (a adesão tinha sido decidida três anos antes por um governo conservador, sem referendo). Wilson procurava assim resolver a divisão do seu próprio partido entre os partidários do “sim” e do “não” e tomar a iniciativa política – e ganhou em todos os terrenos.

Trinta anos depois, Blair lançou em 2004 a proposta de um novo referendo a propósito da Constituição europeia, mas recuou depois da derrota do projecto nas consultas em França e na Holanda.

David Cameron, o primeiro protagonista deste referendo, não está a imitar o seu distante predecessor nem a prosseguir a sugestão de Blair, está a fazer um jogo político novo e arriscado, sobretudo porque a cultura da direita mudou muito desde então. Reforçou-se entretanto a política neoliberal, de que um dos principais promotores foi o trabalhista Tony Blair, pouco tempo depois de Thatcher, mas que se radicalizou agora no partido conservador, e reforçou-se o discurso nacionalista de direita, estimulado tanto

pelos impasses europeus como pela hegemonia alemã. Deste modo, o partido de Cameron, que governa com maioria absoluta, move-se em resposta ao temor do efeito da sua divisão e dos desafios que lhe surgem da direita. E Cameron lançou os dados para responder ao UKIP, bem como aos eurocéticos do seu partido. Tudo é um jogo e não há nada de mais desmobilizador para o eleitorado.

Pode perder? Pode. O pior desta campanha de Cameron é que ela é auto-derrotada: para justificar o voto “sim”, o primeiro-ministro acena com medidas contra os imigrantes europeus, ou seja, descredibiliza a integração, aliás com a complacência da Comissão Europeia que permitiu medidas discriminatórias que afetam os trabalhadores vindos de outros países europeus. O extraordinário argumento de Cameron é então este: votem para ficar na União, na certeza de que saímos ficando e aplicamos regras especiais que serão uma barreira contra os imigrantes.

O segundo protagonista é Nigel Farage, que dirige o UKIP e ganhou as últimas eleições europeias e demonstrou assim a vulnerabilidade dos conservadores (mas depois, mesmo com três milhões de votos, foi reduzido à insignificância de um único deputado, graças a um sistema eleitoral que falsifica o resultado do voto popular). A campanha do UKIP é centrada na recusa da imigração, com temas racistas (um exemplo muito discutido foi o cartoon aqui reproduzido, com traços anti-semitas, entre outras particularidades). Ele é um Cameron um pouco mais consequente e é essa a força da sua campanha.

O terceiro protagonista é Boris Johnson, o ex-mayor de Londres, que dirige uma bancada de 150 deputados conservadores que defendem a saída. Há em tudo isto uma luta interna para substituir Cameron, e Johnson, que é um Trump britânico, representa esta nova geração de gente do partido conservador, sem quaisquer escrúpulos, disposta à xenofobia e que só aplaude Cameron quando ele negocia vantagens nacionais a troco de fingir um discurso europeísta – como a UE tem ensinado e praticado.

Assim, é à direita que estão os protagonistas do referendo e são direitas radicais, para que não haja dúvidas. Nenhum destes protagonistas quer “integração europeia” ou convergência ou “políticas comuns”. O que discutem entre si é como é que limitam, ou mais ou menos, os direitos dos outros. Assim, qualquer que seja o resultado do referendo, a UE perde: criou um monstro palavroso e

um poder assustador, anunciando a subordinação dos Estados e limitando alegremente a soberania e a democracia, e agora assiste a um primeiro-ministro de direita a lançar uma jogada destrutiva por puras razões de jogo político interno.

Conclusão: nem vale a pena pensar na opção entre o “sim” e o “não” se for pelo alinhamento por qualquer destas duas estratégias.

Artigo publicado em blogues.publico.pt a 15 de junho de 2016

“Brexit é um passo forte de desagregação da UE”

<http://www.esquerda.net/artigo/brexit-e-um-passo-forte-de-desagregacao-da-ue/43378>

Em reação ao resultado do referendo britânico, Pedro Filipe Soares lembrou que “quem brinca com o fogo acaba por se queimar”, como aconteceu a David Cameron e à UE que tem imposto às pessoas “um projeto de crise permanente”.

24 de Junho, 2016 - 08:35h



Pedro Filipe Soares em entrevista à RTP após o referendo britânico.

“Podemos resumir o resultado e o processo a um ditado popular: quem brinca com o fogo acaba por se queimar. É o caso de David Cameron e da União Europeia”, resumiu Pedro Filipe Soares esta sexta-feira de manhã à RTP.

“Quem acha que pode impor às pessoas projetos de crise permanente, de retirada de direitos, quem tem uma atitude de humilhação perante outros povos, está a deixar que cresça um sentimento enorme antieuropeu que é aproveitado pelos partidos da extrema-direita”, prosseguiu o líder parlamentar bloquista.

A vitória do Brexit “é um passo forte de desagregação da UE, incapaz de responder aos anseios das pessoas e de perceber o mundo onde estamos”, marcado pela economia estagnada e o desemprego elevado.

“A continuar estas políticas, este referendo será o primeiro de vários”, acrescentou Pedro Filipe Soares, lembrando que vários partidos já o pediram noutros países.

Outra consequência deste terramoto político europeu diz respeito a Portugal, afirmou o líder parlamentar do Bloco, para quem “seria inaceitável que agora se viessem aplicar sanções” ao nosso país. “Esperemos que exista a consciência por parte da UE que há questões mais importantes a tratar do que as sanções a Portugal. Esperemos que a Europa reflita sobre si própria e perceba que o seu desígnio não pode ser a austeridade”, concluiu.

Artigos relacionados:

- [Britânicos escolhem sair da União Europeia](#)
-

“Numa UE em desagregação precisamos da confiança de quem quer mudar o futuro”

<http://www.esquerda.net/artigo/numa-ue-em-desagregacao-precisamos-da-confianca-de-quem-quer-mudar-o-futuro/43396>

Encerrando a sessão internacionalista, Catarina Martins falou sobre o Brexit e afirmou: “A escolha entre UE ou nacionalismo é o campo de escombros que a política da direita nos deixou. À esquerda sabemos que a escolha é outra: é entre autoritarismo e democracia”

24 de Junho, 2016 - 23:52h



"Numa União Europeia em desagregação nada pior do que a resignação ou o medo. Precisamos do sorriso e da confiança de quem quer mudar o futuro, em Espanha, em Portugal, em França, na Escócia, em Inglaterra, em toda a Europa" - Foto de Paulete Matos

Na sessão internacionalista, que teve lugar na noite desta sexta-feira e antecede a X Convenção do Bloco de Esquerda, intervieram Luís Fazenda, que deu as boas-vindas, Sylvia Gabelmann, do movimento Blockupy, Éric Toussaint, do Comité pela Anulação da Dívida do terceiro Mundo e participante das Conferências por um Plano B para a Europa, Zoe Konstantopoulou, ex-presidente do parlamento grego e também participante das Conferências por um Plano B para a Europa, a eurodeputada Marisa Matias, Arthur Moreau, participante do movimento Nuit Debout, e Catarina Martins.

“A responsabilidade da esquerda recusar falsas escolhas e lutar por um projeto novo”

“O que se passou a noite passada não foi uma ilha de xenófobos e de antipatia a saírem de uma união de acolhimento e de simpatia”, salientou a porta-voz do Bloco sobre o Brexit, lembrando que “a crise dos refugiados, os muros que se erguem, o vergonhoso acordo com a Turquia, a selva de Calais” são políticas da União Europeia (UE). “Os dirigentes europeus que hoje aparecem chocados com os britânicos querem iludir o mal que têm feito a toda a UE”, destacou.

A deputada avisou que “nos próximos meses, o maior risco é o da aceleração da desagregação da democracia”, recordando que a UE tem sempre respondido assim às crises: “está a correr mal? Avança mais um passo para substituir a democracia pela centralização dos poderes. Os europeus não gostam? Avança mais um passo para calar os europeus”.

“Numa União Europeia em desagregação nada pior do que a resignação ou o medo. Precisamos do sorriso e da confiança de quem quer mudar o futuro, em Espanha, em Portugal, em França, na Escócia, em Inglaterra, em toda a Europa”, frisou a porta-voz do Bloco de Esquerda.

Em conclusão, Catarina Martins sublinhou que “a responsabilidade da esquerda”, em cada país e na Europa, é “recusar falsas escolhas e lutar por um projeto novo”. “A Europa que vale a pena já só existe no futuro e defende-se hoje nas lutas pela soberania popular”, realçou.

“O movimento social não pode adormecer se as condições institucionais são melhores”

No início da sessão internacionalista, **Luís Fazenda** deu as boas-vindas, em nome da comissão internacional do Bloco, realçou que esta sessão desta vez privilegiou a presença de movimentos em vez de partidos, sublinhando que os movimentos sociais proliferam na Europa e ouvi-los é vital. Salientou ainda a necessidade de alianças, com movimentos e partidos, com o objetivo de alterar a relação de forças, reforçando a esquerda.

Sylvia Gabelmann, do movimento Blockupy, explicou que o seu movimento é uma rede de ativismos com presença em vários países e que apoia os movimentos que lutam pela solidariedade, contra as políticas austeritárias e contra a direita. Lembremos que o movimento se destacou nas grandes manifestações em Frankfurt, no combate ao austeritarismo e às políticas do BCE.

Éric Toussaint, do Comité pela Anulação da Dívida do terceiro Mundo e participante das Conferências por um Plano B para a Europa, defendeu que é preciso um plano B alternativo às políticas da UE e da direita e às imposições da Comissão Europeia e do Banco Central Europeu.

Toussaint criticou a “capitulação do governo de Tsipras”, apontando que o primeiro erro do governo do Syriza “foi assinar o acordo de 20

de fevereiro [de 2015]” e defendeu que a Grécia devia ter suspenso o pagamento da dívida externa.

Toussaint considerou que o Brexit “é a maior crise da UE desde a sua criação”, “uma derrota da CE e das classes dominantes europeias”, realçou que “a UE era o quarto de onde não se podia sair, agora o quadro mudou”. A finalizar, afirmou que “agora, pode haver alternativa de esquerda a favor de uma integração dos povos, a favor dos povos” e que “esta [a atual] integração europeia é uma integração contra os povos”.

A ex-presidente do parlamento grego, **Zoe Konstantopoulou**, afirmou o seu “orgulho” para com o povo grego e para com todos os povos que lutam pelos seus direitos, acusou a CE e o BCE de usarem “extorsão contra o povo grego”, criticou Tsipras pela capitulação face à UE e acusou-o de ter dissolvido o parlamento grego, “em acordo com os credores”. Zoe denunciou ainda as políticas de austeridade de que o povo grego está a ser vítima, nomeadamente a precariedade do trabalho e as privatizações ao desbarato da propriedade pública.

Marisa Matias afirmou que a Europa vive “uma desagregação” e criticou as políticas que têm dominado os partidos socialistas na Europa, nomeadamente a “passividade, desorientação ou convicção liberal agressiva, que é o que se passa com o governo francês”.

A eurodeputada salientou o papel dos movimentos sociais, destacando que “o movimento social não pode adormecer só porque as condições institucionais são melhores”, realçando a propósito o “caso da luta dos estivadores do porto de Lisboa”. “A vitória da luta e a vitória de ter uma vitória”, afirmou a eurodeputada, sublinhando que “os estivadores mostraram que a luta vale a pena”.

“É decisivo que a esquerda não se limite ao espaço institucional”, realçou Marisa, referindo que “precisamos de derrotar o medo”, denunciando “o acordo vergonhoso que as instituições europeias assinaram com a Turquia” e defendendo que “a força da esperança precisa de partidos, mas também de movimentos”.

Por fim, interveio **Arthur Moreau**, participante do movimento Nuit Debout, que salientou a importância do movimento que se desencadeou em França e os debates que o atravessam.

Catarina Martins na sessão internacional "O Tempo dos Movimentos na Europa"

Termos relacionados Notícias política

Europa enfrenta un terremoto político ante la salida del Reino Unido de la Unión

<http://informa-tico.com/24-06-2016/europa-enfrenta-terremoto-politico-salida-del-reino-unido-union>

Europa encara severas convulsiones financieras, económicas, políticas e incluso legales tras el voto por el Brexit en Reino Unido. El BCE ha respondido esta mañana a la sacudida en los mercados, con fuertes caídas en Bolsa, preocupantes desarrollos en las primas de riesgo y un hundimiento de la libra. Los presidentes de las principales instituciones comunitarias se han reunido en Bruselas para afrontar el nuevo escenario que abre el 'Brexit'.

24 de Junio 2016



Cameron anunció su dimisión en octubre debido al shock político del brexit

Y el jefe de la Comisión Europea, Jean-Claude Juncker, ha dado la respuesta política de las instituciones al desafío británico. ¿Es el principio del fin del proyecto europeo?, le ha espetado la prensa británica. "No", ha contestado rotundo.

Juncker ha reclamado a Berlín y París que actúen con celeridad para reducir la era de incertidumbre que abre el Brexit. Y ha abierto la puerta de salida a Reino Unido: pide empezar a negociar "cuanto antes" un acuerdo que refleje el interés de ambas partes para que Reino Unido se convierta "en tercer país". Bruselas pretende "no prolongar innecesariamente la incertidumbre", según el presidente de la Comisión, que ha subrayado la importancia de la unidad de Europa: "Nos entristece el resultado del referéndum, pero hay que respetar la decisión de los británicos. La UE seguirá existiendo a 27".

El Brexit abre una nueva era: es, de largo, el mayor revés del proyecto desde su fundación hace seis décadas. Provocará (provoca ya) efectos secundarios en todo el continente, empezando por los mercados. En una época de graves crisis entrelazadas, el Brexit expone a Europa a enormes desafíos a corto y medio plazo: incluso agranda las dudas sobre la supervivencia del proyecto sin uno de sus socios más destacados y ante el riesgo de contagio hacia otros países de los referéndums sobre la Unión.

El voto británico reaviva los espíritus anti integración que anidan en los populismos europeos, al alza en varios países, de Polonia a Italia, de Dinamarca a Grecia, y en particular en Francia y Alemania, cuyas elecciones se celebran en apenas unos meses. Todos los demonios que han emergido en la campaña británica (inmigración, anti-establishment y un largo etcétera) corren el riesgo de extenderse como la pólvora por toda Europa.

La sacudida en los mercados ya ha empezado. Y la política: 60 años después, la Unión Europea se enfrenta a la primera deserción de su historia, y varios dirigentes euroescépticos reclaman referendos parecidos al que acaba de celebrar Reino Unido: Holanda, Francia, hasta Italia se acerca a esa posibilidad, que elevaría el riesgo de desintegración de la UE.

Bruselas se ha despertado entre el susto y el miedo por el voto en Reino Unido y el efecto contagio que puede generarse en el resto del continente: "Estoy profundamente decepcionado", ha acertado a decir el presidente de la Eurocámara, el socialdemócrata alemán Martin Schulz, al filo de las ocho de la mañana. "Es un día triste, muy triste para los británicos y para los europeos; no es lo que esperábamos y ahora hay que actuar con responsabilidad", ha dicho.

El presidente del Consejo Europeo, Donald Tusk, ha asegurado que la Unión "está decidida a mantener la unidad de los Veintisiete". Esas palabras muestran la magnitud del seísmo: hasta este jueves mismo eran los Veintiocho. "No habrá vacío legal después del Brexit", ha explicado Tusk. "Es un momento histórico, dramático y con consecuencias para todos, en especial para Reino Unido. Pero no podemos dar una respuesta histórica".

Los referéndums de los últimos meses eran un aviso para navegantes: por distintas razones y en diferentes contextos, Grecia dijo no a Europa hace un año. El segundo revés se produjo en Dinamarca. El tercero, en el reciente referéndum holandés. La cuarta negativa es la más imponente, la más dramática, la que tiene mayores potenciales consecuencias: los británicos han decidido salir de la Unión Europea y abren una nueva era en un club que hasta ahora solo se había ampliado.

Los Veintiocho empiezan a ser desde ya los Veintisiete. Aunque el divorcio puede ser largo y sonado: "El pueblo británico ha hablado: estamos fuera", decía esta mañana la BBC.

Lo primero será amortiguar el golpe en los mercados: el Banco Central Europeo y el Banco de Inglaterra han anunciado todo tipo de medidas para asegurar que hay liquidez a espuestas, a pesar de que la libra está ya en su nivel más bajo desde 1985 y tanto las Bolsas como otros mercados están sufriendo de lo lindo.

Las próximas horas serán cruciales para calibrar el shock financiero. Y sus reverberaciones en la arena política: varios líderes de partidos populistas europeos han amanecido bien temprano para anunciar la posibilidad de celebrar referéndums en sus respectivos países.

El Frente Nacional ya ha sugerido esa opción. Y el holandés Geert Wilders, e incluso la Liga Norte italiana. Los presidentes de las principales instituciones están reunidos en Bruselas: Juncker, (Comisión), Tusk (Consejo), Schulz (Parlamento) y Mark Rutte (primer ministro holandés y al frente de la presidencia rotatoria de la UE).

La canciller Angela Merkel y el presidente francés, François Hollande, se verán hoy en Berlín para analizar la jugada. El ritmo de encuentros será frenético las próximas semanas: este sábado hay

convocada una reunión de los países fundadores de la UE, también en Berlín.

Bruselas ha pasado de alerta naranja a alerta roja en una noche de San Juan que será muy recordada. La respuesta inmediata de la capital europea, más allá del bazuka del BCE, ha llegado en forma de un comunicado conjunto de las instituciones, que intentan dar con el tono adecuado para minimizar el impacto político del Brexit.

Bruselas, según ha avanzado Juncker, espera una declaración conjunta contundente por parte de Merkel y Hollande, un mensaje de unidad, de respeto por el voto británico, pero en el que a la vez queden claros los próximos pasos. Cabe esperar una respuesta más simbólica que sustantiva: Bruselas espera un paso adelante en materia de defensa y seguridad, y alguna cosa --menor-- en asuntos económicos y fiscales.

Las instituciones, según las fuentes consultadas, quieren que David Cameron inicie de inmediato las negociaciones de salida para dejar claro cómo funcionará la UE sin Londres. El primer ministro belga, Jean Michel, ha pedido una cumbre extraordinaria en julio para "definir prioridades y fijar un nuevo futuro para Europa". El líder del centroderecha europeo, Manfred Weber, ha reiterado que hay que cerrar el Brexit en dos años frente a los líderes del Brexit, que tratan de jugar con los tiempos de esa salida.

La legitimidad democrática de Europa descansa sobre la posibilidad que tienen los públicos nacionales de abandonar la Unión. El Tratado de Lisboa dejó claro que la UE no es una jaula: "Todo Estado miembro podrá decidir, de conformidad con sus normas constitucionales, retirarse de la Unión", dice un tratado que en su día despertó las reticencias de varios socios, que pensaban que esa disposición era contraria al espíritu comunitario.

Reino Unido acaba de votar y ese espíritu acaba de volar por los aires. Las consecuencias del seísmo se dejarán notar a la corta en los mercados, pero a la larga en las mismísimas raíces políticas de la UE.

La Unión está obligada a reinventarse sin uno de sus grandes socios: Reino Unido tiene un PIB de 2,5 billones de euros (más del doble que España), más de 60 millones de habitantes y un peso brutal en el sector financiero con la City, que ahora se puede ver muy tocada. Londres no ha sido el mejor socio a ojos de los

européistas: ha conseguido una Europa a la carta en la que no participa de Schengen, ni del euro, ni de lo que no le interesa en justicia y seguridad.

Pero a la vez ha aportado mucho al proyecto: es un contrapunto liberal de Francia, un contrapunto político de Alemania, una potencia en defensa y le da a la Unión un acento inglés marcadamente global. Todo eso está ahora en el aire, en medio de un divorcio que tiene muchos números para parecerse a aquel título de Raymond Chandler: el largo adiós.

[Reino Unido](#), [Unión Europea](#), [Referendum](#)

Win or Lose, the Brexit Vote Shows How Hard It Is to Defend the EU

Even the “remain” camp couldn’t muster an argument in defense of Brussels-style democracy.

- By [David Miller](#)
- June 22, 2016
-

When David Cameron decided to hold a national referendum on the United Kingdom’s continuing membership in the European Union, he must have thought that this would provide a relatively easy way of settling a dispute within the Conservative Party that had simmered for decades, occasionally breaking out into open warfare. Although the EU was not exactly popular with the majority of the British public, most of them appreciated the material advantages it offered, such as freedom to travel and the possibility of spending your retirement years in places where the sun shone and the living was easy. Moreover, it was a well-established truth about referendums that in the face of uncertainty voters tended to support the status quo – witness the referendum on Scottish independence, and before that the even more decisive rejection of a change to the voting system

for

parliamentary

elections.

But now that polling day has arrived, the outcome seems finely balanced, with several polls showing a small but significant majority in favor of Britain's leaving the EU. So what has gone wrong with the Cameron plan? Why are so many people unconvinced by the chorus of previously respected figures, inside and outside the country, warning them of the dangers of voting Leave?

Forget Brexit. Rexit Is The Real Problem.

India's central bank governor Raghuram Rajan railed against crony capitalism. But now that he's leaving, who will rein in the country's corrupt...

[Promoted By](#)

Part of the answer is the role that the issue of immigration has come to play in the campaign. Levels of immigration into Britain have been relatively high in recent years, with about half of all immigrants entering under the EU's freedom-of-movement law, and this has caused social tensions in some places where migrants have clustered.

But it's telling that these are not necessarily the places where opposition to the EU is strongest. In Britain, immigration has come to stand for something more than immigration itself. The British government's inability to control (intra-European) migration is seen as emblematic of a wider loss of control.

Many Britons feel that they are no longer in charge of their own destiny: “Take back our country” is a slogan that resonates along the campaign trail. Seen in this light, the Leave movement can be viewed as part of a much wider reaction against globalization that has taken different forms in different countries, but always calls for power to be seized from the political establishment — seen as being in cahoots with their international counterparts — and brought back to the people themselves.

The cross-party coalition trying to persuade the electorate to support Remain (i.e., to stay within the EU) faces a further difficulty. It has relied to a very large extent on highlighting the economic costs of an exit. Prognostications of the price that voters will pay if they choose to support Leave have become steadily more dire as polling day approaches. But this is rarely accompanied by any positive vision of the benefits of EU membership. Cameron’s presentation of the case for Remain has largely centered on the few small concessions and reassurances he was able to obtain in his negotiations before the referendum. There will be no requirement to join the Euro or to transfer further powers to Brussels; Turkey will not be invited to become a member for many decades ahead; and the EU will cut the U.K. a little slack on the payment of welfare benefits to migrant workers. In other words, we are safe for the foreseeable future from some of the impositions that the European Commission might otherwise attempt.

Taken together with the economic warnings, the whole approach of the Conservative Party Remainers to the referendum can be summed up in the concluding lines of G.K. Chesterton’s sorry tale of Jim, the boy who ran away and got eaten by a lion:

Always keep ahold of Nurse
For fear of finding something worse.

For the Labour Party, the problem is a little different. Their job is to convince their core voters, many of whom are inclined to support Leave, that the EU provides essential protection for workers' rights and welfare state institutions that would otherwise come under threat from a Conservative government. But it is difficult to make this argument without sounding defeatist. Does Britain's labor movement no longer have the strength and self-confidence to mount the defense on its own, without help from European bureaucrats? Is the Labour Party conceding that it is never going to govern Britain again? When Yvette Cooper, a leading figure in the party, argued the Remain case on television, she was gently reminded by her Conservative opponent, the son of Ghanaian immigrants, that the National Health Service and the other parts of the welfare state had been brought into existence single-handedly by Clement Attlee's postwar Labour government, unaided by any European institutions. This is a painful reminder of the power that parliamentary sovereignty once gave to parties of the left as well as of the right.

The public position of the Labour leadership (there are some doubts about the private views of the present party leader, Jeremy Corbyn) is that Labour wants Britain to remain within "a reformed EU." A reformed EU is presumably one that would promote Labour's social democratic values. But nobody has suggested how this reform is going to be accomplished. It is, in fact, very difficult indeed to reform the EU. There are 28 member states, with very diverse economic interests and, at any one moment governments of sharply differing political complexions. A change to the rules on freedom of movement, for example, will be welcomed by some but bitterly opposed by others.

Nobody in the Remain campaign is singing the praises of the European Parliament, or arguing, as some academics have done, that "European democracy" is a goal worth striving for. The EU is commended for what it delivers — economic stability according to

the right, workers' rights and environmental protection according to the left — but not for the manner in which it does so.

The dystopian vision of Europe as a top-down bureaucratic machine thus goes unchallenged.

The dystopian vision of Europe as a top-down bureaucratic machine thus goes unchallenged.

This offers the Leave side a strong democratic card to play, which it has used effectively. Its weak point is its inability even to sketch the kind of relationship that Britain would seek to create with the EU if the Brexit were to go ahead. At different times comparisons have been drawn with the arrangements made by Norway, Switzerland, and even Canada, but none of these precisely fits the position of the U.K. Those in the Remain camp are quick to point out that if Britain is to continue to be included in the single economic market, the price to pay is accepting freedom of movement within Europe – so the Brexit on those terms will do nothing to allay fears about uncontrolled immigration, and meanwhile the U.K. would lose whatever voice it has when the rules that govern the market are being debated.

So the outcome on Thursday will depend on whether the Leave campaign can instill enough optimism in the undecided voters to persuade them to take a leap in the dark, or whether the pessimistic warnings of the Remain side begin to ring true.

The question that will stay unresolved is whether there could be a future for Britain in Europe that keeps national democracy alive and well. Could the European Union actually come to practice what it preaches when it talks about subsidiarity, the principle that political decisions should be made only at a higher (in this case European)

level when they cannot be made effectively at a lower (in this case national or regional) level?

Although Britain's elites have failed to offer the public any reason to think highly of the existing EU, it should come as no surprise that some Britons have started to indulge in speculation about future European arrangements. Some have expressed the extraordinarily optimistic view, for instance, that a vote by the U.K. to leave might create such a political upheaval across Europe that the EU would be forced to reconstitute itself as a looser alliance among nations that no longer attempted to harmonize and regulate the internal affairs of its member states. National governments would take back powers deemed essential by their citizens, including the right to control borders. An EU like this would be one that most Britons would happily join — or rejoin, as it were, in a second referendum.

Editorial du « Monde ». L'Union européenne (UE) vient de subir un désaveu majeur. Elle a été rejetée, jeudi 23 juin, par une majorité de Britanniques. Dans sa sobre et brutale vérité, telle est la leçon du référendum organisé par le premier ministre conservateur, David Cameron. Cela veut dire que la deuxième économie de l'Union – après l'Allemagne – quitte le projet européen. Cela veut dire que l'un des rares pays de l'UE à disposer d'un appareil de défense conséquent et d'une diplomatie de poids délaisse l'Europe.

Le plus mauvais réflexe aujourd'hui serait de penser que cette affaire se résume à une décision catastrophique prise par les Britanniques

Par quelque bout qu'on prenne cette triste affaire, elle est une défaite pour l'UE, qui en sort affaiblie à l'intérieur de ses frontières et dont l'image à l'extérieur est celle d'une entité sur le déclin. On peut penser que c'est injuste au regard du bilan considérable qui est celui de l'Europe. On peut juger que M. Cameron a été un bien piètre défenseur de l'Union – le chef conservateur est fondamentalement un eurosceptique qui a rarement eu un mot en faveur de l'UE. On peut penser que les Britanniques prennent un risque énorme. C'est désormais leur affaire, ils ont tranché, démocratiquement. Ils

mettent fin à quarante-trois ans de participation à un projet européen qui ne leur a pas mal réussi.

Lire aussi. [En direct : après la victoire du « Brexit », Cameron annonce son départ dans trois mois](#)

Mais nous pensons d'abord à l'Europe, aux 27 Etats qui la constituent dorénavant. L'UE encaisse un revers de proportion historique. Les 27 ne peuvent pas ne pas en tirer les conséquences. Le pire serait de continuer comme avant, avec une dynamique qui, à tort ou à raison, génère bien plus d'euroscepticisme que d'euro-enthousiasme.

Le plus mauvais réflexe aujourd'hui serait de penser que cette affaire se résume à une décision catastrophique prise par les Britanniques, le repli sur leur insularité, et qu'elle n'empêchera pas le projet européen de continuer comme « avant ». La posture la plus irresponsable serait de tout mettre sur le dos de la démagogie, de la xénophobie et des mensonges qui ont marqué la campagne menée par les dirigeants conservateurs partisans du « Brexit ». On peut certes dénoncer les facilités du populisme électoral, en l'espèce cyniquement exploitées par un Boris Johnson, l'ancien maire de Londres. Mais cela ne veut pas dire qu'il faille renoncer à comprendre ce réflexe de rejet européen ni à avoir un regard autocritique sur l'UE telle qu'elle va.

Lire aussi. [« Brexit » : vendredi noir sur les marchés](#)

Car, si l'on cède à cette facilité, alors, très vite, le détricotage de l'UE se poursuivra, avec, ici et là, des demandes de référendums similaires, et d'autres départs. Si l'on veut, au contraire, que ce 23 juin ne marque pas le début du délitement de l'Union européenne, alors l'UE doit considérer que **le référendum d'outre-Manche l'oblige à une réflexion profonde sur ce qu'elle doit être et le tournant qu'elle doit prendre.**

Un divorce long et compliqué

On n'en décidera pas en quelques lignes. Risquons une piste, prudemment. Les Européens ne demandent pas un perfectionnement sans fin du marché unique, ils ne sont pas d'humeur fédérale non plus. Dans un environnement stratégique déstabilisé, ils veulent plus de sécurité. Dans une époque de grands flux migratoires, ils veulent un contrôle des frontières extérieures de

l'Union. A l'heure de cette « démocratie de l'immédiat » qu'instaure la révolution numérique, ils souhaitent plus de démocratie européenne. Cela veut dire une coopération renforcée en matière de défense, une tentative de gestion commune des grandes migrations – par des négociations régulières notamment avec l'Afrique – et une association renforcée des Parlements nationaux aux affaires de l'UE. Ce « plus d'Europe-là » devrait être de nature à réconcilier les peuples avec l'Union.

Lire aussi : [Le « Brexit » entraîne la chute de Cameron](#)

M. Cameron a pris un risque énorme. Il a logiquement décidé d'en tirer les conséquences : il quittera le pouvoir dans quelques mois. Reste à organiser un divorce qui s'annonce long et compliqué. Les traités accordent un délai de deux à quatre ans pour gérer le départ d'un pays de l'UE. Le Parlement de Westminster est contre ce départ. Déjà, les chefs de la campagne « Leave » font marche arrière. Ils disent qu'il ne faut pas se presser. Ils veulent faire traîner les choses jusqu'en 2020. Ils ont peur face à l'inconnu. Ils veulent rester dans le marché unique. Ils voient la tornade sur la livre et la City. Ils savent que la récession pointe pour leur pays. Ils n'ignorent pas que ce vote a été anglo-anglais et que l'Ecosse et une grande partie Irlande du Nord le rejettent : l'unité du royaume est menacée.

Dans ce contexte
troublé, les
continentaux
doivent rester fair
play. Mais,
Messieurs les
Anglais, vous
avez tiré, alors
« out », c'est
« out ».

por TUA EU



Fora da UE podemos prosseguir o assunto essencial de reconstruir nossa indústria manufactureira, nacionalizar nossas ferrovias, serviços postais, empresas de utilidade pública e companhias de energia; podemos reinvestir nos nossos serviços públicos e nas pessoas que os providenciam. Podemos proteger nosso Serviço

Nacional de Saúde do TTIP ou de qualquer coisa equivalente, podemos desenvolver nossas escolas sob controle público e começar a providenciar segurança de emprego e salários decentes e pensões para todos.

Os apoiantes do Trade Unionists Against the EU (TUAEU) quando falavam ao país sabiam que o povo estava farto das consequências da desindustrialização, da austeridade, congelamentos de pagamentos, pioria das pessoas e do sentimento de impotência que acompanhou o desemprego em massa, o trabalho precário, a pobreza e o estar sujeito a decisores cada vez mais distantes da responsabilização democrática.

Durante 40 anos foi-nos negado um voto sobre a UE. Ao longo desse tempo ela tornou-se mais remota, mais centralizada, mais submetida aos bancos e grandes corporações e mais indiferente à democracia. Seus pais fundadores, como Monnet, sempre foram claros que era um projecto destinado a "abolir o estado nação".

Seus sucessores, como o actual presidente da UE, Junkers, o qual transformou um país chamado Luxemburgo em nada mais do que um paraíso fiscal, herdou este ódio às nações e à democracia do povo. Portanto, a votação de referendo britânico sacudiu todo o seu projecto até ao seu âmago.

Esperamos outros apelos a referendos por todos os países da UE vindos de populações que nunca tiveram uma oportunidade de votar sobre a adesão e de algumas que o fizeram mas agora lamentam.

No movimento sindical estamos habituados à prática democrática. Foram nossos antecessores que estabeleceram o sufrágio universal e conceitos de democracia participativa e representativa nos nossos lugares de trabalho e organizações comunitárias.

Defendemos que os nossos líderes sejam responsabilizados pelas suas acções e os mandatamos para fazer o que o colectivo deseja que façam. Isso é o que exigimos agora a todo o país que seja implementado.

Nenhuns obstáculos deveriam ser postos no caminho por uma Câmara dos Comuns dominada por aqueles que fizeram campanha pela permanência.

Obstáculos no caminho serão colocados pelos bancos, parasitas e especuladores. Eles estiveram ocupados durante toda a noite do referendo a fazerem apostas sobre isto e aquilo. E não é incrível que um voto do povo de Sunderland [\[NR\]](#) possa afectar o valor do esterlino. Que poder temos nós!

Os magnatas do mercado do dinheiro, que foram os principais apoiantes da permanência, são altamente voláteis e preparam-se para outro crash. A culpa disto sem dúvida será atribuída ao bom povo de Sunderland e àqueles como eles.

O povo britânico, como esperava o TUAEU, decidiu rejeitar toda a base da anti-democrática União Europeia e seus compromissos essenciais com a austeridade, o "livre" movimento de capitais, de trabalho e de bens e serviços. Terão de ser implementadas políticas centradas na remoção destes princípios da nossa sociedade e na reconstrução da nossa economia real e serviços públicos.

Foi um movimento sindical altamente organizado que deu um grande sentido de finalidade e integração à nação. Sindicatos trabalham em prol de trabalhadores por toda a Gales, Escócia e Inglaterra e naturalmente no nosso vizinho mais próximo, a Irlanda.

Nossas necessidades como trabalhadores e sindicalistas, nossos problemas partilhados, nossos interesses são comuns e nossos valores irradiam-se em oposição a divisões superficiais e o flagelo do racismo.

Deve haver um retorno ao sindicalismo activo em todos os lugares de trabalho a fim de proporcionar o leito sólido para prosseguir com a decisão de colocar o povo em primeiro lugar e mobilizar toda a população em idade de trabalhar com confiança rumo a objectivos partilhados.

Finalmente o espírito de 1945 retornou. Devemo-lo inteiramente aos nossos avós assim como aos nossos netos mobilizarem-se e finalizarem o pesadelo neoliberal. Este pesadelo procurou arruinar as conquistas do passado e remover as oportunidades de vida do futuro.

A chave para isto é uma nova expressão do poder popular, um empenho da vontade da maioria sobre a minúscula minoria que

apoia os bancos e grandes corporações. Desde 1975 os principais apoiantes da UE no Partido Tory esraçalharam nossa manufactura, liquidaram nossas empresas de serviços públicos, reduziram a democracia local e introduziram o desemprego em massa e os contratos de zero horas. Uma condenação sobre tudo isto nunca foi feita.

Libertos do Tratado de Lisboa, agora seremos capazes de construir uma verdadeira solidariedade internacional com os países da Europa e para além dela.

O internacionalismo significativo precisa retornar. Alguns, durante o referendo, passaram por alto o que estava a acontecer aos trabalhadores e sindicatos na Grécia, Portugal, Espanha, Itália e França porque isto inconvenientemente revelava a natureza real da UE.

Sindicalistas na Grã-Bretanha diziam-nos continuamente que a solidariedade com os nossos irmãos e irmãs em países da UE, quando as suas estruturas e direitos de negociação colectiva estavam sob ataque, era mais necessária do que nunca. A TUAEU visitou vários países e conferências internacionais para tentá-lo e manter a sua responsabilidade internacional.

Sindicalistas de todo o globo escreveram-nos instando-nos a abandonar a UE e dar um sinal a pessoas progressistas por toda a parte de que, como nação poderosa e com a primeira classe trabalhadora sindicalizada, precisamos dar um sinal importante de que a agenda neoliberal que tem devastado a maior parte do mundo pode ser derrotada.

Podemos fazer isto. Todos nós temos um mandato, devemos todos implementá-lo.

Sindicalistas contra a UE (Trade Unionists Against the EU)

[NR] A votação em Sunderland foi de 61,3% a favor da saída da UE e 38,7% pela permanência

Ver também:

Resultados do referendo britânico

O original encontra-se em www.tuaeu.co.uk

Este artigo encontra-se em <http://resistir.info/> .

A revolta europeia

<https://www.publico.pt/mundo/noticia/a-revolta-europeia-1736243>

ÁLVARO VASCONCELOS

25/06/2016 - 02:38

O nacionalismo está de regresso, com uma forte influência política

A decisão dos cidadãos britânicos de abandonarem a União Europeia é mais uma prova da grande ameaça que pesa sobre a Europa: o nacionalismo. O problema é gravíssimo: a União Europeia está em risco, a paz na Europa está em risco. Não esqueçamos que o nacionalismo não só não é exclusivo dos Estados membros da União, como já fez ruir a arquitetura europeia de segurança com as políticas de Vladimir Putin.

Foi para conjurar o nacionalismo, responsável por duas guerras mundiais, que no pós-guerra foi lançada a construção europeia. O nacionalismo era a guerra. A integração europeia assentou na convicção de que só reforçando a interdependência, deslegitimando o nacionalismo e a xenofobia e vencendo o medo do outro seriam os europeus capazes de viver em paz e garantir a justiça social. E a História provou que tinham razão, durante mais de 60 anos – o mais longo período de paz da Europa.

O nacionalismo está de regresso, com uma forte influência política. Para muitos parece corporizar e dar sentido à revolta anti-*establishment* das classes médias europeias, confrontados com

ameaças sérias ao seu bem-estar social, mas é também uma resposta aos que consideram que a construção europeia minou a soberania popular assente no voto.

Um dos aspetos mais marcantes deste referendo foi a longa lista dos que apelaram à continuação do Reino Unido na União Europeia: os líderes de todos os partidos que governaram o país desde a Segunda Guerra Mundial, os dirigentes da alta finança, as organizações sindicais. Uma longa e impressionante lista repleta de notáveis que era brandida pelos defensores do "Ficar", convencidos de que tinham nas mãos um argumento forte contra os defensores do Brexit. O problema é que, em boa medida, essa lista tinha em si mesma muitos argumentos que deram alento à escolha da saída.

Para os britânicos, a União Europeia já não é fonte de progresso social, e o mesmo se passa em muitos outros Estados-membros. Seria um erro grave considerar que a saída do Reino Unido é apenas o produto de idiosincrasias insulares: uma ilha que nunca aceitou bem a adesão e que vive nostálgica de um império que já não existe.

Este tipo de argumentos terá tido a sua influência, mas há razões que não são exclusivas dos britânicos. Por muito que custe a alguns, especialmente depois do resultado do referendo, os britânicos são hoje profundamente europeus nas suas inquietações e aspirações.

A ilha já não existe, o nevoeiro, se existiu, foi vencido pela dimensão das relações humanas, culturais e económicas, pelas redes, pelos sentimentos que unem os britânicos ao continente e que os defensores do Brexit não serão capazes de romper. As inquietudes que exprimem não são diferentes das expressas por muitos outros europeus – um referendo na França ou na Holanda não teria, muito provavelmente, resultados substancialmente diferentes. Aliás, isso mesmo foi o que se viu nos referendos francês e holandês ao tratado constitucional.

Os cidadãos europeus exprimem duas inquietudes fundamentais: por um lado, preocupam-se com a sua qualidade de vida e com o futuro; por outro, sentem que a sua voz não é ouvida, que o poder foi usurpado pelas elites políticas, económicas e financeiras, numa relação pouco saudável com o

capital financeiro, que consideram responsável pela crise financeira de 2008.

Esta *revolta europeia* foi canalizada pelos nacionalistas *que apontam como* bode expiatório os emigrantes e os refugiados, sobretudo se muçulmanos. O nacionalismo europeu é hoje islamofóbico. Esta corrente já está presentemente no poder na Hungria e na Polónia, tem uma enorme influência noutros países, como a Dinamarca, e está em franca ascensão em grande parte da Europa, nomeadamente em França. E não é só a extrema-direita que usa o argumento xenófobo anti-imigrantes: David Cameron e grande parte dos Conservadores, dos dois lados da barricada, também a ele recorreram. O mesmo fazem, como Sarkozy ou Manuel Valls, outros partidos democráticos na tentativa desajeitada de travar a influência crescente da extrema-direita, banalizando assim o discurso xenófobo.

The progressive argument for leaving the EU is not being heard

Europe has been moving in a direction that rightwing Conservatives would tend to support



Syntagma square in Athens, Greece during the 2015 referendum.
Photograph: Yannis Behrakis/Reuters

https://www.theguardian.com/business/2016/jun/19/progressive-argument-for-leaving-eu-is-not-being-heard-referendum-brexit?CMP=share_btn_fb

Larry Elliott Economics editor

Sunday 19 June 2016 11.48 BST Last modified on Saturday 25 June

It is now nearly nine years since the problems of [three hedge funds heralded the arrival of global financial and economic chaos](#). Britain's EU referendum this week is the latest manifestation of that crisis.

That is not the way the debate in the UK has been framed. For one side, the decision is all about taking back control, especially over immigration. For the other, it is about the potential consequences for the economy in general and individuals in particular.

This narrow focus reflects the fact that the referendum has been a contest between two wings of the Conservative party, neither of which has any great love for the EU. Few of the bigger themes have been drawn out by this blue-on-blue affair.

We Nobel prize-winning economists believe the UK is better off in the EU

Letters: Brexit would create major uncertainty about Britain's alternative future trading arrangements, both with the rest of Europe and with important markets like the USA, Canada and China

[Read more](#)

There is, however, an obvious reason why immigration has proved an effective weapon for the leave side. Life is tougher for millions of Britons on modest incomes than it was a decade ago.

Contrast the state of the UK when [the accession to the EU of Poland and other former Soviet bloc countries](#) led to strong net migration in 2004. At that time, average earnings were growing by 4-5% a year, the Labour government was investing heavily in schools and hospitals and the eurozone appeared to be over its initial problems.

A second big increase in net migration has occurred since the great recession of 2008 and 2009, but the economic and political environment has changed. Real earnings have been squeezed, the expansion of the public sector has been halted and the eurozone has been in a state of permanent crisis.

The British economy has become increasingly dominated by the fortunes of the financial sector, with the bankers responsible for the worst slump since the 1930s escaping pretty much scot free. London and the rest of the UK have become two countries, which explains why hostility to the EU increases with distance from the capital.

Advertisement

Nor is this phenomenon confined to the UK. It has become commonplace to bracket growing support for leave in poorer parts of Britain with Donald Trump's emergence as the Republican candidate in this year's US presidential election, but populist and anti EU sentiment is on the rise across [Europe](#).

[The US research company Pew conducted a survey earlier this year to test sentiment towards the EU.](#) In Britain, 48% said they had an unfavourable view of the EU and 44% said they had a favourable view. In France, the anti-EU sentiment was much more pronounced at 61% and 38% in favour, while in Germany there had been an eight-point drop in support for the EU in the past year, leaving those in favour only narrowly ahead at 50% against 48% .

The impact of the great recession in Europe has been exacerbated by monetary union, a policy blunder of catastrophic proportions. The euro has been responsible for the slow growth and high unemployment that has angered the French, and the high debts and that have alarmed the Germans. Stir in the unexpectedly large flows of refugees from the Middle East and North Africa, and you have a toxic mix.

Brussels isn't the bad guy. Tory cuts cause Britain's troubles

Phillip Inman

Read more

Last summer, when the [Greek debt crisis](#) was at its most intense, Europe's leaders came up with a plan. The "[five presidents' report](#)" laid down a step-by-step approach to a United States of Europe, with banking union followed by a common budget and finally political union. Getting even the least controversial part of this agenda – banking union – past sceptical European electorates has proved impossible. Yet the alternative approach, breaking up the euro and giving countries more control over their own economic destiny, is seen as not just potentially dangerous but also a betrayal of the idea of ever-closer union.

When Britain first sought to join the Common Market in the 1960s it did so for pragmatic, not ideological reasons. There was no great desire to pool sovereignty in pursuit of wider political goals, merely a feeling that Germany, France and the Netherlands were growing faster and had more modern economies. After Britain finally became a member of the European club in 1973, there was admiration for Germany's control of inflation. In the 1980s, the UK left wing changed sides because it saw Europe as a bulwark against Margaret Thatcher. European solidarity was advocated in the 1990s as the best defence against the forces of global capitalism unleashed by the end of the cold war, which is why many on the left wanted Britain to join the single currency.

Times have changed. Even with a welcome pickup in activity in the past year, Europe's growth performance since the launch of the euro has been pitiful. Talk of protecting workers' rights is meaningless unless you have a job, and millions of Europe's citizens do not. The structural adjustment programmes forced on those countries that have required financial bailouts have involved savage attacks on workers' rights, including collective bargaining. The EU has not taken the fight to multinational capital. Rather, Brussels has become a honeypot for corporate lobbyists demanding deregulation and the transatlantic trade and investment partnership ([TTIP](#)).

One of the great ironies of the UK's referendum debate is that Europe, with its austerity programmes and its drift towards neoliberalism, has been moving in a direction that rightwing Conservatives would tend to support. Just as in the UK in the 1980s, unemployment has weakened the power of organised labour and the trend is for more competition and for free markets.

There is a modern and progressive argument for leaving the EU, but it has struggled to be heard during this dispiriting campaign. It is that Europe is unable to deliver because it is wedded to backward-looking ideas. Or to adapt the words that [David Cameron used on his first outing as Conservative leader to taunt Tony Blair](#), it was the future once.

The humiliation of Greece is an act of economic war by the EU

Letters: When a country is humiliated, its people impoverished and its public assets sold, would that be seen as an act of a friendly and decent institution or an act of war?

[Read more](#)

There is a leftwing case for staying in too. This accepts that the EU is far from perfect and must change, but says the answer is to work for a kinder, gentler, greener and more equal Europe from within. Exit, by contrast, would be the catalyst for a breakup of the EU that would give rise to aggressive nationalism and leave Britain at the mercy of rightwing Conservatives who would have the wherewithal to cause immense damage before there was a chance to get rid of them at an election.

Yet, it is stretching a point to argue that the treatment of Greece has much to do with the theories of Maynard Keynes or that TTIP would sit comfortably with Fritz Schumacher's "small is beautiful" vision. Europe has been going in an entirely different direction, which is why aggressive nationalism will continue to be a problem even if Britain votes to remain. That's because Europe's economic model isn't working and hasn't been working for a long time. Bad economics leads to bad politics. Always has, always will.

Brexit and the anti-elite revolt: What UK vote may mean for Clinton and Trump

The British referendum is no exact mirror of the US political landscape, but analysts and operatives see many striking similarities

BY [AP](#) AND [AFP](#) June 25, 2016, 10:43 am 12

http://www.timesofisrael.com/brexit-and-the-anti-elite-revolt-what-uk-vote-may-mean-for-clinton-and-trump/?utm_source=The+Times+of+Israel+Daily+Edition&utm_campaign=952cae003f-2016_06_25&utm_medium=email&utm_term=0_adb46cec92-952cae003f-55112717



RELATED STORIES

- [German FM says 'won't let anyone take Europe from us'](#)
 - [Global markets lose \\$2.1 trillion in Brexit rout](#)
 - [Shocked EU tells Britain to leave quickly](#)
 - [Over 2 million sign UK petition for second EU vote](#)
-

- [Obama: EU and Britain both 'indispensable partners'](#)
- [PM praises Cameron as true friend of Israel, Jewish people](#)
- [Are we on the edge of an abyss or should we celebrate? British Jews react to Brexit vote](#)
- [UK will remain a friend to Israel outside EU, says British envoy](#)
- [Boris Johnson emerges as big winner of Britain's vote to leave EU](#)
- [The Brexit: Six things you need to know](#)

It was Britain's poorer and less-educated citizens — angry at not having shared in the economic benefits of a new world order — who pushed it out of the European Union, in a vote that threatens elites, analysts say.

[Get The Times of Israel's Daily Edition by email and never miss our top stories](#) [FREE SIGN UP!](#)

They are those who suffered the worst hangover from the economic crisis, and whose precarious economic position makes them most fearful of rising immigration — to the benefit of far right groups in the EU and Donald Trump in the United States.

"I see the same pattern everywhere I look," said William Galston, a senior fellow at the US-based Brookings Institution.

"The demographic splits within the UK are exactly the same category for category as the demographic splits within the American electorate in this presidential election."

Rural areas with high numbers of migrant workers, former industrial hubs and poor areas around cities, those without a university education and older voters were all among the 53.4 percent who voted Brexit.

Galston said this was the same demographic backing controversial Republican candidate Trump in the US, as well as eurosceptic and far-right parties enjoying a rise in support across Europe.

"They mistrust political elites because up until now they haven't seen any political parties who appear to recognise their discontent and respond to it."



Presumptive Republican presidential nominee Donald Trump arrives to officially open his Trump Turnberry hotel and golf resort in Turnberry, Scotland on June 24, 2016 (AFP PHOTO / OLI SCARFF)

Galston said while he did not expect these forces to prevail in the United States as they did in the Brexit vote, they were a “major warning signal to established parties throughout Europe.”

Fears are high of a domino effect, with eurosceptic, leftist and far right parties from France to the Netherlands crying victory after the shock Brexit result was announced and calling for similar votes in their own countries.

Political scientist Melanie Sully of the Vienna-based Go-Governance Institute warned Europe was facing a “crisis of democracy” that could be exploited by xenophobic, far right parties.

“If you don’t have any trust in politics, it’s exactly the sort of black hole populists can march into and capture the mood and build on it, to perpetuate their own falsehoods,” she told AFP.

At the root of this surge in anti-establishment sentiment is a feeling of fear, loss of control, and traditions and identity lost among those who are struggling economically, analysts say.

“Before we talk about populism, the anti-establishment, we have to talk about the social position of these people. What do they earn? How do they see their everyday lives?” said Tetiana Havlin, a sociologist at the University of Siegen in Germany.

“In everyday life nobody thinks about anti-globalisation, anti-establishment. They just see their challenges”, she said.

“This of course gives fertile ground for populism... but in the end this is about what people feel.”

Observers point to two main drivers of the surge in scorn for the elite: the hangover from the 2008/2009 economic crisis and the refugee crisis.

“You have a lot of people who took a big hit. These are people who feel economically vulnerable, and when you put demographic fears on top of economic vulnerability this is what you get,” said Halston.

“I don’t think its mysterious anymore, we may have been scratching our head a year ago but we should be in no doubt now.”

Britain’s stunning vote to bolt from the European Union sent political tremors across the Atlantic, fueling Trump’s confidence that frustrated US voters will back similarly sweeping change and rattling Democrats who are banking on Americans ultimately choosing a more conventional leader in Hillary Clinton.

The British referendum was no exact mirror of the US political landscape. The American electorate is far more diverse and Trump is deeply unpopular with minority voters, a serious weakness dogging his Republican candidacy. The referendum also centered on a single issue, while the presidential election can be as much a decision about personality and temperament as candidates’ policies.

Yet the parallels between the forces that drove the British vote and those at the core of Trump’s campaign are striking. Among them: a belief that globalization is hurting the working class, and increased immigration is changing the country’s character. In both nations, there is strong resentment of political elites who often appear to have little connection to the voters they’re supposed to represent.



UK Independence Party Leader (UKIP) Nigel Farage addresses the media during a national poster launch campaign ahead of the EU referendum, in London on June 16, 2016 (AFP PHOTO / Daniel Leal-Olivas)

“I think there are great similarities between what happened here and my campaign,” Trump said from Scotland, where he was attending the opening of one of his golf courses. “People want to see borders. They don’t necessarily want people pouring into their country that they don’t know who they are and where they come from.”

In the US, Clinton cast the economic uncertainty as a reason America needs “calm, steady, experienced leadership” in the Oval Office — a knock on her often unpredictable and politically inexperienced Republican rival. Clinton aides also highlighted Trump’s assertion Friday that a weaker pound would make his Scottish golf course more attractive to visitors.

“Donald Trump actively rooted for this outcome and he’s rooting for the economic turmoil in its wake,” said Jake Sullivan, Clinton’s senior policy adviser.

Other Democrats, openly anxious, warned that the party should not underestimate the willingness of angry American voters to choose a more uncertain path in November and side with Trump.

“It’s a timely big splash of cold water in the face of Democrats,” said Ron Kirk, the former Democratic mayor of Dallas and US trade representative for President Barack Obama.

Democratic operative Lynda Tran said that if US voters are indeed seeking a broad political overhaul in November, Clinton will be “at a major disadvantage.”

“Having spent the last three decades of her life in public service, in the public eye and being a core part of the policies and the administrations that have brought us to where we are right now, it’s very difficult for her to grab the mantle of change,” Tran said of the former secretary of state, senator and first lady.



Democratic presidential candidate Hillary Clinton gestures as she speaks during a rally in Raleigh, N.C., Wednesday, June 22, 2016. (AP/Chuck Burton)

The British referendum comes as Trump tries to rebound from one of the worst stretches of his campaign. He’s struggled to raise money and build a robust organization for the general election, and this week he shook up his operation by firing campaign manager Corey Lewandowski.

But for some Republicans, the outcome in Britain was a reminder that despite Trump’s shortcomings, he may be the candidate most attuned to voters — an intangible that campaign cash can’t buy.

“Brexit is a wakeup call for the Clinton team,” said Scott Reed, chief strategist for the US Chamber of Commerce. “The status quo won’t work this cycle.”

The referendum was fueled by support from white, working class voters from outside Britain’s population centers — a similar profile of Trump’s supporters. The biggest challenge for Trump will be broadening his base and overcoming his negative standing with minorities and women.

Unlike in Britain, where the referendum was decided on the basis of a national popular vote, the American election is determined on a state-by-state basis, with many of the most politically powerful states also being the most diverse.

But Jerry Spaulding, a farmer from Gilmanton, New Hampshire, who plans to vote for Trump in November, said he wouldn't be surprised if the breadth of Trump's support is broader than it may look in public opinion polls.

"I do think you're going to see a lot of people coming out of the woodwork like they did in Britain," Spaulding said.

Serra quer negociar acordos com britânicos após Brexit

Pedro Ladeira - 25.mai.2016/Folhapress



O ministro José Serra, das Relações Exteriores; ele afirma que irá negociar um acordo bilateral

PATRÍCIA CAMPOS MELLO
MARIANA CARNEIRO
DE SÃO PAULO

25/06/2016

A [saída do Reino Unido da União Europeia](#) (UE) é mau sinal e pode atrasar a abertura comercial que o Mercosul negocia com o bloco europeu. A expectativa do governo brasileiro era acelerar as conversas nos próximos meses. O Reino Unido era o país de peso que mais defendia o acordo e, em todos os momentos decisivos, pressionou pelo avanço das negociações.

Sua posição é considerada mais favorável ao livre comércio do que a dos europeus que temem a entrada dos produtos agrícolas sul-americanos, como Irlanda e França. Assim, sem os britânicos, a negociação pode complicar.

Segundo fonte do governo brasileiro ouvida pela Folha, os próximos passos ainda não foram definidos porque ninguém esperava a separação, e isso deixou os negociadores em choque. Um dos medos é o efeito dominó que o Brexit pode causar, com a saída da Escócia do Reino Unido e de mais países da UE. O ministro José Serra (Relações Exteriores) afirmou nesta sexta-feira (24) que pretende iniciar um acordo paralelo entre Brasil e Reino Unido. Na sua avaliação, isso pode ajudar nas negociações entre Mercosul e UE.

"Preferiria que não tivesse havido a ruptura, mas, já que houve, precisamos fixar estratégias na política comercial externa; mudou o quadro, revisa a estratégia", disse Serra.

"Negociar com a Inglaterra separadamente, como faremos, irá, de alguma maneira, estimular a UE a negociar conosco. Portanto, tem efeitos em ambas as direções, que são matizados". Indagado se a UE não ficaria mais resistente, Serra afirmou: "Pelo contrário, incentiva a negociar; se você está negociando com um

parceiro que tem várias opções, você automaticamente fica mais empenhado".

Negociadores brasileiros temem, porém, que a estratégia caia como um balde de água fria na UE. A avaliação é que o Mercosul deve negociar ou com os europeus ou com os britânicos neste momento. Para José Augusto de Castro, presidente da AEB (Associação de Comércio Exterior do Brasil), a saída do Reino Unido "certamente atrasará as negociações". **As atenções da UE, antes voltadas ao Mercosul e ao Tratado do Atlântico, se concentrarão na reconstrução com o Reino Unido.**

A pesquisadora Lia Valls Pereira, da FGV, diz que a UE tem primeiro que informar ao Mercosul se prosseguirá com a mesma posição, mesmo sem o Reino Unido. "Não atrasar em nada [o cronograma com o Mercosul] significaria dizer que a União Europeia continuará a negociar sem o Reino Unido. Isso ainda não se sabe", disse. O Reino Unido não é um mercado relevante para as exportações brasileiras. Representa 1,5% do que o Brasil vende ao exterior e concentra-se em produtos primários: ouro, café e soja. Os efeitos do Brexit sobre o Brasil são indiretos. A ruptura aumenta as incertezas sobre a recuperação da economia europeia e afeta os preços das commodities vendidas pelo Brasil no exterior.

Umberto Eco - migração e refugiados

<http://www.elfikurten.com.br/2015/09/umberto-eco-migracao-e-refugiados.html>



Umberto Eco - foto: Nuno Botelho/Expresso

“Acontecerá algo terrível antes de se encontrar um equilíbrio.”

- Umberto

Eco

A entrevista dele ao *Expresso* era sobre livros, mas **Umberto Eco** falou sobre mais - incluindo este tema que o preocupa há muito, o da migração e dos refugiados. Recuperamos o que ele enunciou em abril agora que estamos despertos para uma tragédia que se estende não há dias nem semanas, mas há meses e quase anos. É uma reflexão dura: “A Europa irá mudar de cor. E isto é um processo que demorará muito tempo e custará imenso sangue”. Mas também com fé no outros homens - nos que estão e nos que vêm: “A migração produz a cor da Europa”

Era abril quando entrevistámos *Umberto Eco* no seu apartamento em Milão. Atendeu o intercomunicador e abriu a porta de casa, revelando a sua alta figura e a cordialidade que seria uma constante durante a conversa. De eterno cigarro apagado entre os dedos - desistiu de fumar mas não se desfez do gesto - ofereceu café e sentou-se na sua poltrona de cabedal. Falámos da infância, da escrita, de jornalismo - central em “Número Zero”, o novo romance que saiu em maio em Portugal. Mas falámos também da Europa e dos longos processos migratórios que a configuraram. Para Eco, estamos a atravessar um deles e não será um caminho fácil nem desprovido de desafios. Eis alguns excertos da entrevista.

- por *Luciana Leiderfarb* [texto]/Expresso (Portugal)

1. CULTURA NÃO QUER DIZER ECONOMIA

“Desde a juventude que sou um apoiante da União Europeia. Acredito na unidade fundamental da cultura europeia, aquém das diferenças linguísticas. Percebemos que somos europeus quando estamos na América ou na China, vamos tomar um copo com os colegas e inconscientemente preferimos falar com o sueco do que com o norte-americano. Somos similares. Cultura não quer dizer economia e só vamos sobreviver se desenvolvermos a ideia de uma unidade cultural.”

2. UM GRANDE ORGULHO

“Quando atravesso a fronteira sem mostrar o passaporte e sem ter de trocar dinheiro, sinto um grande orgulho. Durante dois mil anos, a Europa foi o cenário de massacres constantes. Agora, esperemos um bocado: mesmo que o mundo hoje seja mais veloz, não se pode fazer em 50 anos o que só fomos capazes de fazer em dois mil. E mesmo indo nessa direção, não sei como os países europeus

poderão sobreviver: estão a tornar-se menos importantes do que a Coreia do Sul, e não apenas do ponto de vista industrial. Culturalmente, está-se a traduzir mais livros lá do que em França."

3. A COMISSÃO DAS PESSOAS SÁBIAS



Umberto Eco - foto: Nuno Botelho/Expresso

"Entidades nacionais como Portugal ou Itália tornar-se-ão irrelevantes se não fizerem parte de uma unidade maior. Mas nada disto se constrói em pouco tempo. O problema da Europa é estar a ser governada por burocratas. Uma vez, uma instituição europeia - não me recordo qual - decidiu criar uma comissão de pessoas sábias. Estava lá Gabriel García Márquez, Michel Serres e eu próprio. Os outros convidados eram burocratas europeus. Cada reunião servia para discutir a ordem de trabalhos da reunião seguinte. Aquilo era o retrato da Europa: pessoas a governarem uma máquina autorreferencial. Porém, é o que temos. É como a democracia segundo Winston Churchill: um sistema horrível, mas melhor do que os outros."

4. UM PROCESSO QUE CUSTARÁ IMENSO SANGUE

"Estou muito preocupado, não por mim, mas pelos meus netos. Escrevi-o há 30 anos: o que se passa no mundo não é um fenómeno de imigração, mas de migração. A migração produz a cor da Europa. Quem aceitar esta ideia, muito bem. Quem não a aceitar, pode ir suicidar-se. A Europa irá mudar de cor, tal como os Estados Unidos. E isto é um processo que demorará muito tempo e custará imenso sangue. A migração dos alemães bárbaros para o Império Romano, que produziu os novos países da Europa, levou vários séculos. Portanto, vai acontecer algo terrível antes de se encontrar um novo equilíbrio. Há um ditado chinês que diz: 'Desejo-te que vivas numa era interessante'. Nós estamos a viver numa era interessante."

5. A ÉTICA DA REPÚBLICA

"Não se deve perguntar porque haverá derramamento de sangue: é um facto. Vejamos a França. É o caso típico de um país que acreditou poder absorver a migração. Porém, por um lado, impôs logo aos migrantes a ética da República; e, por outro, arrumou-os nos bairros remotos. É muito raro encontrar um migrante a viver ao lado de Notre-Dame."

6. INTEGRAÇÃO E ÓDIO

"Porque é que um muçulmano em França se torna fundamentalista? Acha que isso aconteceria se vivesse num apartamento perto de Notre-Dame? A sua integração não foi completa nem poderia ser. De novo, é um facto. A migração a longo prazo pode produzir integração mas a curto prazo não, e a não-integração produz uma reacção, que pode ser de ódio."

7. NO SENTIDO EM QUE HITLER NÃO ERA A CRISTANDADE

"O inimigo é sempre inventado, construído. Precisamos dele para definir a nossa identidade. A extrema-direita italiana acredita que são os ciganos ou os migrantes pobres, ou o Islão em geral, ainda que o Islão possa assumir muitas formas. Ora, o Estado Islâmico não é o Islão, no sentido em que Hitler não era a cristandade."

8. RESPOSTA: NÃO



Umberto Eco - foto: Nuno Botelho/Expresso

"A Idade Média não existe, porque tem dez séculos. É uma construção artificial. De qualquer forma, vemos que é uma época de transição entre dois tipos de civilização. E provavelmente - falávamos de migração - estamos numa era de transição, que é sempre difícil. A questão é: houve alguma era que não fosse de transição? Resposta: não. Mas houve momentos em que cada um

vivendo no seu país não se apercebia de que havia uma transição a acontecer no mundo."

9. CHAMA OS BOMBEIROS

"Qual o papel do intelectual hoje? Não dar muitas entrevistas! [risos] Falando a sério, penso que é duplo. Primeiro, é dizer o que as outras pessoas não dizem. Não é dizer que há desemprego em Itália. Segundo, não é resolver os problemas imediatos, é olhar para a frente. Se um poeta está num teatro e há um incêndio, não se põe a recitar poemas: chama os bombeiros. Pode é escrever sobre incêndios futuros."

10. PERDA DO PASSADO

"É impossível pensar o futuro se não nos lembrarmos do passado. Da mesma forma, é impossível saltar para a frente se não se der alguns passos atrás. Um dos problemas da atual civilização - da civilização da internet - é a perda do passado."
:: **Fonte:** Expresso/sapo.pt - "Acontecerá algo terrível antes de se encontrar um equilíbrio." Migração e refugiados, por Umberto Eco, publicado em 07.09.2015. Disponível no [link](#). (acessado em 11.9.2015).

● go to **original**

2.1 Million Brits Signed a Petition for Another EU Referendum. They Shouldn't Hold Their Breath.

By Adam Taylor, The Washington Post

26 June 16



A man leaves after voting in the EU referendum, at a polling station in Biggin Hill. (photo: Dylan Martinez/Reuters)

<https://www.washingtonpost.com/news/worldviews/wp/2016/06/25/more-than-1-6-million-brits-signed-a-petition-for-another-referendum-they-shouldnt-hold-their-breath/>

Yes. It's actually happening. People in Britain are talking seriously about the possibility of *another* referendum.

A petition calling for another referendum on whether Britain should stay in the European Union has quickly received millions of signatures (more than 3 million as of Sunday morning) — a level that means it must now be debated by British politicians. It was apparently so popular that the British Parliament's website, where the petition was hosted, briefly crashed.

The drive for a new referendum is coming from those who had hoped to "remain" in the E.U. Thursday's referendum was fairly close — the "leave" vote won with just 51.9 percent. And so the petition for a new referendum suggests there should be a rule that in referendums with less than 75 percent turnout (Thursday's vote was 72.2 percent), there should be another referendum unless a decision is reached by more than 60 percent of those voting.

Could this plan actually work? Might Britain actually vote again and decide to stay in the E.U.? Well, it's certainly possible. But that doesn't mean it's not completely daft.

Why it is (kind of) possible

It would be an odd move to have a referendum immediately after a previous referendum on the same subject provided a clear outcome. But, frankly, this entire situation is odd.

Britain has only ever had three nationwide referendums. Generally, major policy decisions are decided by the country's elected officials. As many have noted, this referendum was only called in a bid by Prime Minister David Cameron to calm tensions over the E.U. within his own Conservative Party ahead of a general election. Cameron thought he could win. Obviously he was completely mistaken.

Thursday's referendum wasn't actually legally binding — Cameron could have set it up to be so (a nationwide 2011 referendum was set up to be), but he apparently decided better of it. This means that, in theory at least, the British government could completely ignore the results and do whatever it thinks is best.

Of course, doing that would anger the majority of the country who voted to leave the E.U. But a new referendum could provide some democratic justification to the decision.

The close result does help the argument somewhat. Britain's 1975 referendum on membership of the European Economic Community was decided by a 67.2 percent vote to stay in. In the 2011 vote (on whether to use the Alternative Vote electoral system) was decided by 67.9 percent of the vote. Nigel Farage, a key Brexit supporter, unwittingly provided support for this argument by saying that if "remain" won by a "52 to 48" margin, there would be "unfinished business" and an argument for another vote.

Another additional factor is the various reports of those who voted "leave" but now say they are dismayed at what has happened. Many of these accounts seem to suggest that the "leave" voter in question thought their vote would serve as a protest vote. "I didn't think my vote was going to matter too much because I thought we were just going to 'remain,'" one man told the BBC on Friday, adding that he was "quite worried" about the effect.

Why it's completely daft

Okay. There are a few things to unpick here, so we'll go through them step by step.

- **Ignoring the clear result of a referendum is unfair.** Sure, the results of Thursday's vote were close, but they were pretty conclusive. 51.9 percent is a better mandate than most governments win for a general election, for example. It would also be political suicide for Britain's government to effectively say "your vote

didn't count" to half the country. And millions may want a new referendum, but 17 million already voted in one to leave.

- **You can't retroactively legislate like this.** The proposal outlined in the petition would require setting up laws and then retroactively applying them to Thursday's vote. To put it simply, that's not how laws work. It's worth noting that the petition appears to have been set up in May, ahead of the vote, in a bid to change the rules before Britons voted. However, in practice this doesn't matter – it'd still be retroactive legislation if it happened now.
- **Petitions don't mean much.** Now that the petition has over 100,000 votes it will be debated by Parliament, but British members of Parliament have no imperative to act on it. Petitions get lots of signatures all the time and nothing happens: Remember the debate on whether to ban Donald Trump from Britain earlier this year?
- **"Remain" might still lose anyway.** For those who supported "remain," the idea that "leave" voters are regretful voters who didn't know what they were doing is heartening. However, we only have anecdotal evidence of a few regretful pro-Brexit voters who have talked to media outlets. Until there is a vigorously conducted poll that shows otherwise, it's fair to conclude that "leave" would win a second referendum anyway.

What could possibly happen

That said, there is a lot of uncertainty in the air. Cameron has already said he would step down, which will trigger a leadership contest for the Conservatives. There are signs that Jeremy Corbyn, the leader of the opposition Labour Party, may also be forced to step down. Some wonder whether there could be another general election before the end of the year.

Meanwhile, Britain has not yet triggered Article 50 — the procedure for actually leaving the E.U. — and there are signs it may try to delay doing so as long as possible. If there is a general election, how and when to leave the E.U. would probably become a major issue.

Even when Article 50 is invoked, negotiations may take up to two years. Any new deal with the E.U. will have to pass Parliament. Some in Westminster are saying that it should probably be put to

referendum again. If that happens, it may well be the last chance for "remain" to have their voice heard.

27/jun/2016, 8h29min

Norberto Elias e Engels na crise britânica

Por Tarso Genro

Apreciar o livro de Norberto Elias, “A sociedade dos indivíduos”, independe da concordância com as suas ideias centrais. Elias é, na verdade, um “filósofo da sociologia” e um intérprete do nosso tempo, que dialoga conosco para entender o que chama de “processo civilizador”. Para ele, o fato da “autorregulação” das pessoas, “na sua relação com os outros seres e coisas (...) não ser bloqueado por reflexos e automatismos inatos” (como digerir e respirar), é o que possibilita este “processo civilizador”. Esta “autorregulação” permite, através da razão -por exemplo- refrear instintos e moderar atitudes nas adversidades.

A crítica de Elias a uma certa posição em sociologia, que defende que as sociedades “não são visíveis”, somente os indivíduos o são (por isso as sociedades são incognoscíveis), tem extrema atualidade nesta época que nos toca viver. Hoje, por exemplo, é possível dizer que temos ferramentas de conhecimento que permitem “conhecer”, na sociedade, o erguimento de uma espécie de “segunda natureza”, perante os humanos, que reduz a sua capacidade de regularem-se. Esta “segunda natureza” é mercado, que ao invés de ser socialmente regulado, impõe-se coercitivamente sobre os Estados e as Constituições, pela pura força das suas necessidades de acumulação. Como a comunidade política não regula o mercado financeiro e o põe a serviço do conjunto da sociedade, este “regula” o Estado e a Política pondo-os a seu serviço..

Aquilo que Lukács chamou de “afastamento das barreiras naturais” – controle dos humanos sobre a natureza – que Elias designa como “crescente mudança nas relações entre os seres humanos e

as forças naturais extra-humanas”, deixa de ser uma escolha de indivíduos isolados e torna-se comportamento social comum. Amparar uma pessoa com limitações físicas para subir uma escada, ser solidário com um vizinho que adoeceu, saciar a fome de um faminto, são atos cotidianos do “processo civilizador”, autorregulados, que se tornam comportamentos sociais ordinários. Assim, os humanos vão realizando movimentos encadeados, que compõem um determinado estágio “social” civilizatório.

As consequências do aproveitamento do vapor para gerar energia e a construção das hidrelétricas modernas -por exemplo- geraram resultados que envolvem até hoje milhões de indivíduos: os modos de vida, a sua forma de produzir e fruir os bens e a cultura, deixam de ser escolhas isoladas e, em regra, passam a ser socialmente determinadas. Abrem, por isso, às pessoas novos momentos de “autorregulação”.

O surgimento da política entre os humanos, como mediação da vontade de dominar, de libertar-se, de organizar procedimentos comuns -“o bem comum”- é o mais complexo movimento que se origina desta “autorregulação”. É um processo pensado, superior aos meros instintos de sobrevivência, para enfrentar a superioridade supostamente “natural”, que alguns grupos de pessoas exercem sobre as outras, seja por serem mais fortes fisicamente, seja por serem mais convincentes para liderar, seja - nas sociedades mais complexas- por serem mais ricas em bens materiais, para organizar exércitos e ocupar espaços “vitais”, formar e dominar Estados.

Com a formação dos estados nacionais modernos, o “nacionalismo” apresentou uma dupla face: uma face agressiva brutal, de supressão do “outro” nacional, para submetê-lo e subordiná-lo, e uma outra face -democrática e patriótica- que expressava e expressa a vontade de deixar de ser “colônia”, para formar uma nação soberana. A primeira face estabelece, internamente ao país agressor -como na Alemanha nazista-, o mito da superioridade “natural” de povos e nações eleitas sobre outras. A segunda face deste nacionalismo moderno instituiu a vontade revolucionária nacional-democrática de libertação, como fizeram -por exemplo- o Vietnã, as hoje ex-colônias portuguesas e a Argélia.

Este mito da superioridade nacional não se expressou, originariamente, somente a partir da direita fascista. Engels, por

exemplo, num artigo publicado na “Neue Rheinische Zeitung” -se não me equivoco no mesmo ano que era publicado o Manifesto Comunista (1848)- ao avaliar “o direito com que a França tomou Flandres, e vai tomar a Bélgica mais cedo ou mais tarde” (...) constata o “direito da civilização contra o barbarismo, do progresso contra a estagnação”. Isso Engels escreve depois de considerar os eslavos como “povos sem história” ou “a-históricos”.

Trata-se de uma infeliz mistura do cientificismo positivista naturalista, que percorre algumas fórmulas de Engels, com o materialismo histórico de corte classista, adequado para a anatomia da sociedade de classes no capitalismo. Deste pensamento engelsiano é que se formou a vertente teórica, de uma parte do movimento comunista, que se baseava na “fatalidade histórica do socialismo”, como ponto-de-vista científico aplicável, controlado por uma burocracia estatal, avesso à visão de que o socialismo só pode ser uma construção consciente. Uma opção dos humanos, que revoluciona tanto as relações destes com a naturalidade, como transforma –progressivamente- as consciências egoístas do individualismo em consciências solidárias autorreguladas.

Entendo que a formação da União Europeia, mesmo sendo nitidamente um movimento de integração “por cima” -a partir dos interesses comandados pelas grandes empresas e bancos continentais- traz consigo a possibilidade de unificação “por baixo”, entre aqueles setores, estamentos e classes, cujas relações de solidariedade “autorregulada” pode se tornar “grande política” -com a Europa Social- a única que pode dar estabilidade e convivência democrática ao Continente. Suponho que a exclusão de países ricos, desta integração, fragiliza mais este movimento “na base”, do que corrige a integração projetada na cúpula. Trata-se de um movimento nacionalista agressivo, que se expressa pela omissão, para uma relação comum, entre as nações capitalistas da Europa, porque não aceita como iguais os pobres, que necessariamente vem junto com a integração pela cúpula.

Recentemente manifestei a minha inconformidade – que não tem a menor importância obviamente – à recusa do Reino Unido em permanecer na União Europeia. Tomei esta posição entendendo que tal recusa – se mantida – vai influir negativamente na economia mundial. Tantos nos países mais desenvolvidos da UE (que perdem um parceiro rico) -cujas classes dominantes passarão esta conta para as famílias mais pobres dos seus respectivos

países- como terá influências dramáticas, nos países mais pobres do mundo, que pagarão juros ainda mais elevados, das suas dívidas já impagáveis, espaço para os quais os bancos transferem e compensam as suas perdas. A nova situação de enfraquecimento da União Europeia também reforça, não debilita, a hegemonia militar, financeira e política americana. E vai gerar, igualmente, novos desequilíbrios no comércio internacional e novos bloqueios ao conjunto de conquistas socialdemocratas das classes trabalhadoras do mundo. Não nos esqueçamos, ainda, que a economia americana, que já conta com 50 milhões de pobres, só se recupera com base no trabalho precário, na meia jornada, nas terceirizações selvagens, no trabalho intermitente, no aumento da pobreza e na indústria da guerra, modelo que eles querem transferir para a Europa e para o mundo todo. É Chomsky, Piketty, Bernie Sanders, que falam isso, não este escriba estadual.

Nestas crises, quem sempre mais perde -em cada país- são os assalariados, as pessoas de baixa renda, os pequenos e médios negócios, que geram a maioria dos empregos. Algumas pessoas me responderam que à longo prazo isso é " bom", pois a crise social que advirá, vai causar a longo prazo uma nova revolução na Europa. Respondo que as pessoas vivem, as crianças morrem, os aposentados se suicidam, o terrorismo aumenta, no curto, não no longo prazo. E que da miséria e da pobreza -numa época que carece de paradigmas para montar ordens mais justas- tem nascido rebeliões sem rumo, não revoluções libertárias.

A lógica da guerra econômica e política, que parece se insinuar no xadrez europeu está presente na perda da "autorregulação" dos indivíduos que, sucumbindo ao nacionalismo isolacionista, se recusam a interferir no "processo civilizador", para reafirmar a Europa Social perante a Europa do Capital. Esta perda -que leva ao "estado natural" de rejeição do diferente- (na reflexão aberta por Elias), se ainda não tem um corte nacionalista fascista, abre tragicamente esta possibilidade.

É verdade que a sra. Merkel -conservadora que faz a pauta da União Europeia- não gostou. Mas é verdade, também, que Donald Trump adorou a decisão. E que a primeira, a sra. Merkel, enfrentou a extrema direita alemã para receber milhares de refugiados dos países árabes e o segundo, Donald Trump, quer construir um muro de cimento e ferro, na fronteira entre o México e os Estados Unidos. Como se vê, neste caso, não se trata da velha polêmica entre

esquerda e direita, diretamente vinculada à luta de classes, mas de uma nova polémica na crise civilizatória, entre, o que é esquerda e democracia nesta conjuntura, e o que é fascismo e rejeição do diferente, em ascensão como símbolo barbárie.

O reflexo no nosso país se fará sentir de maneira ainda mais brutal, com a natureza do ajuste, já definido com a PEC-Meireles, que congela o orçamento da União por dez anos. Nele, obviamente, o percentual que os juros ocupam na estrutura orçamentária não é, evidentemente, congelado. Isso implica em dizer que a dívida comanda o Estado e que a “autorregulação”, expressa pela política na gestão pública, fica suprimida por um longo prazo, para a tranquilidade exclusiva dos credores.

Na verdade, a PEC-Meirelles é um processo constituinte obtido pela “exceção” não declarada, que passa a ser juridicamente formalizada. Este processo revoga por inteiro -por dez anos pelo menos – todos os fundamentos e obrigações sociais da Constituição de 88. É a consagração do golpe que colocou no Governo, através de um Congresso de maioria suspeita, uma Confederação de investigados e denunciados. Resistiremos?

.oOo.

Tarso Genro foi Governador do Estado do Rio Grande do Sul, prefeito de Porto Alegre, Ministro da Justiça, Ministro da Educação e Ministro das Relações Institucionais do Brasil

Brexit:

Now the knives are out

Gilberto Lopes, redactor

gilberto.lopes@ucr.ac.cr

Ahora los cuchillos están desenvainados. Así termina un largo artículo sobre las consecuencias del referendo británico, que el

profesor de la Universidad de Cambridge, Robert Tombs, tituló “El largo camino hacia el Brexit”.

Esta campaña infligió heridas en el cuerpo político británico que difícilmente traerán de vuelta la calma y la reconciliación, estimó Tombs, al contrario de lo que ocurrió después del referendo de 1975, cuando decidieron incorporarse a la UE con cerca de dos tercios del electorado a favor.

“Detrás de la fachada tradicional de su vida política, los británicos mantienen viejas divisiones de clase, cultura, historia y lealtades”. Y ahora, como resultado de la consulta de la semana pasada, que ganó el Brexit por un margen estrecho (51,9% a 48,1%), all the knives are out.

Puede ser

Nigel Farage, líder del Partido de la Independencia del Reino Unido (UKIP), fue el primero en desenvainar. Recuperamos nuestro país, es una victoria de la gente real, de la gente común, de la gente decente, afirmó entrada la noche, cuando aun no se terminaban de contar los votos.

Farage es el representante de esa derecha xenófoba que ha hecho de la lucha contra la inmigración su bandera. Una derecha que tiene representantes de todos los países europeos y que crece. Según el corresponsal del diario El País en Londres, Farage “encarna la caricatura del liberal anglosajón. Cuanto menos Estado, mejor”.

UKIP fue la fuerza más votada en el Reino Unido en las últimas elecciones europeas, el 2014. Aunque a él, en Inglaterra, no le ha ido bien, pues pese a reiterados intentos nunca pudo lograr un escaño en el parlamento. Pero eso no le impidió tener concejales repartidos por el este y norte de Inglaterra, un territorio conocido como Ukiplandia. Ahí el Brexit ganó ampliamente.

Era ya de madrugada y desde los estudios de la BBC en Londres se iba informando del conteo de votos. A las 4h30 de la mañana el

presentador interrumpió el diálogo y anunció que los resultados eran ya irreversibles: ganaba el Leave, los británicos habían decidido retirarse de la UE: ¡Estamos fuera!.

En el estudio desfilaban los parlamentarios. Los favorables al Leave resumían su estado de ánimo afirmando que era un momento muy serio, pero muy excitante, "una gran oportunidad para Gran Bretaña".

Para otros, fue "una decisión catastrófica para el país y para el resto de Europa también", como dijo Keith Vaz, parlamentaria laborista.

- Un resultado devastador, en opinión de Coroline Lucas parlamentaria del Partido verde.

- Es un día terrible para Europa, esa decisión tendrá inmensas consecuencias, decía otro laborista. Nosotros somos clave para el éxito de la UE. Esa decisión hará más complicado manejar la migración en Calais, donde llegan los inmigrantes que tratan cruzar desde Francia hacia Gran Bretaña, por el Eurotunel.

Lo más dolorosa posible

Al día siguiente, Natacha Bouchart, alcaldesa de Calais, donde hace años acampan miles de inmigrantes subsaharianos intentando cruzar el canal desde Francia hacia Gran Bretaña, amenazaba con mandarlos al otro lado: "Los británicos deben vivir con las consecuencias de su decisión", afirmó. All the knives are out.

Las cámaras de la BBC mostraban los edificios de la Unión Europea en Bruselas. Amanecía en la capital belga.

Jan Techau, máximo responsable de Carnegie Europe, un prestigioso centro de estudios europeos, señalaba que la UE mantendrá una "posición rigurosa" respecto a las negociaciones con el Reino Unido. Los 27 harán que la renuncia a formar parte del grupo "sea lo más dolorosa posible". En su criterio, "Los líderes de los 27 miembros restantes tienen que asegurarse que la situación

no cree un precedente, de modo que el Reino Unido no se convierta en un modelo atractivo para otros". All the knives are out.

El presidente del Parlamento Europeo (PE), Martin Schulz, un socialista alemán, exigió un inicio inmediato de las negociaciones para la salida de Reino Unido de la UE. Una exigencia que difícilmente será cumplida, pues el primer ministro inglés, David Cameron anunció su renuncia para el próximo otoño, probablemente en octubre, y que dejaba a cargo de su sucesor comunicar a las autoridades europeas la decisión de abandonar la UE.

Eso es clave, pues es decisión del Primer Ministro hacer esa comunicación y no tiene plazo para hacerlo. Solo cuando se comunique oficialmente la decisión comenzará a regir el plazo de dos años que los tratados estipulan para negociar la salida de un país.

Es algo que ocurre por primera vez y que, quizás, los autores del tratado pensaron que nunca ocurriría.

Consultar al pueblo

En medio del desconcierto, los periodistas le preguntaron a Schulz si, en su opinión, el Brexit sería realmente aplicado. "No se puede consultar al pueblo y después decir que el resultado no me interesa", respondió.

Quedó flotando en el aire el recuerdo de cuando, hace menos de un año, el referendo griego rechazó las políticas de austeridad que las instituciones europeas le impusieron.

"¿Debe ser aceptado el proyecto de acuerdo presentado a Grecia por la Comisión Europea, el Banco Central Europeo y el Fondo Monetario Internacional en el Eurogrupo del 25 de Junio de 2015?", fue la pregunta que el gobierno le hizo a los griegos el 6 de julio del año pasado. Un 61,3% de los electores dijo "no".

Es conmovedora la descripción del lo que ocurrió en las plazas griegas, al conocerse el resultado: “Atenas explotó anoche en una gigantesca fiesta, en una especie de trance colectivo. Las bocinas de los coches, los vítores, los pitidos, los cánticos y los gritos de ‘¡¡¡Hemos ganado, hemos ganado!!!’ inundaban la ciudad. La gente festejaba en las calles la aplastante diferencia de casi 20 puntos obtenida por el 'no', y que ha hecho realidad la pesadilla de la canciller alemana Angela Merkel”.

Sabemos lo que ocurrió después. La troika, los organismos financieros y los representantes de la zona del euro aplastaron a los griegos, pese a su votación, con la complicidad del gobierno de ese país.

Lo hicieron con escarnio. Había que evitar toda tentación de repetir la rebelión. Les dijeron que su voto no valía frente a las políticas de austeridad europeas.

¿Alguien le creerá a Schulz cuando dice ahora que “No se puede consultar al pueblo y después decir que el resultado no me interesa”. ¿No tendrá nada que ver la decisión británica con el resultado del referendo griego? All the knives are out.

¿Otra batalla de Inglaterra?

Wolfgang Schäuble, ministro de Finanzas alemán, uno de los más duros contra los griegos en esas negociaciones, también amenazó a Gran Bretaña. Trató de intimidar a los partidarios del Brexit.

En abril, durante una reunión del Fondo Monetario Internacional (FMI) en Washington, le advirtió al canciller británico que Alemania no le haría fácil la negociación en caso de un triunfo del Brexit. Prefiero que se queden pero, si se van, el proceso no será fácil, le dijo.

Conocido el resultado, Schäuble afirmó: – El procedimiento para una salida de la Unión Europea está regulado de manera clara y será aplicado. En su opinión, “eso crea confianza”.

La amenaza de Schäuble funcionó bien en Grecia, un país miembro del euro cuyas arcas estaban vacías. Él lo sabía: sin nuevos préstamos los bancos griegos no abrirían el día siguiente.

Pero Inglaterra es otro cosa. En primer lugar, no es miembro del Eurogrupo, tiene su propia moneda. Aun antes de las reacciones en Bruselas, Mark Carney, gobernador del Banco de Inglaterra, hizo una corta y discreta aparición en televisión. Dijo lo siguiente: el Banco de Inglaterra ha realizado pruebas de stress a los bancos más severos que los desafíos enfrentados normalmente por el país. Como resultado de esas pruebas, los bancos aumentaron su capital en 130 mil millones de libras y tienen más de 600 mil millones en activos líquidos de alta calidad. “Este importante capital y alta liquidez les da a los bancos la flexibilidad que necesitan para continuar a prestar a las empresas y las familias, aun durante estos tiempos desafiantes”. Y agregó: además, el Banco de Inglaterra está listo para proveer más de 250 mil millones de libras en fondos adicionales mediante sus procedimientos habituales.

¿Qué hará Schäuble?

Hace 76 años, en julio de 1940, Alemania desató su ofensiva aérea contra Gran Bretaña, conocida como la Batalla de Inglaterra. Como sabemos, fracasó en su intento de destruir la fuerza aérea británica e invadir la isla.

¿Va a lanzar Schäuble otra Batalla de Inglaterra? ¿Va a transformar a Farage en el líder de la resistencia británica. All the knives are out.

La división

Este desaire no es difícil de explicar, dijo Laurente Joffrien, director del periódico francés Libération, refiriéndose al resultado de la consulta británica. “Una Europa sin alma, sin proyecto común, sin reacción inteligente sobre la crisis migratoria, sin un plan eficaz para salir del marasmo, no atrae a nadie”. ¿Un voto negativo, se preguntó. “No, majestad, una rebelión popular. Con resultado claro,

contra las advertencias de la gran mayoría de las élites económicas, intelectuales, políticas y sindicales, el pueblo británico decidió romper con la Unión europea”, se respondió.

El debate atravesó la división tradicional entre conservadores y laboristas. Había izquierdistas por el Brexit y por el Remain, cada uno por sus razones, del mismo modo que derechistas, dijo Robert Tombs.

También se dividió el voto generacional y el geográfico. Los partidarios del Remain tratan de destacar la afirmación de algunos jóvenes que se quejan de que ahora perderán la oportunidad de trabajar en 27 países.

La afirmación oculta el hecho de que esa posibilidad no existe, no por el resultado del referendo, sino de las políticas de austeridad.

Gran Bretaña no tiene un alto desempleo, solo un 5% en el 2015. El paro entre los menores de 25 años es algo mayor: 13,6%. En Francia, esas cifras eran de 9,9% y 23,5%. En España, de 21% y 49,6%. El desempleo juvenil en la zona euro era de 22,3%.

El presidente francés, François Mitterand, emitió un comunicado señalando que la decisión británica exige “asumir lúcidamente conciencia de las insuficiencias del funcionamiento de Europa y de la pérdida de confianza de los pueblos en su proyecto”.

Mitterand habló de extremismos y populismos, de los valores de Europa, de libertad, tolerancia y paz, como si Europa no estuviera ya hoy y desde hace mucho en mano de esos extremismos que gobiernan desde Alemania a España, de Polonia a Hungría, que la han llevado a la crisis actual.

¿Y qué propone el presidente francés para enfrentar esa situación? Que Europa “se concentre en lo esencial”: la seguridad y la defensa, las inversiones para garantizar el crecimiento y el empleo y la armonización fiscal. De la unidad de Alemania y Francia depende la cohesión del conjunto de la Unión Europea, afirma.

Se perdió, dijo David Held, profesor de Política y Relaciones Internacionales en la Durham University, por los años de políticas

de austeridad promovidas por Cameron y Osborne (su ministro de Hacienda) que dejó el nivel de vida de la gente disminuido y muchos marginalizados”.

“La UE ha sido un proyecto de élite, en el que las decisiones clave se toman detrás de una puerta cerrada, entre las potencias líderes, a menudo sin considerar a los pueblos de Europa, que se han sentido agraviados, alienados y desconectados”.

Políticas que siguen devastando países como Ucrania, hoy prácticamente en quiebra desde que la UE promovió la destitución de un presidente corrupto, pero cercano a Rusia, por otro, aun más corrupto, pero cercano a Bruselas.

Desafíos internos

El Brexit afectó a todos los partidos británicos. El presidente de la Comisión Europea, Jean-Claude Juncker, ha pedido, en tono duro, que se apresure la negociación de salida del Reino Unido. Pero Londres no tiene apuros. Cameron retrasó su renuncia hasta el otoño y los dos principales aspirantes al cargo, conservadores euroescépticos, el exalcalde de Londres Boris Johnson y el ministro de Justicia, Michael Gove, han pedido al Gobierno que se tome su tiempo para iniciar el proceso.

En el laborismo, los adversarios de su líder, Jeremy Corbyn, presentarán esta semana una moción de confianza, con la esperanza de derrotarlo y destituirlo del cargo. En minoría entre sus correligionarios en el parlamento, la elección de Corbyn como jefe del laborismo, el año pasado, fue una sorpresa. Los sectores más conservadores del partido, sus adversarios, han visto en el triunfo del Brexit la ocasión para poner en duda su liderazgo. Nueve miembros del llamado “gabinete en la sombra”, un mecanismo mediante el cual el partido opositor se organiza para coordinar sus políticas en los diferentes sectores, renunciaron como una forma de presión contra Corbyn. Pero él reiteró su decisión de permanecer en

el cargo y combatir las políticas de austeridad del gobierno conservador.

La otra división es la territorial, con Escocia e Irlanda del Norte – donde triunfó el Remain– amenazando con abandonar el Reino Unido.

En Escocia, la jefe de gobierno, Nicola Sturgeon, anunció su decisión de convocar un nuevo referendo sobre la independencia del país, con la intención de separarse de Inglaterra y permanecer en la UE.

En Irlanda del Norte, el presidente honorífico del partido republicano Sinn Féinn, Declan Kearney, pidió también un referendo sobre la unidad con la República de Irlanda.

Como dijo Held, el orden institucional de posguerra cruje bajo el peso, entre otras cosas, de la creciente desigualdad de ingresos y de la riqueza en Europa y en el mundo. El referendo británico está en el centro de esa crisis, que amenaza, en su criterio, con transformarse en un abismo en ese orden creado después de la II Guerra Mundial. Todos los cuchillos siguen desenvainados.

FIN

PALABRAS CLAVE

Brexit – Remain – referendo – Reino Unido – Escocia – Irlanda del Norte – Gales – Unión europea – austeridad – Cameron – Corbyn

PIE DE FOTO

El gráfico muestra la división del Reino Unido en torno al Brexit. Escocia, Irlanda del Norte y Londres votaron mayoritariamente por el

Remain. El resto de Inglaterra y Gales votaron por el Brexit, que logró una estrecha mayoría al final.

A Europa, do medo à esperança

Há um espectro que paira sobre a Europa. É o espectro da política do medo.

25 de Junho, 2016 - 22:34h

[José Manuel Pureza](#)

O medo é hoje a mais instalada arma política usada na Europa para fazer vencer a estratégia de diminuição da intensidade da democracia. A União Europeia é hoje um espaço disciplinar e punitivo de dominação do centro sobre as periferias. E o instrumento dessa dominação é o medo. Não há no nosso tempo outro projeto das cúpulas europeias senão o da afirmação desse espaço punitivo, traduzido seja em sanções contra os Estados periféricos seja contra as vidas da grande maioria dos cidadãos da Europa. Os artífices da política do medo querem-nos amarrados a uma miragem de Europa em nome da qual aplicam uma política concreta que é o avesso dessa miragem. Dizem-nos que estamos condenados a escolher entre integração europeia e egoísmos nacionais, como se a integração europeia de que falam fosse benigna e como se a defesa das democracias nacionais fosse um mal. Dizem-nos que a moderação deve sempre prevalecer sobre os extremismos, como se a moderação europeísta não fosse o discurso que mais tem legitimado os extremismos de punição social.

Como se, em Inglaterra, a moderação de permanecer na União a troco de discriminação social de imigrantes e de blindagem das patifarias financeiras da City tivesse sido realmente alternativa do insuportável “Britain first”. Fosse realmente alternativa e o repúdio de um brexit xenófobo transformar-se-ia numa exigência imparável de acolhimento dos refugiados e dos imigrantes. O processo do brexit foi uma síntese daquilo em que se transformou a União Europeia: à xenofobia da extrema direita, a moderação europeísta responde aceitando jogar o jogo no terreno das discriminações e do

nivelamento por baixo. De maneira diferente, uns e outros não fazem senão desconstruir a Europa. Disse há dias António Costa que é cada vez mais difícil ser socialista sem ser crítico da União Europeia. Tem plena razão. Mas acrescentou que só se pode ser socialista na União Europeia. E assim incorreu no erro confundir o desejo com a realidade. Só se pode ser socialista contra a City e contra Frankfurt, contra Cameron e contra Hollande, contra Merkel e contra Dijsselbloem. Em nome da melhor Europa do espírito crítico, das lutas todas pela dignidade, da permanente incompletude, não se pode ser socialista senão recusando aquilo em que a União Europeia se tornou. À aliança entre o ódio e o medo que domina hoje a política da Europa, urge contrapor a aliança entre a democracia e a esperança. É por aí que passa a única alternativa digna desse nome.

Sobre o/a autor(a)

[José Manuel Pureza](#)

Deputado e Vice-Presidente da Assembleia da República. Dirigente do Bloco de Esquerda, professor universitário.

Revolucionários improváveis

THE ECONOMIST - O Estado de S. Paulo – 26jun16

Resultado do voto britânico expõe o veio anárquico de um povo no mais das vezes pragmático

“Os ingleses não são intelectuais”, escreveu George Orwell. “Têm verdadeiro horror ao pensamento abstrato e não sentem a menor necessidade de se guiar por filosofias ou ‘visões de mundo’ sistemáticas.” Nesse ponto, o melhor cronista da Inglaterra estava certo. O país é muito justamente conhecido por cultivar um pragmatismo ferrenho e desconfiar de ideias mirabolantes.

Essa é a nação que deu as costas para o republicanismo, o fascismo e o comunismo, que em geral avança não por meio de revoluções, mas recorrendo a ajustes e acomodações, e trata de aguentar as conseqüentes tensões e contradições como rugas num rosto envelhecido.



Em referendo histórico, britânicos optam por saída do Reino Unido da União Europeia por 51,9% a 48,1%. Enquanto parte da população comemora o resultado, eleitores que eram favoráveis à permanência no bloco europeu ficam apreensivos e consternados. Na foto, homem lê edição do jornal *London Evening Standard* cuja capa mostra uma foto do primeiro-ministro britânico David Cameron sob o título "Estamos fora"

De onde vem tal predileção por levar a vida ao sabor dos acontecimentos, sem se deixar entusiasmar por planos grandiosos? Alguns apontam para a guerra civil inglesa e a república que veio em seguida, de vida curta, mas tirânica. A experiência teria vacinado o país contra purismos de todos os tipos. Religião? A Igreja Anglicana está mais para agnosticismo com chá. Política? Quando os franceses descambaram para o regicídio e para o terror, o filósofo Edmund Burke balançou desconsoladamente a cabeça e depois discorreu, com aprovação, sobre a repulsa que seus compatriotas tinham à "razão pura" e aos princípios "abstratos".

Até hoje, o caráter nacional inglês lembra, a quem está de fora, o clima do país: ameno, tranquilo, raramente dado a extremos. Agitações e explosões de violência (ao menos quando se desconsidera a cultura alcoólica do país) são tão incomuns nessas ilhas verdes e úmidas quanto os tornados e as secas.

Daí que a vitória do Brexit entre os ingleses no referendo de quinta-feira - na Escócia e na Irlanda do Norte, a permanência na UE foi vitoriosa; no País de Gales a maioria também optou por se desligar da Europa -, pareça um desvio radical em relação à disposição benfazeja que costuma pautar sua atitude. Instado a escolher entre um estado de coisas imperfeito e um mergulho no escuro, esse povo normalmente pragmático e prudente se lançou no

desconhecido, deixando seus líderes, e o restante do mundo, em estado de choque.

Não foi só o resultado em si que pareceu ser a antítese do espírito inglês, mas a maneira como ele foi construído. Foi a vitória de uma campanha que se mostrou evidentemente incapaz de responder a questões óbvias e objetivas sobre o Brexit. Que tipo de relações comerciais o país seria capaz de estabelecer? Qual o significado da decisão para a Irlanda do Norte e para a Escócia? O que aconteceria com o 1,3 milhão de britânicos que vivem na UE?

Bravatas. Em vez de responder com fatos, os partidários do Brexit lançavam bravatas; afirmações sem pé nem cabeça sobre imigração, soberania e destino nacional; fantasias sobre um caos purificador. Queriam o país “deles” de volta.

Até o clima parecia ter perdido sua fleuma tradicional: no dia do referendo, caíam trovões ensurdecedores sobre todo o sudeste do país, enquanto uma chuva torrencial inundava as ruas londrinas, provavelmente reduzindo o comparecimento às urnas na capital, onde predominava o sentimento pró-Europa.

Mas, assim como o plácido clima inglês vez por outra assume um comportamento atipicamente volátil, também os cidadãos do país são capazes disso. Por trás do “vamos parar com a ladainha” e do “sinto muito, mas...” esconde-se um traço rebelde. Consultemos novamente a história do país: dos luddistas e cartistas a Johnny Rotten e Margaret Thatcher vê-se que, quando lhes dá na telha, os ingleses não pensam duas vezes para mostrar o dedo médio para o establishment.

Nas páginas de seus jornais, os políticos são tratados com muito mais brutalidade do que na maioria dos outros países europeus. A sátira desempenha papel especial na vida inglesa. Em cada apreciador de uma boa xícara de chá dorme um anarquista à espera de ser provocado. Nesse contexto, a vitória do Brexit parece menos estranha.

Ainda mais porque o veio anti-establishment no fundo não parece estar em contradição com o pragmatismo e a sensatez que costumam sobressair no caráter nacional. Os ingleses podem ser céticos em relação a ideias grandiosas, mas também desconfiam de todo tipo de autoridade.

Como diz Burke, depositam sua fé no saber natural, o senso comum do homem comum. Pragmatismo não é a mesma coisa que deferência. Orwell, escrevendo sobre as canções que eram populares entre os soldados na 1.^a Guerra, observa que: “O único inimigo que chegava a ser nomeado nas letras era o sargento”.

Acontecimentos recentes ajudaram os partidários do Brexit a explorar esse instinto: o colapso financeiro de 2007-2008, a crise da zona do euro e a austeridade subsequente, o escândalo que eclodiu em 2009, envolvendo o uso abusivo de verbas parlamentares, e o fosso cada vez maior entre as áreas

cosmopolitas e xenóforas do país contribuíram para o surgimento de um sentimento de insatisfação que fervia em fogo baixo.

Em janeiro, uma liderança favorável ao Brexit admitiu abertamente que a campanha pretendia pôr o país contra seus líderes. A intenção era deslegitimar sistematicamente as elites políticas, burocráticas e empresariais pró-Europa. E assim foi: ativistas pró-Brexit causaram tumulto durante uma reunião da Confederação das Indústrias da Grã-Bretanha; Michael Gove, o ministro da Justiça que fez campanha pela saída da UE, comparou os economistas que advertiam contra os perigos do Brexit aos nazistas que difamaram as descobertas de Einstein; um folheto impresso pelo governo, esclarecendo as vantagens da permanência na UE, foi denunciado como “propaganda enganosa”.

A revolta dos camponeses. Deu certo. Em inúmeros comícios pró-Brexit era perceptível o sentimento contrário ao establishment, entendido aqui da maneira mais genérica possível, de modo a incluir os bancos (especialmente o Goldman Sachs), o Banco da Inglaterra, as lideranças empresariais, as universidades, os “especialistas” e o primeiro-ministro David Cameron. Num evento pró-Brexit, na região das Midlands, um ativista chegou a denunciar: “Cameron domina a mídia como os alemães dominavam os céus com seus aviões. Precisamos de uma bateria antiaérea”.

O que isso nos diz sobre o incerto mundo novo em que a Inglaterra acaba de lançar a Grã-Bretanha? Nas próximas semanas e meses, tanto as lideranças pró-Brexit, como as pró-Europa falarão, com acerto, da necessidade de ouvir os setores da sociedade inglesa que permanecem alheados do debate público, em particular os eleitores do Norte pós-industrial, que deram mais votos favoráveis à saída da UE do que se previa.

Por outro lado, o fato é que, apesar do arroubo emotivo de quinta-feira, o velho pragmatismo inglês não está morto. Os eleitores não tardarão a se dar conta de que lhes venderam gato por lebre. Não há dúvida de que continuam a ser indivíduos suficientemente pragmáticos e sensatos para querer que os políticos que estiverem responsáveis pelas negociações com os europeus obtenham um acordo com a UE que preserve muitos dos benefícios que até agora a vida no interior do bloco regional lhes proporcionava; que mantenha a Grã-Bretanha como um país tão aberto e próspero quanto possível.

Por ora as lideranças pró-Brexit se congratularão por terem libertado o anarquista adormecido no seio de uma nação no mais das vezes ajuizada. Mas logo o traço inglês mais pujante e familiar - o ceticismo terra a terra - voltará a predominar.

© 2016 THE ECONOMIST NEWSPAPER LIMITED. DIREITOS RESERVADOS. TRADUZIDO POR ALEXANDRE HUBNER, PUBLICADO SOB LICENÇA. O TEXTO ORIGINAL EM INGLÊS ESTÁ EM WWW.ECONOMIST.COM.
